



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CÂMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL – PPGECH**



ELIWELTON IKODIOKA DOS SANTOS RONDON

**A LIDERANÇA TERENA EM MATO GROSSO:
MILTON JORGE TURI RONDON E CIRÊNIO REGINALDO FRANCISCO**

ELIWELTON IKODIOKA DOS SANTOS RONDON

**A LIDERANÇA TERENA EM MATO GROSSO:
MILTON JORGE TURI RONDON E CIRÊNIO REGINALDO FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira.

Barra do Bugres – MT
2026

**ELIWELTON IKODIOKA DOS SANTOS
RONDON**

**A LIDERANÇA TERENA EM MATO GROSSO: MILTON JORGE TURI RONDON E
CIRÊNIO REGINALDO FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT*, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em 14 de maio de 2026

BANCA EXAMINADORA
Documento assinado digitalmente
 **CARLOS EDINEI DE OLIVEIRA**
Data: 14/05/2026 12:32:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira
Documento assinado digitalmente
 **MONICA CIDELE DA CRUZ**
Data: 18/05/2026 09:50:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Mônica Cidele da Cruz
Documento assinado digitalmente
Ex:  **MARLI AUXILIADORA DE ALMEIDA**
Data: 15/05/2026 06:25:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Marli Auxiliadora de Almeida
Examinadora Externa ao Programa (UNEMAT)
Documento assinado digitalmente
 **VERONE CRISTINA DA SILVA**
Data: 14/05/2026 13:01:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Verone Cristina da Silva
Universidade Federal de Rondonópolis (UFR)

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

R771l Rondon, Eliwelton Ikodioka dos Santos.

A liderança Terena em Mato Grosso: Milton Jorge Turi Rondon e
Cirênio Reginaldo Francisco / Eliwelton Ikodioka Dos Santos
Rondon. - Barra do Bugres, 2026.

175f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Carlos Edinei de Oliveira.

1. Terena-MT. 2. Liderança. 3. Xumono e Sukirikiono. I.
Oliveira, Carlos Edinei de. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 316.46-027.61

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos, que me deram suporte durante esta fase repleta de desafios e valiosas lições.

Ofereço essa pesquisa à minha comunidade Terena Kopenoty, de Mato Grosso, que teve um papel direto e indireto na realização desse empreendimento científico.

Dedicação especial ao meu povo Terena, de Mato Grosso, que, por meio de sua luta, resistência, coragem de dois líderes a quem faço menção – (Xumono) Cirênio Reginaldo Francisco e (Sukirikiono) Milton Jorge Turi Rondon –, permitiu que esta geração atingisse suas metas, apesar dos obstáculos do processo histórico de conquistar e estar no território demarcado, T. I. Terra Indígena Terena Iriri Novo, no estado de Mato Grosso.

AGRADECIMENTOS

Nesse processo de caminhada, muitos contribuíram para este projeto acadêmico se tornar realidade. Certamente, o trajeto teria sido mais desafiador sem esse suporte. Em cada ato de apoio e colaboração, percebo a força que me acompanhou durante essa trajetória.

Em primeiro lugar, agradeço a Ituko'oviti, o criador, por ter me concedido sabedoria e saúde para estar à frente desse desafio.

Ao meu orientador, Carlos Edinei de Oliveira, pela habilidade, profissionalismo e empenho com que realizou esse trabalho. Agradeço pelo apoio contínuo, pela paciência e pelas contribuições essenciais para o progresso da pesquisa, sempre incentivando a reflexão crítica sobre o tema estudado.

À professora pela qual tenho muito carinho, Marli Auxiliadora de Almeida. Esse trabalho começou na graduação, que foi de grande importância para o aprimoramento e o redirecionamento dessa investigação.

Aos professores da comunidade Kopenoty e lideranças do meu povo Terena de Mato Grosso, onde busquei informações essenciais cujas recomendações foram fundamentais para o aperfeiçoamento e redirecionamento dessa pesquisa.

Agradeço aos docentes e alunos da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon, assim como os docentes da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovoêro, pelo suporte, pela troca de conhecimentos e pela construção conjunta do saber.

A todos(as) docentes do curso de mestrado profissional no Programa de Pós-Graduação Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECI), na Universidade do Estado de Mato (UNEMAT), com os(as) quais tive a honra de conviver durante a realização dos créditos e que desempenharam um papel fundamental na minha formação acadêmica e intelectual.

Aos colegas de pós-graduação, pela troca de experiências e diálogos acadêmicos, em especial Taropã Tapirapé, pelo apoio recíproco durante esse processo, especialmente nos momentos mais desafiadores.

À minha família, meu pai Eliel Jorge Rondon, mãe Maria Ilma Omakudago, irmãos Ellen Caroline dos Santos Rondon, Eli Jorge Rondon Sobrinho, Emerson dos Santos Rondon e Jhonatan dos Santos Rondon.

À Instituição Escolar onde atuo como professor, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena e à comunidade Terena Kopenoty MT pelo incentivo, pela compreensão e pelo apoio constantes para a realização desse trabalho.

À minha esposa, Jussara Roberto Firmo, pelo apoio essencial nos momentos árdusos dessa caminhada acadêmica. Ao filho Natan Itarian Roberto Rondon e à filha Eloah Ayunné Firmo Rondon.

Por último, agradeço a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desse estudo.

RESUMO

Esta dissertação analisa o papel dos líderes Terena, de Mato Grosso, particularmente Milton Jorge Turi Rondon (Sukirikiono) e Cirênio Reginaldo Francisco (Xumono), na luta pela demarcação de território para o povo Terena, no período de 1998 a 2002. O estudo se baseia em fontes primárias inéditas, como atas, ofícios, documentos internos, fotografias e registros audiovisuais, recuperados após o falecimento do cacique Milton Rondon. Esses materiais demonstram processos fundamentais de mobilização, afirmação da identidade e conquista do território Terena – MT. Com base na pesquisa documental (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009), o estudo visa entender de que maneira a dualidade cultural Terena, manifestada nas metades Xumono e Sukirikiono, direcionou táticas políticas, negociações e confrontos com o Estado brasileiro em um cenário de negligência institucional e violações de direitos. Os resultados mostram que os líderes Milton e Cirênio tiveram papel fundamental na mobilização comunitária, na procura por assistência jurídica, na organização de assembleias e na criação da unidade política que permitiu a conquista da Terra Indígena Terena no norte, estado de Mato Grosso, resultando em decisões judiciais recentes favoráveis ao povo Terena-MT. Como parte de um produto educacional, elaborou-se um Relatório de Práticas Pedagógicas na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, destinado às comunidades Terena, da região norte-MT, com o objetivo de reforçar a memória coletiva, a identidade cultural e o ensino da organização social do povo Terena MT.

Palavras-chave: Terena-MT; Liderança; Xumono e Sukirikiono.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the role of Terena leaders from Mato Grosso – particularly Milton Jorge Turi Rondon (Sukirikiono) and Cirênio Reginaldo Francisco (Xumono) – in the struggle for the demarcation of territory for the Terena people of Mato Grosso between 1998 and 2002. The study is based on previously unpublished primary sources, such as minutes, official letters, internal documents, photographs, and audiovisual records recovered after the death of Chief Milton Rondon. These materials reveal fundamental processes of mobilization, identity affirmation, and the territorial achievements of the Terena people in Mato Grosso. Drawing on documentary research (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009), the study seeks to understand how Terena cultural duality-expressed in the Xumono and Sukirikiono moieties-shaped political strategies, negotiations, and confrontations with the Brazilian State in a context of institutional neglect and rights violations. The results show that leaders Milton and Cirênio played a crucial role in community mobilization, in seeking legal assistance, in organizing assemblies, and in building the political unity that enabled the recognition of the Terena Indigenous Land in the northern region of Mato Grosso, culminating in recent judicial decisions favorable to the Terena people of the state. As part of an educational product, a Pedagogical Practices Report is being developed for the Elio Turi Rondon Terena State Indigenous School, aimed at Terena communities in northern Mato Grosso. Its purpose is to strengthen collective memory, cultural identity, and the teaching of the social organization of the Terena people of Mato Grosso.

Keywords: Terena MT; Leadership; Xumono and Sukirikiono.

RESUMO NA LÍNGUA TERENA

Enepora yutueti koyuhoty nãti Têreno ihay MT. Hã koe ihahiko Milton Jorge Turi Rondon (Sukirikionó) yoko Cirênio Reginaldo Francisco (Xumonó) enomonehiko ra piãti nãti ûti, ape koene isoneuhiko ya koiparaxea ra poke'exa ûti ûha koeti ra vienoxapa Terenoe ihay MT. Xoeynaina 1998 tuku koeti 2002. Yara yutueti noxoahiko apeti nokone ya vitea ra poke'exa uti. Apeti maka ne itatana xumonó yoko sukirikionó omati vexea enepora tivîti vekoku ûti yara estado brasileiro. Noxoa ûti yara voxene vekoku ûha koeti xanena ûti yara voxene vekoku ûha koeti xanena ûti yoko nãti Milton yoko Cirenio, apeya isonoe, ya uha koeti vekoku koane ya konokea vipasikea vipuxovokoku kuati vituke. Ape maka ya isoneuhiko ya kotivikea ra visoneu ya koiparaxea uti ra poke'exa ûti terenoe yayeke xoko poke'exa ûti Terenoe ihay Norte, estado MT. Enomone kôue simiaku ûti yayeke xoko vipuxovoku ûha koeti Terenoe. Ina apeya maka ipuxovokuti – ihikaxoti motovati vihiakaxea uha koeti poînu ûti uha koeti vekoku uti yoko turixeovoku simoku xanena ûti koxunakovovi ya voxeneke ya vihiakaxea kueku kixoku vekoku ya koyuhoya kuahati organização social.

Keywords: Têreno; nãti; Xumono e Sukirikiono.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIMI	–	Conselho Indigenista Missionário
FUNAI	–	Fundação Nacional dos Índios
FAINDI	–	Faculdade Indígena Intercultural
SEDUC	–	Secretaria de Estado de Educação
UNEMAT	–	Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Kohixoty Kipa'e (dança masculina Terena) na aldeia Kuxonety.....	16
Figura 2 – Território Terena Kopenoty de Mato Grosso.....	31
Figura 3 – Prática pedagógica do autor na confecção do cocar Terena.....	36
Figura 4 – Terra indígena Terena Iriri Novo.....	40
Figura 5 – Território ancestral Terena-MT.....	49
Figura 6 – Registro do desfile Terena-MT.....	56
Figura 7 – III Assembleia Geral do povo Terena-MT – Aldeia Kuxonety.....	70
Figura 8 – Ata da Assembleia Ordinária (2000).....	73
Figura 9 – Ata de Assembleia da comunidade Terena (2001).....	75
Figura 10 – Dados oficiais da demarcação território Terena Iriri Novo.....	77
Figura 11 – Cacique Cirênio liderando reivindicação na aldeia Kopenoty.....	81
Figura 12 – Cirênio passando o bastão de liderança.....	89
Figura 13 – Carta de Cirênio Reginaldo ao povo Terena-MT.....	90
Figura 14 – Milton Jorge Turi Rondon.....	91
Figura 15 – Cartaz em homenagem ao cacique Milton, na Semana Indígena Intercultural-MT.....	96
Figura 16 – Reunião com autoridades em Cuiabá (juízes e promotores, Sinfra).....	97
Figura 17 – Protestos e reivindicação Terena-MT.....	98
Figura 18 – Representação em miniatura da aldeia Kopenoty-MT.....	101
Figura 19 – Apresentação especial da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena na Semana Indígena Intercultural Terena-MT.....	103
Figura 20 – Desfile ancestral feminino Terena-MT.....	104
Figura 21 – Registro da apresentação de dança Terena-MT na Semana Indígena Intercultural.....	105
Figura 22 – Apresentação especial da aldeia Kopenoty em Kuxonety Poke'e.....	106
Figura 23 – Fotografia Histórica Terena-MT (1998 a 2002).....	107
Figura 24 – Resultado dos trabalhos maquete (Patrono 2025).....	111
Figura 25 – Grupo Hanaiti (Patrono 2025).....	113
Figura 26 – Registro do teatro “Saída do povo Terena do estado de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso.....	114

Figura 27 – Conclusão da atividade pedagógica usando as cores do Xumono e Sukirikiono.....	116
--	-----

SUMÁRIO

O PESQUISADOR.....	16
TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR.....	16
TIO QUE PARTIU CEDO.....	20
MOTIVOS DA SAÍDA DE MATO GROSSO DO SUL.....	22
ENCHENTE DO RIO VERMELHO.....	23
ALDEIA TERENA – CAMPO NOVO.....	25
ALDEIA TERENA – LAGO AZUL.....	26
FUNDAÇÃO DA ALDEIA KOPENOTY.....	28
INTRODUÇÃO.....	37
1 O POVO TERENA DE MATO GROSSO.....	48
1.1 OS ANCESTRAIS DO POVO TERENA-MT.....	48
1.2 ÊXIVA: O TERRITÓRIO ONDE NASCE O POVO TERENA-MT.....	48
1.3 BREVE CONTEXTO DA HISTÓRIA DE CONTATO.....	52
1.4 LUTA, TERRITÓRIO E ORGANIZAÇÃO INDÍGENA NO PERÍODO DA DITADURA (1980-1982).....	53
1.5 TERENA-MT.....	55
1.6 HÉLIO TURI RONDON (<i>TORIPOKO</i> OU <i>TURIPUKU</i>).....	58
1.7 BREVE HISTÓRICO TERENA DE MATO GROSSO NA III ASSEMBLEIA GERAL TERENA MT.....	59
1.8 MEMÓRIA DOS ANCIÃOS E LIDERANÇAS SOBRE A SAÍDA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL.....	66
1.9 DOCUMENTOS QUE SUSTENTAM A TRAJETÓRIA DE REINVINDICAÇÃO DOS TERENA-MT.....	71
2 MILTON JORGE TURI RONDON E CIRÊNIO REGINALDO FRANCISCO: VIDA E LIDERANÇA.....	79
2.1 CIRÊNIO REGINALDO FRANCISCO.....	80
2.2 MILTON JORGE TURI RONDON.....	91
2.3 AS ESTRATÉGIAS DE MILTON E CIRÊNIO NA LUTA PRESENTE.....	96
3 AS ALDEIAS DO POVO TERENA NO MATO GROSSO NO TEMPO PRESENTE	100
3.1 ALDEIA KOPENOTY TERENA-MT.....	101
3.2 SEMANA INDÍGENA INTERCULTURAL TERENA-MT.....	103

3.3 O PATRONO.....	107
3.4 FORMAÇÃO DE GRUPOS DE TRABALHO – PATRONO.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
DOCUMENTOS ANALISADOS.....	119
REFERÊNCIAS.....	121

O PESQUISADOR

TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

A imagem a seguir apresenta o autor se preparando, nos últimos ajustes, para entrada no ritual de apresentação cultural, dança masculina do povo Terena, de Mato Grosso, cuja festa é chamada de *Semana Indígena Intercultural Terena*. No encontro, reúnem-se todas as aldeias Terena do norte e convidados, assim como outros povos indígenas vizinhos, a fim de participar da semana de festa e jogos. Esse registro é do mês de abril de 2025, do contato direto com a educação tradicional do meu povo.

Figura 1 – Kohixoty Kipa'e (dança masculina Terena) na aldeia Kuxonety



Fonte: o autor (2025).

Em cada um de nós está uma história, um complexo de memórias, sentimentos, experiências e aprendizados do nosso povo. Internalizados desde cedo, são

sentimentos de pertencimento, desde interações simples do dia a dia, ao mais difícil. No mundo de diferentes histórias, buscamos conhecer a nossa para que possamos lidar melhor conosco e com aqueles que estão em nossos arredores.

Na busca pela construção desse diálogo acadêmico, vamos trazer experiências, dentro da “Escola Indígena Desejada”, subtítulo das Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais (2010, p. 246). É uma realidade vivenciada pelo pesquisador, que mostra a caminhada de luta antes dos familiares e depois, após o nascimento até chegar à escola.

Nesse sentido, os documentos mencionados que retratam do amparo legal, projeto de resoluções que instituem nosso direito de pesquisador. Reafirmo as resoluções do Parecer CNE/CEB nº 13/2012, aprovado em 10 de maio de 2012 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (2012), Orientações Curriculares para a Educação Escolar Indígena (2010), pois somente com luta buscamos fortalecer nossa categoria e o direito à educação específica e diferenciada, conforme assegura a Constituição de 1988.

Diante disso, trago no presente trabalho a biografia do professor Micael Turi Rondon (2022, p. 2) para ajudar em nossa produção, para “Perceber a importância da cultura e preservar é fundamental para cada um de nós indígenas continuarmos existindo como povos originários”. Nesse passado de se encaixar peça por peça, buscamos continuar nossa história e lutar por um lugar no mundo.

Como diz o historiador e arqueólogo Kadumago, em um dos vídeos em seu canal do YouTube, “[...] é impossível desvencilharmos do passado, pois ele está dentro de nós, na memória e no coração”. Buscar conhecimento sobre nossa origem é uma tarefa que nos foi dada, missão que se torna um grande presente, isto é, descobrir quem verdadeiramente somos para assim podermos saber quais serão os próximos passos a serem andados.

Este capítulo autobiográfico, longe de se autogloriar, é um convite para juntarmos experiências, nesse espaço acadêmico, e mostrar às nossas crianças a importância de aprender e praticar nossa cultura e a arma de defesa dos dias atuais, o papel e a caneta (conhecimento ocidental). Faço uso das palavras do colega indígena, jovem liderança, Jovanes Arara, do povo indígena Arara, em sua produção de áudio e vídeo (2020), no período de estudos de licenciatura em Pedagogia e Licenciatura Intercultural Turma 2016/2022, da FAINDI Faculdade Indígena Intercultural – UNEMAT, Barra do Bugres-MT.

Isso é interessante para nós. Porque nós sabemos que. Nós formandos essas crianças, eles não deixando o costume tradicionais deles, mas também aprendendo a educação escolar do não indígena, a gente prepara eles para os dois mundos. Nós vivemos em dois mundos. (Jovanes Arara, 2020).

Foram esses pensamentos que ele sempre defendeu também em reuniões, universidade e encontro de lideranças, desde a entrada na Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI – Barra do Bugres (2016), estado de Mato Grosso.

Portanto, compartilho aqui minha vivência traçada em duas realidades, experiência que pode inspirar outros estudantes a lutar por espaço e defender nossa origem indígena do silenciamento e da desvalorização dos saberes ancestrais.

Divido um desejo profundo, compartilhado por mim, da realização dos que me apoiam, pais, familiares e povo Terena de Mato Grosso, sonho que está se tornando realidade. Dentro do núcleo familiar de meus pais, sou o filho mais velho, o primeiro a ter graduação – Ensino Superior. Nesse momento, busco o nível de Mestre em Educação, pelo curso de Mestrado Profissional no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECCI), na Universidade do Estado de Mato (UNEMAT). Apresento aspectos que considere importantes para contribuir na vida profissional, pessoal e cultural das pessoas que acessarem essa pesquisa.

Antes da minha chegada ao mundo, meu povo Terena foi marginalizado aproximadamente 20 anos no estado de Mato Grosso, em especial no município de Rondonópolis. Sobre esse trajeto faço também um breve relato para que possam entender e conhecer a história do povo Terena e sua ligação direta com a vivência da minha família, do primeiro grupo nesse Estado.

Meus antecessores, familiares paternos, lutaram para que eu pudesse usufruir do território na região norte. São eles: Helio Turi Rondon (*Toripoko, in memoriam*), avó Catarina Jorge (*Atau*), Cilta Jorge (*in memoriam*), Milton Jorge Rondon (*in memoriam*), Cleofa Jorge Rondon, Eliude Jorge Rondon, Eli Jorge Rondon (*Tito, in memoriam*), Eliel Jorge Rondon.

Sou o professor Eliwelton Ikodioka dos Santos Rondon, licenciado em Ciências Sociais, turma 2016/2022 pela Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI), da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e mestrando no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional de Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECCI – Turma (2024/2025).

Meu nascimento aconteceu em 08 de julho de 1994, na aldeia Tadarimana, território do povo indígena Boe Bororo, município de Rondonópolis, Mato Grosso-MT, tempo que o povo Terena vivia entre os Bororo, na beira do rio vermelho.

Na simplicidade, encontro a grandeza da minha origem indígena Terena do norte. Em minhas veias corre o sangue de três povos originários: Terena, Tapirapé e Bororo. Resido na aldeia Kopenoty, território Kopenoty, a primeira comunidade Terena constituída na região norte, após conquistar a área demarcada. Faço das palavras “*Lutei sem medo*”, mensagem do cacique Milton Rondon, *banner* da Semana Indígena Intercultura Terena (2025), e “Tive que passar a vergonha de fechar a BR em Rondonópolis para garantir a terra a meu povo que é nossa por direito”, palavras do cacique Cirênio Reginaldo, no Protocolo de Consulta e Consentimento Povo Terena (2021, p. 5). A partir do discurso dos caciques referenciados acima, percebemos a luta do povo Terena de Mato Grosso para garantir a Terra Indígena Terena Iriri Novo, município de Matupá, e o território da aldeia Kopenoty, no município de Peixoto de Azevedo, localizada no extremo norte do estado de Mato Grosso.

Meu pai é Eliel Jorge Rondon, filho mais novo de Hélio Turi Rondon, fruto da miscigenação Tapirapé (avô) e Terena (avó). Minha mãe se chama Maria Ilma Omakudago (indígena Boe Bororo). Sou o primogênito de um total de cinco irmãos e após eu nascer veio Ellen Caroline dos Santos Rondon, Eli Jorge Rondon Sobrinho, Emerson dos Santos Rondon e Jhonatan dos Santos Rondon, nessa sequência. Todos, filhos de único pai e mãe.

Tenho irmãos por parte de pai, Lucas Borobó Rondon e Luciene Borobó Rondon, fruto do primeiro casamento de meu pai. No entanto, somente com o Lucas tivemos convivência próxima, pois a outra irmã, por parte de pai, ficou distante de nós, permanecendo somente em território Boe Bororo.

Meus avós paternos Hélio Turi Rondon (Tapirapé) e Catarina Jorge (Terena) e avós Maternos Martinho dos Santos Ikuie Ekureu (Boe Bororo) e Emilia Abreu Aroe Ewabo (Boe Bororo). Ressalto, nesse trabalho, a vivência dos avós paternos.

Hoje com papel de liderança na aldeia Kopenoty, sou pai de dois filhos com Jussara Roberto Firmo, indígena Terena. Meu filho chama-se Natan Itarian Roberto Rondon e minha filha Eloah Ayunné Firmo Rondon. Tenho um filho chamado Eliezer Rondon Tapirapé, que mora com os avós maternos na aldeia Buriti, território Tapirapé-Urubu Branco, o qual foi gerado antes do meu atual casamento.

Para que possam conhecer um pouco mais sobre o pesquisador, detalharei lembranças de meu pai, Eliel Jorge Rondon, memórias após os anos de 1982, acontecimentos que antecedem meu nascimento, recortes do trajeto de migração da família pioneira Terena no Mato Grosso, estadia no território Boe Bororo na beira do rio Vermelho¹, eventos após meu nascimento: deslocamento de nossas aldeias em área de fazendeiros (Rondonópolis), bloqueio das rodovias BR-163 e BR-364, conquista do território, chegada em União do Norte, fundação aldeia Kopenoty, Turipuku, Inamaty e Kuxonety, criação da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”. São relatos do velho pai, que têm ligação direta com minha vida, antes e após meu nascimento.

TIO QUE PARTIU CEDO

Conhecido como Eli Jorge Rondon (Tito), tio falecido, do qual meu pai tem muitas recordações de infância. Vou compartilhar recortes e lembranças, sendo impossível esconder as emoções quando memoriadas. Sempre ao fazer essa volta ao passado, há emoção da época que moravam em Mato Grosso do Sul.

Na sequência de irmãos, meu tio, Tito era o filho nascido entre o meio, entre tia Cleofa e Eliúde, sendo o segundo mais velho. Desde cedo aprendeu a ter responsabilidades de cuidar da família, trabalhando na roça e com outros meios de ajuda no sustento. No tempo em que os demais eram pequenos, a preocupação dele sempre foi de ajudar o pai, Hélio Turi, e manter e não deixar faltar alimentação para os demais integrantes do núcleo familiar, na instituição familiar do avô, Helio Turi Rondon.

As lembranças do meu pai se fizeram em uma tarde aqui na aldeia Kopenoty, município de Peixoto de Azevedo², no final de mês agosto de 2025, em conversas aleatórias com ele, quando até um ensaio sonoro de cigarras teve início, pois elas começaram a cantar nas árvores acima de nossas cabeças, nos pés de frutíferas aqui da aldeia. Muitas cigarras começaram a cantar ao mesmo tempo e, ao ouvir o som,

¹ O rio está na Região Sudeste, estado de Mato Grosso. Às margens do Rio Vermelho, que atravessa o centro da cidade de Rondonópolis, de um lado está a área urbana e, do outro, o território Boe Bororo, onde ficam as aldeias Pobore e Tadarimana.

² Peixoto de Azevedo é um município do estado de Mato Grosso (IBGE, código 5106422), com cerca de 4.433,775 km² de área territorial, estimativa populacional de 32.714 habitantes em 2022, emancipado politicamente em 13 de maio de 1986 (IBGE, 2022).

penso que despertou no meu pai lembranças do tempo de infância no estado de Mato Grosso do Sul, lembranças do tio (Tito) Eli. Antes de contar da recordação, ele disse assim: “As nuvens estão abaixando, tão ficando carregadas” e com isso completou “as cigarras cantando é sinal que não vai demorar para chover, elas ‘tão’ chamando a chuva”.

Meu pai conta que quando moravam em Mato Grosso do Sul, no tempo que havia muitas cigarras cantando, meu tio Eli separava um dia só para juntá-las, pois era sinal que no outro dia era certeza da pescaria. Na madrugada seguinte, saía sozinho para beira dos córregos, do T. I. Buriti, e passava o dia na busca de peixes. Meu pai não sabe explicar como ele conseguia capturar o peixe piraputanga³. É difícil pescar esse peixe nos córregos, já que ele é muito sensível a barulhos e qualquer ruído na beira, principalmente de pessoas, as pessoas descrevem assim: “eles são muito ariscos”. Essa palavra serve para definir que não se pode chegar perto. No entanto, após o meio-dia, sem falhar na pescaria, o tio chegava com várias pirapitangas em casa.

Essa é uma lembrança e uma de suas habilidades que não morrem nas palavras e memória do meu pai Eliel Jorge Rondon. O tio Eli tinha também na sua característica a paciência, já que não era fácil pescar o peixe piraputanga no córrego pequeno como ele fazia. Tinha que ter tranquilidade e isso ele dominava muito bem.

O falecimento do tio Eli é uma memória que a nossa família sempre carrega. Meu pai, Eliel Jorge Rondon, lembra que ele tem como característica ser uma pessoa de paciência, tranquilidade, e culturalmente percebemos que seguia a metade clânica, (Sukirikiono), comportamento característico da pessoa que sabe escutar, dialogar e que qualquer ação é bem pensada antes de agir.

Quando saíram do município de Sidrolândia, em 1978, após passar uma temporada na cidade, foram direto para aldeia Buriti, perto da divisa com Água Azul e Barreirinho, T. I. Buriti-MS. Ali formaram uma moradia e começaram de novo a vida, seguindo o trabalho na roça. Naquele tempo, fizeram uma roça grande, com plantio

³ Nome popular piraputanga, nome científico *Brycon microlepis*, *Brycon hilarii*. Família *Chacidae*. Descrição: peixes de escamas, corpo alongado e um pouco comprimido. Logo após retirados da água, a cor é amarelada, a nadadeira caudal é vermelha, com uma faixa preta que começa no pedúnculo caudal e chega até os raios centrais da nadadeira caudal. Alcançam cerca de 50 cm de comprimento total e 2,5 kg. Era comum pescar esse peixe nos córregos de Mato Grosso do Sul, T. I. Buriti, município de Dois Irmão do Buriti-MS.

de arroz, milho, feijão, e para complementar a parte da alimentação, compraram uma roça de mandioca para fazer farinha.

Nesse tempo, meu avô, Helio Turi Rondon, tinha um carro de boi puxado pela junta de bois, que era transporte de tudo, carregava os mantimentos da roça, servia para tudo que a família precisava.

Foi nesse tempo que aconteceu a tristeza com meu tio Eli. Ele era novo, cheio de energia, mas em uma brincadeira de jovens energéticos, em uma disputa de carregar mais rápido os sacos de arroz para o carro de boi, o tio fez força inadequada ao erguer o peso e sentiu um estalo nas costas. Os primos fizeram brincadeira (zoação) dele, que não conseguia erguer o saco de arroz. Aparentemente, no local com os demais familiares, imaginava ser apenas uma dor nas costas e fraqueza de passar o dia na roça.

Ao passar o calor do trabalho, o corpo começou a inchar: mão, pé, rosto. Foi um momento de grande preocupação. O cunhado da família João Spigot ajudou a levar em hospitais, indo até o estado de São Paulo. Fizeram tudo que podiam, mas não teve jeito. Em 1981, ele acabou falecendo.

Os médicos relataram que ele sofreu um rompimento nos órgãos internos do corpo. Aos poucos os órgãos foram parando de funcionar e danificando em sequência outras partes sucessivamente, indo a óbito e finalizando ciclos em todos os sentidos para minha família, até de permanecer no território T. I. Buriti-MS.

Essa lembrança está marcada em minha família, porque mostra como nossa vida sempre foi de luta na roça, mas também de dificuldade quando precisava de saúde. Esse fato foi tão forte, sendo até um dos motivos do avô planejar e abandonar o estado Mato Grosso do Sul na tentativa de levar a família para morar com seu povo de origem, os Tapirapé.

MOTIVOS DA SAÍDA DE MATO GROSSO DO SUL

A mudança para Mato Grosso aconteceu em uma decisão repentina e imediata, logo após a perda da vida do tio e tia, Eli Jorge Rondon e Cilta Jorge. O sofrimento foi grande demais para avô Hélio Turi permanecer naquele território, Mato Grosso do Sul.

Essa lembrança aparece também no trabalho autobiográfico do Terena, Micael Turi Rondon (2022, p. 7), descrito assim “Os falecimentos dos filhos ocorreram em um único ano e foram momentos sofredores para a família, com muita tristeza e desgosto

por tudo que estava acontecendo a família não queria morar mais naquele lugar”. O avô Hélio, antes do casamento com a avó Catarina, o plano desde o começo era encontrar seu povo de origem, Tapirapé, na região do Araguaia. Em busca e indo à procura de informações nos polos indígenas na época, foi que chegou à aldeia Terena T. I. Buriti, criando vínculos com o povo Terena, sucedendo meus familiares.

Com a perda de filhos, esses acontecimentos fizeram meu avô repensar sobre a região Araguaia, território de onde foi retirado na infância.

A família não queria morar mais naquele lugar após os falecimentos, pois se perdeu a razão de permanecer e decidiram sair definitivamente para Mato Grosso. Foi nesse espírito de procurar um alívio que meu avô pensou em buscar reencontrar o povo de origem. Ele reuniu a família e decidiu se levantar, deixando o Mato Grosso do Sul para seguir rumo a Mato Grosso. Porém, por dificuldade financeira, nem todos puderam ir junto. Ao chegar a Cuiabá, procurou a Funai pedindo apoio, alojamento e orientação. Como forma de resolver o problema rapidamente, indicaram estadia em território do povo Bororo. E assim foi feito. A instituição de apoio Funai, naquela situação e pensando na melhor escolha, levou ao território Boe Bororo, no entanto ainda não sabia que tempos depois teria uma situação mais desafiadora em relação aos conflitos de convívio, em razão das diferenças culturais dos dois povos indígenas, Terena e Boe Bororo.

ENCHENTE DO RIO VERMELHO

Por volta de 1988, no mês de março, houve um acontecimento climático que mudou novamente os rumos e mais uma vez os planos do meu avô, Hélio Turi, no território Bororo, na beira do rio Vermelho. O velho Hermes Borobó, nativo daquela região e conhecedor do tempo e do clima, morador da aldeia Poboré, localizada à beira do rio Vermelho, município de Rondonópolis-MT, conhecia muito bem a interferência do clima de tempo em tempo, na vida cotidiana. Ele alertava do cuidado com a enchente do rio, pois existia um período que essa inundação chegava de repente, sem chances para salvar os alimentos da roça e as canoas.

A família não acreditava muito, porque nunca viram um acontecimento assim. Meu pai lembra que as casas da família foram construídas em um barranco alto e no entendimento dele não tinha chance de a água alcançá-las.

Porém, meu pai lembra que foi em uma segunda semana do mês de março de 1988 que iniciou uma leve chuva e de repente perceberam o rio transbordando, árvores inteiras, fazendo arrastão em tudo que estava na frente.

Meu avô tinha feito uma roça grande, perto do rio vermelho, divisa com a Fazenda Pontal⁴. A produção estava bonita e já tinham colhido três pilhas de arroz, cada uma com uns quinze a vinte metros de altura, muita fartura. Meu pai relembra as palavras do avô, Hélio, que dizia que a “colheita rendia de dois a três sacas por metro”. Ia ser uma colheita boa.

Mas naquele mês de março, especificamente na segunda semana de 1988, veio a enchente, conhecida como São José, que foi muito forte. “A água entrou na nossa casa e levou tudo o que a gente tinha plantado”, palavras pronunciadas por meu pai, Eliel, e acabou com os mantimentos do ano inteiro.

Aquele ano a enchente pegou a minha família de surpresa. Existia uma lagoa, que acabou complementando com a água do rio, invadindo a roça. O plantio de arroz, que estava no ponto de colheita, foi todo perdido.

Nesse tempo, meu avô Hélio quase perdeu a vida. Na enchente do rio, ele foi tentar salvar uma canoinha que um amigo tinha emprestado e que a enchente estava levando, então desceu correnteza rio abaixo, quando meus tios e pai perceberam que não voltou no final dia, procuraram o resgate com o Corpo de Bombeiros. Após ficar desaparecido três dias, o batalhão de profissionais o encontrou em um rancho de pescador, bem debilitado, porém vivo. O barquinho, motor que saiu para tentar salvar, nunca mais foi visto. Nem a canoinha que tentou salvar, nem o barco que utilizou para ir atrás. Meu pai relata que o avô não consegue ter lembrança do que aconteceu das canoas e motor. O avô Hélio disse assim quando o acharam, quilômetros, rio abaixo: “Aqui tem comida para fazer, eu estava esperando o rio abaixar para ir embora”. No relato feito ao Corpo de Bombeiros, o pai, Eliel, considerou que o avô Hélio poderia estar com perda parcial de memória.

A enchente marcou muito a família. Não foi só a perda da roça, mas quase perdemos integrantes da família também, naquela água brava. Após superar esse momento de tensão, o avô Hélio voltou a refletir sobre seu povo na região do Araguaia.

⁴ A fazenda Pontal era uma área que fazia divisa com o território Boe Bororo, T. I Terra Indígena Tadarimana, perto da aldeia Pobore, ano de 1988, e do rio Jurigue, na língua Boe Bororo (madeira seca). Dentro desse rio Jurigue tem muita árvore seca (Fonte: consultor nativo, Eliel Jorge Rondon, indígena, povo Terena de Mato Grosso).

ALDEIA TERENA – CAMPO NOVO

O nome Campo Novo era o nome da fazenda. Lembro que moramos por um tempo nesse local, onde meu povo Terena construiu uma aldeia provisória com o nome, aldeia Campo Novo.

A área é um pouco afastada, de 10 a 11 quilômetros da cidade de Rondonópolis-MT. A minha idade estava na faixa dos 5 anos de idade e nesse lugar nossa aldeia era improvisada, com pequenas cabanas para o abrigo. Fomos morar naquele lugar em razão de a Funai prometer para o nosso povo a demarcação daquele território. Meu tio, Milton, o cacique, em conversa com todos os integrantes, tinha em mente aquele espaço como possibilidade de negociação e demarcação.

Meu pai lembra que a demarcação não foi concluída devido a irregularidades nos requisitos relacionados aos nomes dos fazendeiros. Havia mais de um proprietário, o que interrompeu a concretização do processo.

O modelo das casas na aldeia improvisada Campo Novo era simples, feito com folhas de coqueiro e lona, algo temporário. Mesmo assim, imagino que o dono da fazenda, com medo de perder a área e pela falta de diálogo, logo contratou capangas para expulsar todo o nosso povo do local.

Isso ocorreu quando o proprietário percebeu que não seria possível a negociação. Diante disso, contratou pistoleiros para intimidar e expulsar nosso povo da fazenda. Lembro que minha mãe me orientava, à noite, antes de dormir, a permanecer em silêncio e não fazer barulho, pois, na entrada da fazenda, havia uma ponte de madeira, conhecida popularmente como “mata-burro”, onde os pistoleiros efetuaram disparos com arma de fogo. Havia o risco real de confronto entre os guerreiros do nosso povo e os atiradores contratados.

Na época meu tio, Milton Rondon, o cacique, entendeu o plano do proprietário da fazenda com essa ação, de intimidar e expulsar, em seguida convenceu o nosso povo a mudar de lugar. E fomos morar em uma chácara alugada pela Funai, com nome *Lago Azul*. Ali formamos a aldeia Lago Azul, perto da BR-163, próximo da cidade de Rondonópolis-MT.

ALDEIA TERENA – LAGO AZUL

A chácara chamada de Lago Azul era uma propriedade do político Welinton Fagundes. Sob a liderança de Milton Jorge Rondon, nosso povo, a Funai e o proprietário da chácara chegaram a um acordo mútuo, permitindo que pudéssemos ocupar aquele espaço, até a demarcação do território ao povo Terena de Mato Grosso.

Após a negociação com líderes, as nossas mudanças foram levadas em cima de caminhões, e aos poucos foram ocupando a área da chácara. A nova área de acampamento ficou próximo à rodovia, BR-163 e próximo à cidade de Rondonópolis. Lembro que saindo da cidade, tinha um posto de combustível chamado Trevão, na primeira baixada à direita que dava acesso à entrada da chácara. Posteriormente viemos chamar aquela chácara de aldeia Lago Azul.

As casas construídas seguiam o formato da estrada, que dava acesso à entrada e saída da aldeia, próximo à rodovia, BR-163. Cada família fez sua casa de madeira, coberta com sapé e capim específico, que o povo Terena usa para fazer a casa tradicional.

Lembro que foi nessa aldeia Lago Azul que meu pai começou a me ensinar a usar o arco e a flecha, porque no fundo da chácara tinha a área do exército, onde faziam os treinamentos militares, e era nessa reserva militar que íamos buscar o material que faz a flecha, chamado de taquari ou taboquinha.

Ao formar nossa aldeia, na chácara Lago Azul, antes de nossa chegada havia uma residência com moradores, um casal com duas filhas. Após o barracão da chácara, indo sentido ao fundo, tinha o lago que dava nome ao lugar.

Nesse local, aldeia Lago Azul, foi onde mais aconteceu movimentos de bloqueio de rodovia, tempo de grande tensão. O professor doutor Paulo Isaac (2004) descreve assim em sua pesquisa.

No período entre março de 1998 e dezembro de 2002, foram realizados 25 movimentos de bloqueios às rodovias BR-364 e BR-163, além de outras três ações à margem dessas rodovias, que não se configuraram como bloqueios. Outros movimentos de mobilização e lutas foram realizados, tais como: audiências com os então Ministros da Justiça, José Carlos Dias (em novembro de 1999), e dos Transportes, Eliseu Padilha, (em maio de 1999), com presidentes da FUNAI (três deles visitaram Rondonópolis por causa dos conflitos dos Terena: Márcio P. Lacerda, em março de 1999; Carlos Frederico Marés, em janeiro de 2000, e Glênio da Costa Alvarez, em outubro de 2001). (Isaac, 2004, p. 82).

Uma mobilização que é sempre lembrada pelos mais antigos, o inesquecível bloqueio, conhecido como os “5 mil caminhoneiros”, algo vivo na memória dos guerreiros que presenciaram esse momento na rodovia BR-163.

Já se fazia três anos de promessas e as instituições do governo e seus representantes não cumpriam suas palavras. E nisso o povo Terena de Mato Grosso fechava e desbloqueava a rodovia, chegando a um momento que ninguém suportava mais aquela situação. As lideranças então resolveram fechar sem opção de desbloqueio, mas não sabiam ao certo se levaria três, quatro dias ou uma semana. Porém, o pensamento foi esse, os Terena-MT só iriam liberar a pista com a presença de representantes oficiais do governo e com um documento formal descrevendo a demarcação do território.

Após se reunir internamente, o povo Terena MT decidiu fechar a rodovia por tempo indeterminado e foi para a beira da BR-163, momento que ficou conhecido como “os 5 mil caminhoneiros”. O processo do nosso pedido de território já se arrastava por três anos, e todos exaustos com falsas promessas. Indignados, foram bloquear a rodovia sem previsão de desbloquear. Trago a memória de lideranças desse momento, quando Eliel Rondon me lembra assim, em 2025, na aldeia Kopenoty.

Ficamos cinco dias com a rodovia bloqueada. Aí, do terceiro para o quarto dia, já estava todo mundo no estresse, assim como os caminhoneiros também, né? Com certeza. E aí eles se uniram na frente do posto Trevão, eram mais de cinco mil caminhoneiros, e resolveram descer ladeira abaixo. Nós éramos duzentos e poucos, não dava trezentos guerreiros, ali na rodovia [...] O Milton Rondon montou a estratégia assim: quando um gritar, todo mundo gritar também. Colocou umas seis pessoas nas laterais, onde tinha só colonhão alto. Aí passaram. Na hora que vimos os caminhoneiros, que já tinham avisado que estavam vindo, para a gente abrir ou deixar eles passarem. Eu, avistei eles, então passei correndo com a espingarda na mão. Aí a gente gritou e começamos a chacoalhar o colonhão. Uns gritaram, trotaram, seis pontos estratégicos, dando a impressão de que havia muita gente no meio do colonhão. O pessoal parou e viu que estávamos armados, né. Eles falaram: “Cuidado, eles estão armados! Eles estão armados!”. Quando falaram isso, eles pararam e voltaram para trás. Eles tinham conseguido uma carreta de cabo de machado, mas voltaram correndo. O pessoal correu atrás deles: Marcelo, Caburé, Fernando e uma turma de gurizada que estava lá. Correram atrás desses caminhoneiros, alcançaram quase que pegaram um. Eles largaram um cabo de machado, para trás. Tomaram uns cinco ou seis cabos de machado que ficaram no caminho. E aí, foi um conflito bem pesado, né. Foi um dos conflitos mais intensos que tivemos com os caminhoneiros. Esse dia foi muito tenso, a gente pensou que seríamos atropelados por eles. (Entrevista concedida por Eliel, em 28 de setembro de 2025, aldeia Kopenoty).

Essa é a lembrança de Eliel Jorge Rondon, um momento marcado por tensão e estresse, vivido pelo meu povo e pelos caminhoneiros, em um dos 25 bloqueios realizados na aldeia Lago Azul. Eu me recordo com poucas lembranças desse tempo, por isso busquei referência na memória do meu pai para me ajudar a recordar.

Foi nesse contexto que iniciei minha vida acadêmica, com sete anos de idade, na aldeia Lago Azul. As aulas eram ministradas no barracão da chácara, que não tinha paredes, sendo um espaço aberto.

FUNDAÇÃO DA ALDEIA KOPENOTY

A história da fundação da aldeia Kopenoty está ligada à necessidade do povo Terena de Mato Grosso em encontrar um lugar seguro e definitivo para sua instalação e constituição de aldeamento no norte. Depois de deixar a aldeia Lago Azul, às margens da BR-163, em Rondonópolis-MT, nosso povo seguiu rumo ao norte do estado. No início de 2003, ao chegar ao município de Peixoto de Azevedo, aconteceram fatos que marcaram esse processo.

Segundo Samuel da Silva Colman, liderança da aldeia Kopenoty, 48 anos de idade, em entrevista concedida em 23 de setembro de 2025, “Nós chegamos em União do Norte e ficamos uma noite, e no dia seguinte fomos para o Iriri. Chegamos na beira do rio Iriri à noite, debaixo de chuva, do outro lado da bucha”.

A chegada do povo Terena no norte do estado ocorreu no período das águas, como é conhecido. O guerreiro Samuel Colman lembra que havia “água, água, água”, palavras usadas para descrever que as chuvas eram tão intensas nos meses de janeiro e fevereiro no norte do estado de Mato Grosso.

O plano, desde a saída de Rondonópolis, aldeia (Lago Azul), seria com destino à Terra Indígena Terena Iriri Novo, em Matupá, mas a cheia do rio Iriri impediu a travessia da ponte de madeira, chamada de “bucha”. Como estava chovendo muito e havia muitas crianças, as famílias, com a decisão dos líderes, decidiram, em consenso, voltar para o Distrito de União do Norte. A situação climática fez com que todos retornassem para a vila próxima, o Distrito União do Norte.

Se nós tivéssemos conseguido. Eu acho que se nós tivesse chegado de dia, nós não tinha voltado, sabe? Ou então, se não tivesse chovendo muito também, eu acho que nós não tínhamos voltado. Porque o pessoal. Tinha muita gurizada, né? Turma do Bulgão, seu pai, Caburé, essa turma tudo. Tinha muita gurizada, assim. Então, se não tivesse chovendo ou se fosse de

dia, a gurizada ia animar ali. Cada um já ia fazer um barraco ali, já ia fazer um negócio ali, já ia ficar por ali mesmo. [...] É, agora como ninguém conhecia nada, chuva, chuva, chuva, frio, e criança, aí o pessoal falou, não, vamos voltar então. (Samuel Colman, entrevista concedida em 23 de setembro 2025).

Samuel lembra que a criação da aldeia Kopenoty só foi possível pela circunstância de voltar para União do Norte, Peixoto de Azevedo-MT. Ele relembra que os materiais de construção da aldeia já estavam em negociação de compra para a fundação da comunidade sonhada, planejada antes de sair às margens da rodovia, BR-163.

O cacique Milton Rondon falava com eloquência da construção de uma aldeia “modelo” e que nós seríamos referência aos demais povos indígenas em administração, educação e culturalmente. Outros viriam conhecer o nosso povo Terena-MT.

Em seu discurso, o cacique Milton sempre dizia que ia criar uma aldeia que seria referência em administração, trabalho, educação, cujo nome era Kopenoty. Para ajudar nessa memória histórica, tem as contribuições do cacique José Carlos Firmo (65 anos) e Samuel Colman (48 anos). Assim, consideramos fundamental compreender como se deu a criação da nossa comunidade, a partir daqueles que vivenciaram esse momento desafiador e de incertezas, na chegada ao Distrito União do Norte, território atual Terena-MT. Até a presente data, os registros escritos são escassos sobre a fundação da aldeia e esse relato ajuda os estudantes a entenderem a história do povo Terena de Mato Grosso.

Houve uma tentativa frustrada de acessar o território, quando o povo Terena voltou debaixo da chuva, à noite, à beira do rio Iriri, do local que fica fora do limite territorial. Nessa volta para a vila (Distrito União do Norte), chegamos ao restaurante da Lena, perto do antigo Correio. Muitos ficaram ali por alguns dias e quem tinha dinheiro alugou casa, enquanto a maioria permaneceu provisoriamente em um barracão no travessão 3 (hoje utilizado por agricultores locais para secagem de lavouras).

Os caciques Milton e Cirênio, naquele ano (2003), ao perceberem que as chuvas ainda durariam, entraram em contato com o ex-prefeito da época, Francisco de Assis Tenório, onde teve grande participação em doação de uma área para nós Terena, em União do Norte. Esse apoio garantiu um espaço específico às famílias. A justificativa era clara: como não foi possível acessar o território durante o período das

águas, era preciso aguardar em um local organizado até que fosse possível atravessar novamente o rio.

A prefeitura ofereceu uma área para o povo Terena, perto da laminadora do “Zé Ferro”, lugar que ficou conhecido posteriormente como “Beira do rio”. Era um espaço grande, desde a beira até lá em cima. As lideranças se reuniram para avaliar: estavam presentes Milton Rondon, Cirênio Reginaldo, César (advogado não indígena que ajudou na rodovia), Fernando Vitorino, Sidnei Delfino (Muské), Jânio Reginaldo, Antônio Jorge, Pedro Cafaro, além de vereadores e pessoas ligadas à prefeitura, como o responsável por distribuir os lotes em União do Norte.

No entanto, havia um problema sério. Já tinham tentado abrir poço artesiano ali e não conseguiram, porque existia uma camada de cascalho que impedia a perfuração. Como não era possível ter acesso à água, as lideranças decidiram não ficar. Foi então que indicaram outra área mais acima, ainda pública, mas com alguns posseiros entrando. Lá havia uma estrada antiga aberta por madeireiros, onde antes retiravam madeira. Depois de visitar, as lideranças decidiram. Como nas palavras de Samuel, em entrevista concedida em 23 de setembro 2025: “Aqui é um lugar bom, vamos ficar aqui mesmo”. Esse foi o início da escolha da área que se tornaria a aldeia Kopenoty.

Mais tarde, a comunidade limpou cerca de 10 hectares na nova área e começou a construir as casas com os materiais que já haviam sido comprados em Cuiabá. Foi assim, com esforço coletivo e decisão das lideranças, que nasceu a aldeia Kopenoty. Samuel também conta sobre a chegada das famílias. Parte veio com uma D20, uma caminhoneta da comunidade, picape da marca Chevrolet, de motor a *díesel*, mas maior parte veio de ônibus, na mudança e chegada a União do Norte. Abaixo uma imagem do programa de computador que permite visualizar a terra como um modelo tridimensional, imagens de satélite, aéreas e de outras fontes (Google Earth), acessado em 11 de novembro de 2025.

Figura 2 – Território Terena Kopenoty de Mato Grosso



Fonte: Google Earth (2025).

A compreensão do meu percurso como educador indígena na minha aldeia Terena Kopenoty-MT exige contextualizar o significado da educação indígena, pois não difere das escritas, à luz do documento elaborado a partir das experiências dos povos indígenas presentes no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígena (RCNEI), 1998.

Todas as sociedades indígenas dispõem de seus próprios processos de socialização e de formação das pessoas, mobilizando agentes para fins educacionais. Os momentos e atividades de ensino-aprendizagem combinam espaços e momentos formais e informais, com concepções próprias sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem. A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros; são valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas. Essas formas de educação tradicional podem e devem contribuir na formação de uma política e prática educacionais adequadas, capazes de atender aos anseios, interesses e necessidades diárias da realidade atual. Tais conhecimentos não são incompatíveis com os conhecimentos da escola contemporânea. (Referencial curricular nacional para as escolas indígenas (RCNEI, 1998, p. 23.)

É nesse ambiente que internalizei as causas políticas e sociais do meu povo. Crescendo dentro da minha aldeia, sendo um indivíduo indígena Terena-MT, precisa-se compreender primeiro que a educação indígena se inicia fora da sala de aula, não em um espaço fechado em quatro paredes. É sim, na vivência, convivência e participações no trabalho interno da comunidade, ser ativo nas reivindicações que

afetam nossas vidas, contribuir com nossa presença em festa tradicional, honrar nossa identidade indígena. As Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais (2010), na parte específica para a Educação Escolar Indígena (Ciências Sociais), faz a seguinte referência sobre o papel da escola na aldeia.

À área deverá ter como ponto de partida a realidade do estudante e as relações que mantém com sua comunidade, com outros povos indígenas e com a sociedade em geral. A abordagem dessa área do conhecimento deve ser crítica e reflexiva e considerar o percurso histórico de cada povo, suas relações com o Estado Nacional e com as diversas políticas públicas por ele implementadas (saúde, fundiária, educação, etc.). (Mato Grosso, 2010, p. 255).

As Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais em sua parte específica nas Orientações Curriculares para a Educação Escolar Indígena é o amparo da legalidade e nos responsabiliza em diversas missões para nossa escola indígena, trazendo à tona de que maneira devemos nos esforçar para compreender a história de contato. Desde o começo, da presença Terena-MT no norte, tem surgido pensamentos como “Por que vocês Terena-MT estão aqui? Voltem para sua terra original”. Para responder a esse questionamento, vale ao voltar ao processo da história colonial, da construção dos estados brasileiros, quando muitos povos originários, incluindo o povo Terena, foram forçados a deixar seu território ancestral, por questão de sobrevivência, após invasões ocidentais (povo europeu). Poderia entrar nesse assunto e escrever uma parte sobre esse processo chamado de dispersão do povo Terena, por historiadores, no entanto, não é o caso nesse momento.

A seguir, faço a retomada para compartilhar as primeiras experiências que transformaram meu olhar sobre a escola, a comunidade e o território. Minha infância e adolescência, como indivíduo Terena do norte, foram constituídas de desafios de luta por demarcação de território e mudança geográfica, do bioma Cerrado/Pantanal, sul do estado de Mato Grosso (Rondonópolis) à Amazônia, norte do estado de Mato Grosso (Peixoto de Azevedo/Matupá. Dessa forma que se desenrolaram as primeiras didáticas, um processo de práticas culturais e deslocamentos familiares e a convivência com lideranças, que já exerciam formas de pedagogia tradicional.

É importante destacar aqui a relevância dos primeiros professores Terena-MT, que desafiaram a si mesmos e dedicaram-se com preocupação ao ensino do nosso povo Terena, alcançando nesse processo minha vida estudantil. Nos primeiros

tempos de educação no norte, os professores carregaram uma grande responsabilidade, sem formação acadêmica, sem estrutura, sendo nesse cenário que se iniciam os primeiros profissionais de educação (professores Terena-MT).

Destaco em especial o hoje advogado, Fernando Mamedes, meu primeiro professor na aldeia Lago Azul, aldeia à beira da rodovia Rondonópolis, período de 2000 a 2002 e posteriormente em União do Norte, ano de 2004.

Os atuais profissionais que estão presentes nas quatro comunidades: professores, técnicos de enfermagem, enfermeiro, são resultado do trabalho iniciado pelos primeiros professores Terena norte, a partir do ano de 2004, sendo eles: Cicera Chagas da Silva, Alvane Reginaldo, Mateus Alcantara Rondon, Adiel Jorge, Antonino Reginaldo Jorge, Silas Reginaldo, Timóteo Reginaldo Gomes e Cirênio Reginaldo Francisco. Desses primeiros professores, formados pela Faculdade Intercultural Indígena (FAINDI), são: Mateus Alcantara Rondon, Adiel Jorge, Antonino Reginaldo Jorge e Cirênio Reginaldo Francisco. Os demais tiveram formação em instituições particular.

Trago a memória da fala do guerreiro, enfermeiro Alvane Reginaldo Pereira: “No começo, tudo é difícil”, expressão dita na reunião da III Assembleia Geral do povo Terena, na aldeia Kuxonety, em 04 de novembro de 2025. Essas palavras do enfermeiro servem para contextualizar que os trabalhos feitos pelos primeiros professores devem ser lembrados pelas nossas crianças, jovens e adultos.

A segunda geração de professores formados na FAINDI: Joel Mário Jorge, Messias Clemente Rondon, Micael Turi Rondon, Elias Franco Jorge, Eziel Borobó Rondon, Nilce Alcantara.

A terceira geração de formados na FAINDI: Sara Reginaldo Firmo, Rosenildo Pereira e Misma Turi Rondon.

A quarta geração de formados na FAINDI e Faculdades particular: Odemilson Vitorino Duarte, Inês Borobó Rondon, Dalmir Jorge da Cruz, Jussara Roberto Firmo, Adima Gomes Mário, Areli Gomes Mario e eu, Eliwelton Ikodioka dos Santos Rondon, autor deste trabalho de pesquisa.

A quinta geração está em processo de formação na FAINDI. São eles: Eli Jorge Rondon Sobrinho e Telma Reginaldo Gomes.

Hoje são dezenas de profissionais que multiplicaram a educação e a saúde, a partir dos primeiros trabalhos, em um processo que precisa ser reconhecido e lembrado. Escrevo nominalmente os profissionais atuantes da saúde indígena nas

comunidades ano de 2025, no capítulo 3, onde falarei da criação das comunidades Terena-MT.

Profissionais da saúde Kopenoty: Janeth Reginaldo Sol, Cristiane Dias de Jesus. Técnicos de apoio: Agente de Saúde Gesaias Sol Jorge e assistente indígena sanitário: Jonis Reginaldo Jorge.

Quando chegamos ao Distrito União do Norte, em fevereiro de 2003, houve uma grande preocupação por partes dos líderes, conforme o relato do cacique Cirênio Reginaldo, no encontro e registro da III Assembleia Geral do povo Terena-MT (2025).

Na terceira parte, Cirênio Reginaldo ficou responsável para trazer a memória da história do povo Terena de (Kopenoty) União do Norte ao Território Iriri. Cirênio lembra que na época os moradores da região de União do Norte (fazendeiros, posseiros) era contra a nossa chegada (povo Terena) na região Norte do estado, certa vez até pediram para o nosso povo falar mal do prefeito de Peixoto de Azevedo Assis Tenório, por causa da precária situação das estradas. Cirênio lembra que junto com cacique Milton tinham pretensão de fazer aldeia no território Jarinã. No entanto, os fazendeiros na época contrataram (guacheba) para expulsar nossa primeira tentativa de aldeia. Com isso, Cirênio e Milton voltaram para União do Norte. (Ata da III Assembleia Geral do povo Terena, 03 e 05 novembro 2025).

De certa forma, nosso povo Terena de Mato Grosso, ao chegar ao norte, foi obrigado a permanecer no vilarejo, no Distrito União do Norte em (2003). Foram várias ocorrências e situações que fizeram permanecer no Distrito, entre elas: questões climáticas (intensas chuvas), falta de acesso T. I Terra Indígena Terena Iriri Novo, e conforme o relato do cacique Cirênio na reunião da III Assembleia geral Terena-MT, após uma primeira investida de aldeamento no território Jarinã, território de 21. 000 hectares faltantes, parte do território prometido pela justiça ao povo Terena de Mato Grosso. O relato de Cirênio Reginaldo é confirmado também pelo Samuel Colman, em uma entrevista concedida em 13 de novembro (2025).

Eu estava junto com eles, Milton e Cirênio lá. Nós chegamos e questão de 30 minutos, aviões começou sobrevoar bem baixinho ao nosso redor. Daqui a pouco Carlinhos Cruz (fazendeiro), chegou de carro, e ele foi bem educado até. Perguntou o que estava acontecendo e os caciques explicaram daquele território para os Terena. Carlinhos disse que não tinha nem um mandado judicial para sair, então ele falou essa terra é minha e não vou sair. (Entrevista concedida pelo Samuel Colman, 13 de novembro 2025, aldeia Kopenoty).

De volta às minhas lembranças em União do Norte, ano de 2003, aconteceu que após os caciques confirmarem nossa estadia no vilarejo, logo Cirênio Reginaldo

e Cícera Chagas da Silva verificaram uma sala anexa à Escola Municipal Vida Esperança para nossos estudantes indígenas.

Nesse período, o pesquisador fazia parte do grupo de alunos que estudou na sala anexa, no barracão do travessão 3 (secador de grãos).

Lembro de carros passando uma vez por dia, às 13 horas, na porta de uma casa alugada por meus pais, no Distrito União do Norte, espaço temporário no início da chegada à região. Era de lá que eu fazia o trajeto para estudar. Lembro da turma de adolescentes da mesma idade e faço o registro de nomes de colegas desse tempo: Wilian Maicon Pereira, Adima Gomes Mário, Jenifer Matchua, Angelica Neta Delfino. Fazíamos esse trajeto todo dia. O transporte era uma L200, marca Mitsubishi, caminhoneta concedida e adquirida em prol do povo, momentos antes de chegar à região norte.

Pelas ações de Cirênio e Cícera e pelos esforços feitos por eles é que foi garantido nosso acesso à escola. Hoje aqueles estudantes que vivenciaram o começo processo de estudar são os profissionais que foram ampliados, fruto do trabalho iniciado pelos primeiros líderes no norte do Estado de Mato Grosso.

Com muito esforço, os primeiros líderes tiveram essa grande preocupação, inauguraram e garantiram parte de nossos ensinamentos escolares, onde ninguém poderia fazer, por isso todo nosso respeito a eles. Tenho muita admiração por esses grandes guerreiros e guerreiras, professores do nosso povo Terena-MT, em especial aos líderes Milton Jorge Turi Rondon, Cirênio Reginaldo Francisco e a professora Cícera Chagas da Silva.

Essa garantia de estudo à minha geração na chegada ao Distrito União do Norte constituiu-se de fundamental importância para estar hoje como profissional da educação. Carrego na memória essa trajetória, uma soma de influências, esforços coletivos de lideranças e de primeiros professores indígenas Terena-MT.

Faço esse reconhecimento histórico das lutas e conquistas que carrego e são também daqueles que lutaram antes. Dessa maneira, estar nessa posição de professor é parte de uma geração que se beneficiou de esforços e lutas de antes.

Minha formação docente é, portanto, inseparável da história do meu povo Terena-MT. É, sobretudo, da relação indissociável de trajetórias individuais e coletivas que compartilho nesse trabalho de pesquisa.

Figura 3 – Prática pedagógica do autor na confecção do cocar Terena



Fonte: o autor (2025).

Aqui, buscamos apresentar a trajetória do pesquisador como uma autorreferência biográfica, inserindo a parte do povo Terena-MT e trazendo e expondo a genealogia familiar. Ao lembrar do tempo passado, procurou-se evocar um período narrado, formado por lembranças e memórias, mas também por outras memórias, tanto de meu pai, mas, e principalmente, das lideranças que vivenciaram o período de luta.

Dessa forma, buscamos apresentar a versão, aquela viável a partir do tempo vivido, reconhecendo também as limitações da memória ao afirmar que são poucas as recordações. Por isso, recorre-se à memória dos mais antigos como suporte para rememorar, apontando que a história é construída de maneira coletiva e colaborativa.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe a investigar as decisões de coragem, analisando a trajetória de lideranças Terena de Mato Grosso, Milton Jorge Turi Rondon e Cirênio Reginaldo Francisco.

Esse trabalho tem como escopo analisar de forma profunda os processos históricos e culturais que marcaram a atuação dos líderes na conquista territorial do povo Terena-MT. A delimitação do período entre 1998 e 2002 é imprescindível para compreender a ressignificação política e social perpetrada pelos líderes Terena-MT. Ao assumirem a postura dual de Xumonó e Sukirikionó, Milton e Cirênio, juntamente com o povo, sempre enfrentaram as pressões políticas e sociais por meio de inúmeras estratégias de resistência e articulação, buscando sensibilizar o governo para que reconhecesse e demarcar o território para os Terena em Mato Grosso.

Ao personificarem culturalmente comportamentos dual Terena, o saber ancestral baseado no comportamento e na origem da metade Terena, o xumonó é radical, incompreensível, de pouco diálogo. O Sukirikionó é pacificador, diplomata, usa o diálogo para resolver os problemas, ouve e age com serenidade e tranquilidade.

Essas são algumas características do povo Terena, base da organização social. Silva (1949, p. 320) registra que “Cada um dos bandos em que se dividiam as aldeias Terena possuía um chefe de povo. Havia, pois, em cada aldeia, um chefe de povo, ou unati-aché, para os chumono-ono’, e um ‘chefe de povo para os sukiriki-ono”. Esse registro feito pelo pesquisador é para confirmar que os Terena têm na sua organização cultural, seja para os rituais de dança ou na organização da comunidade, dois líderes.

No período de 1998 a 2002, as lideranças no Mato Grosso surgem de forma ressignificadas. As complexas decisões e ações realizadas pelos líderes Milton Rondon e Cirênio Reginaldo tornaram-se referências para o povo Terena, norte de Mato Grosso. Para entender essa ressignificação da liderança Terena em Mato Grosso, é importante compreender os processos de migração Terena do estado de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso e o caminho que os levou a se deparar com dura decisão de enfrentamento e bloqueios de rodovias BR- 163 e BR- 363, episódios marcantes na luta pelo território em Mato Grosso.

Lutar e encarar os desafios de pressão política e social foram a alternativa de lidar com as autoridades responsáveis e chamar a atenção para a demarcação de

território.

Foi nesse processo de vida ou morte que meu povo conquistou sua dignidade de pisar no território demarcado (T. I. Terra Indígena Terena Iriri Novo), ao norte do estado de Mato Grosso, município de Matupá.

Esse trajeto no estado de Mato Grosso pode ser plenamente compreendido a partir da contação da história, das lembranças, memória coletiva e pesquisadores/acadêmicos Terena-MT, complementando com investigação dos personagens centrais nessa pesquisa, líderes Cirênio Reginaldo Francisco e Milton Jorge Turi Rondon

Os Terena de Mato Grosso são um povo que se desmembrou dos demais grupos que habitavam as aldeias do estado Mato Grosso do Sul. Para entender e ajudar trazer luz a esse percurso histórico, contamos com a contribuição dos seguintes consultores indígenas: cacique Cirênio Reginaldo Francisco (Kuxonety⁵), Joel Jorge Mario (professor Kopenoty), Sara Reginaldo Roberto Firmo (professora Kopenoty), Eliel Jorge Rondon (liderança Kopenoty⁶), Samuel Colman (liderança Kopenoty).

Estamos vivendo um momento significativo, de relevância histórica, marcado pelo surgimento de pesquisadores não indígenas e indígenas comprometidos com o registro e a elucidação da trajetória Terena-MT. Diante dessa conjuntura, buscamos aproveitar a oportunidade de contribuir com esse trabalho de pesquisa sobre os primeiros caciques Terena em Mato Grosso, Milton Jorge Turi Rondon e Cirênio Reginaldo Francisco. Em relação ao povo Terena em Mato Grosso, temos como referência teórica as seguintes produções:

- ISAAC, Paulo Augusto Mário. *Modo de existir Terena na comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso*. 235 p.: il. Mapas, quadros 30 cm. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Etnologia Brasileira. 2004.
- PEREIRA, Rosenildo. *A luta do povo Terena por chão e giz: A importância da implantação da escola Elio Turi Rondon Terena para o povo Terena de Mato Grosso*. Barra do Bugres, 2016.

⁵ A expressão Kuxonety na língua Terena significa: “o lugar esperado, aguardado – Terra Prometida”. Em expressões do cotidiano, usamos para nos referir à aldeia Terena-MT, localizada no território T. I. Terena Iriri, a 200 km do município de Matupá-MT.

⁶ A palavra *Kopenoty* significa “indígena” ou “povo indígena”. Ela é usada para distinguir o povo Terena dos não indígenas. Também dá nome à aldeia Kopenoty, localizada próxima ao Distrito União do Norte, no município de Peixoto de Azevedo-MT.

- RONDON, Eliwelton Ikodioka dos Santos. *Os Xumono e Sukirikiono nas narrativas de lideranças Terena de Mato Grosso: possibilidades de ensinar a história e cultura Terena na educação escolar indígena*. Barra do Bugres, 2022.
- RONDON, Micael Turi. *História em quadrinhos no ensino de língua portuguesa na escola Komomoyea Kovoêro – Terena MT*. Barra do Bugres, 2022.
- PEREIRA, Rosenildo. *História da educação escolar e práticas pedagógicas interculturais: Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero (MT)*. Barra do Bugres, 2023.
- PHILIPPSEN, Neusa Inês; GABRIEL, Nilce Alcantara; LUZ, Jislaine da. Língua Indígena Terena: da língua ancestral aos atuais processos de revitalização no norte de Mato Grosso. *EntreLetras*, v. 15, n. 1, p. 224-250, 2024.
- MAMEDES, Misma Turi Rondon. *Educação Ambiental Popular Indígena Terena: O pensar e o fazer retratados nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovo'erro*. Barra do Bugres, 2025.

Dessa forma, propomos contribuir com o campo de pesquisa, ao mesmo tempo em que buscamos fortalecer a história do povo Terena. Defendemos que nossa história seja contada a partir do indígena, estudantes, acadêmicos que vivenciaram esse processo. Tem aqueles que contarão no futuro, filhos ou netos, dessa forma terá sentido e relevância em suas vivências.

É fundamental evidenciar as dificuldades enfrentadas na conquista da terra, situada no estado de Mato Grosso, assim sempre lembraremos que o território é resultado de uma luta histórica e coletiva.

Em Mato Grosso, o povo Terena está organizado em quatro comunidades: a aldeia Kopenoty, localizada no território Kopenoty (próximo ao Distrito União do Norte, município de Peixoto de Azevedo), e as aldeias Turipuku⁷, Inamaty Poke'e⁸ e

⁷ Turipuku é o nome dado à aldeia Terena-MT, fundada pelo cacique Milton Rondon, localizada na T. I. Terena Iriri Novo, município de Matupá-MT. É nome de criança de Hélio Turi Rondon, origem da palavra em língua Tapirapé (Toripoko), que significa. Tori: Não indígena; Poko: Grande, Cumprido.

⁸ Inamaty Poke'e significa na língua Terena, "Lugar Novo". A expressão foi dada pelos fundadores à aldeia Inamaty Poke'e, localizada no território T. I. Terra Indígena Terena Iriri Novo, município de Matupá-MT.

Kuxonety Poke'e, situadas na Terra Indígena Terena (Irirí Novo), no município de Matupá, todas ao norte de Mato Grosso, a cerca de 750 km da capital Cuiabá.

Figura 4 – Terra indígena Terena Iriri Novo



Fonte: Google Earth (2025).

A relevância desse trabalho de pesquisa encontra fundamento na necessidade de visibilizar experiências e estratégias utilizadas pelo povo Terena de Mato Grosso na luta pelo território. Segundo Oliveira Filho (1998), esses processos não são lineares, mas resultado de complexas negociações, atos contínuos de resistência e reafirmação identitária. Bartolomé (2006) corrobora com essa perspectiva ao apontar que a luta pela terra vai muito além da dimensão material, pois se constitui como elemento central e modos de vida tradicional.

Para compreender a história e a organização social do povo Terena, esta pesquisa dialoga com importantes autores consolidados da tradição etnográfica que analisaram diferentes aspectos da vida sociocultural Terena. Destacam-se os trabalhos de Roberto Cardoso de Oliveira (1965-1966), *O dualismo Terena*, que analisa as metades clânicas Xumono (bravo) e Sukirikiono (manso), Roberto Cardoso de Oliveira (1976), que em *Do índio ao bugre* discute os processos de assimilação cultural e as implicações do contato interétnico; de Herbert Baldus (1935), na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, ao tratar da sucessão hereditária dos chefes Terena, interpretando os aspectos centrais da liderança tradicional; de Fernando Altenfelder Silva (1949), em *Mudança cultural dos Terena*, que aborda as

transformações culturais advindas do contato com a sociedade ocidental; e de Paulo Augusto Mário Isaac (2004), que em sua tese *Modo de existir Terena na comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso* traz uma leitura contemporânea sobre as estratégias de permanência cultural “transpermanência” e a reorganização social dos Terena. Esses autores constituem referenciais indispensáveis para compreender os processos de territorialização, organização social e resistência que fundamentam a análise aqui proposta.

O problema central dessa pesquisa consiste em compreender de que forma as lideranças indígenas, representadas por Cirênio Reginaldo (Xumono) e Milton Rondon (Sukirikiono), atuaram na conquista territorial do povo Terena em Mato Grosso, considerando os aspectos culturais que permeiam essa trajetória. O objetivo geral foi analisar como suas ações e estratégias contribuíram para o fortalecimento da identidade coletiva e para a afirmação dos direitos territoriais, articulando saberes tradicionais e práticas políticas.

O problema central da pesquisa nos possibilita investigar, de forma detalhada, as estratégias políticas adotadas e as múltiplas manifestações culturais mobilizadas, considerando a dualidade presente na atuação das lideranças Terena durante interlocuções e negociações. Para isso, a análise é complementada por elementos visuais e simbólicos, como pinturas corporais, uso de cores, imagens, vídeos, documentos históricos e a memória coletiva do povo Terena em Mato Grosso, compondo um panorama que articula política, cultura e identidade.

A pesquisa também tem como objetivos específicos analisar e sistematizar fontes primárias (atas, ofícios, jornais, cartas e registros audiovisuais) e secundária (teses, produções acadêmicas relacionadas ao povo Terena) ao complemento de entrevista e memória coletiva relacionados ao processo de reivindicação territorial do povo Terena entre 1998 e 2002, a fim de compreender como a dualidade cultural Terena Xumono e Sukirikiono manifestou-se nos caciques diante das autoridades e instituições governamentais. Em complemento, uma análise da história biográfica de Milton Rondon e Cirênio Reginaldo. Como produto educacional, elaborar Relatório das Práticas Pedagógicas da Educação Escolar Indígena – Ensino da História, identidade Terena do norte, para ser utilizado nas escolas do Povo Terena com alunos do Ensino Fundamental e Médio.

A pesquisa é construída com base na pesquisa documental, compreendida como uma importante estratégia metodológica, pois se utiliza de uma abordagem que

é fundamental para entender os processos históricos, culturais e sociais a partir de registros produzidos pelos próprios sujeitos. O tipo de pesquisa documental, conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 6). [...] recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias”. No caso de relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação.

Assim, partindo desse pressuposto de pesquisa documental, estudar os materiais que existem (textos, fotos, vídeos, cartas, jornais, relatórios, atas, entre outros). Documentos escritos ou não escritos serão de muita importância para ajudar a entender melhor certos assuntos. Aqui em específico a característica específica de lideranças de Mato Grosso, Milton Rondon e Cirênio Reginaldo.

A diferença da pesquisa documental é que os materiais usados ainda não passaram por uma análise científica, ou seja, ninguém estudou profundamente esses documentos antes. Por isso, o pesquisador precisa ter cuidado e atenção ao analisar, porque é ele quem vai dar sentido e organizar essas informações pela primeira vez.

No caso dessa dissertação, essa abordagem é muito importante porque estamos lidando com documentos Terena de Mato Grosso que não foram estudados de forma acadêmica. São fontes primárias, que guardam saberes, memórias e histórias que ainda não receberam o chamado “tratamento analítico”, conforme Sá-Silva (2009). Ao usar esses materiais, valorizamos os registros produzidos na época dos bloqueios da rodovia, reuniões com instituições, atas de assembleia interna da comunidade no período de 1998 a 2002, vozes que agora estão sendo protagonizadas e não mais ignoradas ou silenciadas.

É fundamental que os(as) cientistas sociais entendam o significado de fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias são dados originais, a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados, ou seja, é o pesquisador(a) que analisa. Por fontes secundárias compreende-se a pesquisa de dados de segunda mão (Oliveira, 2007), ou seja, informações que foram trabalhadas por outros estudiosos e, por isso, já são de domínio científico, o chamado estado da arte do conhecimento. (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 6).

Portanto, a pesquisa documental é um jeito de estudar diferentes tipos de documentos, usando métodos e técnicas para entender e analisar o que eles mostram. Consideramos essa abordagem adequada para estudos que tratam de memória, identidade e resistência do povo Terena de Mato Grosso, pois os

documentos, sejam eles escritos, orais ou imagéticos, fazem parte viva da cultura e das comunidades.

Como destaca Cellard (2008), os documentos não são simples registros neutros, mas expressões de práticas sociais, políticas e culturais de determinado tempo. Eles permitem compreender as condições em que os acontecimentos se produziram, as intenções dos sujeitos e as relações de poder presentes nas narrativas. “Os documentos são testemunhos de um momento histórico e revelam, de forma direta ou indireta, os valores, as crenças e as práticas de uma sociedade” (Cellard, 2008, p. 295).

Assim, a pesquisa documental irá servir para compreender a trajetória da migração do povo Terena de Mato Grosso, o processo de fundação das aldeias e a luta pela demarcação do território. As fontes analisadas incluem entrevistas com lideranças locais, registros comunitários, documentos da Funai e dissertações de pesquisadores indígenas Terena e não indígena.

Os materiais permitirão reconstituir fatos, interpretar os significados culturais e políticos das ações das lideranças Terena, força das ações coletivas em contraponto ao mundo fora da aldeia.

Partindo para a pesquisa biográfica, Toillier (2024) diz que é fundamental ir para além de listar datas, eventos, simples descrição de vida. A vida do indivíduo, nesse aspecto, é reflexo das circunstâncias sociais vivenciadas no processo da caminhada (determinado tempo). Analisar os percursos dos líderes permite entender escolhas, embates e atuações que impulsionaram a transformação e maturação das práticas, mentalidades e conhecimentos dentro do contexto do nosso povo Terena-MT.

Certamente, buscar a compreensão do caminhar (sujeito histórico), moldado a transformações de seu tempo em sociedade, é a finalidade última. Em demonstração, o autor faz referência à trajetória da educadora matemática Lourdes de la Rosa Onuchic, e de seu lugar no contexto social e histórico. Considerando a trajetória de vida da professora, levando em conta experiências e contextos que forjou a identidade.

Nesse caminhar de escrita de pesquisa biográfica, o autor também afirma que o pesquisador precisa ter atenção ao modo como reconstrói a história de vida, respeitando a memória, a fala e o sentido que o próprio biografado dá à sua experiência. Não se deve inventar nem julgar, mas entender o sujeito na sua verdade.

A escrita de uma biografia impõe uma série de cuidados, cujo resultado culmina em uma representação do sujeito biografado. [...] A abordagem biográfica oferece a vantagem de um acesso ao sistema de subjetivação das normas institucionais e permite, só ela, resgatar a dinâmica em jogo. (Toillier, 2024, p. 12).

Nesse sentido, toda biografia é uma forma de representar e mostra como o biografado viveu, quais valores carregava e como se relacionava com as instituições como a escola, a aldeia, a igreja, o estado, entre outras.

Ao acesso, sistema de subjetivação das normas institucionais, esse é o ponto mais teórico. Subjetivação significa como o indivíduo se forma como sujeito, como ele interpreta e reage às regras, às normas e aos poderes do seu tempo.

O processo de subjetivação é todo o jogo de relações que promovem esta subjetividade. Segundo Lemos (2007), a subjetivação é o resultado de uma prática concreta, que sai de todas as atividades do homem, seja nos jogos de poder em que ele está envolvido, seja através de suas práticas discursivas. (Oliveira; Trindade, 2015, p. 31).

Dessa maneira, a biografia permite ver como a pessoa se constitui dentro do seu espaço, no caso dos líderes Terena-MT, apesar das estruturas sociais. É justamente por meio dessa abordagem que se torna possível compreender como as normas institucionais são internalizadas, entendendo a dinâmica em jogo entre sujeito e instituição. Ou seja, estudar a vida dos sujeitos históricos (em específico lideranças Terena-MT) de forma profunda e contextualizada. Averiguar como os caciques conseguiram internalizar as normas institucionais, no sentido de absorver como parte de si mesmo, mesmo discordando, compreendendo como funciona o conhecimento não indígena e criar formas de agir dentro e fora do sistema, mantendo o modo próprio de ser Terena-MT.

A pesquisa biográfica como lente para a história Terena de Mato Grosso torna-se fundamento de importância na abordagem e um caminho necessário para a descrição de vida dos líderes Milton Rondon e Cirênio Reginaldo.

Em complemento, a história oral tem a finalidade de potencializar a memória, o poder da história oral, os relatos de vida, experiências pessoais, lembranças dos líderes na imaginação do povo Terena-MT.

Partindo dessa visão, podemos entender que a História não é algo dado, mas construída pelas ações humanas. É fruto da relação entre o ser humano, a natureza e a sociedade. Por isso, a história não é apenas o relato do passado, mas o movimento

da vida em suas múltiplas dimensões: social, política, econômica e cultural. Conforme, o professor Barros (2006).

Já se disse que “a História é o estudo do homem no Tempo”. A definição foi proposta por Marc Bloch por volta de meados do século XX, mas hoje parece tão óbvia que já deve ter sido mencionada inúmeras vezes em obras de historiografia, e certamente na maioria dos manuais de História. (Barros, 2006, p. 461).

A história é como um rio que nunca para de correr, onde o ser humano vai construindo conhecimento ao longo do tempo, com tudo o que vive e aprende. Nesse fluxo ininterrupto de edificação do saber humano, vive-se esse processo, por meio de práticas, vivências e mudanças na sociedade.

Assim, utilizando esse formato de pesquisa, pode-se analisar as mudanças, mapear as transformações e o processo de maturação, a evolução de indivíduos, os comportamentos, as mentalidades, as práticas ao longo do tempo, e essa é a essência do que uma biografia busca revelar.

Essa pesquisa também tem um caráter autoetnográfico. A autoetnografia é um método de pesquisa qualitativa que combina elementos da autobiografia e da etnografia para compreender fenômenos culturais a partir da experiência pessoal do próprio pesquisador. Trata-se de uma abordagem que valoriza o *eu* como fonte legítima de dados e reflexão analítica.

Santos (2017) define a autoetnografia como um método que se sustenta em um “modelo triádico” composto por três orientações: metodológica, cultural e autobiográfica. Ele afirma.

[...] podemos dizer que a autoetnografia é um método que se sustenta e se equilibra em um “modelo triádico” (CHANG, 2008) baseado em três orientações: a primeira seria uma orientação metodológica – cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural – cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo – cuja base é a autobiografia aliada a um caráter reflexivo. Isso evidencia que a reflexividade assume um papel muito importante no modelo de investigação autoetnográfico, haja vista que a reflexividade impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação. (Santos, 2017, p. 218).

Essa característica torna o pesquisador parte central do processo analítico, pois sua vivência é usada como via de acesso à compreensão das práticas sociais. Segundo Santos (2017), “Autoetnografia vem do grego: *auto* (*self* = em si mesmo),

ethnos (nação = no sentido de um povo ou grupo de pertencimento) e *grapho* (escrever = a forma de construção da escrita). A etimologia, nessa perspectiva, evidencia que a autoetnografia é uma escrita sobre o grupo (*ethnos*), construída a partir de si mesmo (*auto*).

Essa pesquisa é importante porque ajuda a entender a dualidade cultural do povo Terena, que é parte do nosso modo tradicional de organização. Nós, como lideranças e professores, estamos preocupados porque muitos jovens não conhecem nossa cultura, baseada nos princípios de Xumono (mais firme e direto) e Sukirikiono (mais calmo e negociador). Ensinar essa forma de organização social e política é essencial para manter viva a identidade e a tradição do povo Terena de Mato Grosso. Por isso, essa pesquisa tem grande valor para nós.

É evidente que a juventude indígena do meu povo Terena de Mato Grosso sofre influência de fatores externos à aldeia, especialmente dos conhecimentos ocidentais, que o professor Nivaldo Tapirapé (2022) chama de “tecnologia importada”. Essa influência muitas vezes diminui o valor da nossa organização social, política e dos saberes tradicionais. Por isso, é fundamental ensinar a dualidade Terena, Xumono e Sukirikiono, como forma de fortalecer os conhecimentos que fazem sentido para nós, aqueles que estão ligados às nossas raízes.

Sendo assim, essa pesquisa contribui para o campo acadêmico ao oferecer ferramentas concretas para valorizar a memória coletiva e a identidade cultural do povo Terena-MT. Ela combate o silenciamento e a desvalorização dos saberes ancestrais, que são desafios enfrentados hoje, como aponta Nivaldo Tapirapé (2022). Esses desafios ameaçam a vitalidade da nossa cultura e por isso é urgente dar espaço às pesquisas que nascem nos territórios, transformando-se em atos de resistência e instrumentos de protagonismo.

Como resultado, elaboramos um caderno pedagógico, que é um material acessível aos estudantes, que reconhece e valoriza a atuação das lideranças Terena-MT entre os anos de 1998 a 2002, período marcado pela luta incansável por autonomia e território. Nossa abordagem, portanto, busca expressar o projeto educacional como descrito nas Orientações Curriculares para a Educação Escolar Indígena (2010, p. 248): “Escola adequada é aquela que reconstrói a nossa cultura e a nossa história”, isto é, o espaço do discurso e práticas voltadas para a reconstrução cultural, autonomia e de afirmação da educação escolar indígena Terena de Mato Grosso.

Na perspectiva de analisar os primeiros líderes Terena-MT, essa pesquisa intitula-se “Lideranças Terena em Mato Grosso: Milton Rondon e Cirênio Reginaldo”, sendo organizada em três capítulos.

No capítulo 1: O Povo Terena de Mato Grosso. A pesquisa busca trazer informações dos ancestrais Terena de Mato Grosso e do território de origem. Faz um breve contexto da história de contato, a fim de esclarecer ao leitor quem são os Terena-MT. Por meio da história oral, os anciãos trazem lembranças, compartilhadas de como foi o processo de decisão de sair do estado de Mato Grosso do Sul para o Mato Grosso, ações que marcaram a trajetória do povo Terena-MT.

Capítulo 2: Milton Rondon e Cirênio Reginaldo: Analisa as trajetórias de vida e atuação política de Milton Rondon (Sukirikionó) e Cirênio Reginaldo (Xumonó), destacando como a dualidade cultural Terena guiou as estratégias de resistência, mobilização social, enfrentamento com o Estado e conquista de território, período de luta entre 1998 e 2002.

Capítulo 3: Apresenta as aldeias Terena do norte de Mato Grosso, com destaque para a constituição da aldeia Kopenoty. Também aborda os eventos realizados entre as aldeias, a participação da comunidade e da escola, além das manifestações contemporâneas da cultura Terena em Mato Grosso, como práticas culturais, organização comunitária e a educação escolar indígena na aldeia Kopenoty

O resultado dessa pesquisa concretizou-se na elaboração de um relatório pedagógico, desenvolvido a partir de práticas de educação escolar realizadas com os alunos, turmas do 2º ciclo do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, ano de 2025. O relatório sistematizou as experiências e os aprendizados em sala com os estudantes, onde foram feitos registros da participação e das reflexões construídas, o que foi direcionado pelo pesquisador associando a história, a cultura e a identidade Terena-MT ao processo de ensino/aprendizagem.

O relatório configurou-se como um documento de práticas pedagógicas, sendo um material específico, intercultural e contextualizado para as comunidades indígenas Terena do norte.

1 O POVO TERENA DE MATO GROSSO

1.1 OS ANCESTRAIS DO POVO TERENA-MT

Huveonokaxionó é palavra que nomeamos o rio, território ancestral do povo Terena, lugar conhecido por não indígenas de rio Paraguai. De forma mais ampliada, os anciãos chamam do território ancestral de *êxiva*, na língua portuguesa conhecida por Chaco Paraguai. As características da identidade do povo Terena originam-se das margens do rio Paraguai/Chaco Paraguai. Sabedoria acerca das ervas e plantas medicinais, conhecimento sobre rios e águas, mata e território, céu e constelações, tempo e ciclos naturais, terra e agricultura tradicional, entendimento da espiritualidade e ritos, organização política e social, saber sobre o corpo e a vida, guerra e defesa, arte e estética indígena Terena. Todo o conhecimento do universo Terena tem sua origem nas margens do rio Paraguai, que é o território ancestral do povo Terena em Mato Grosso.

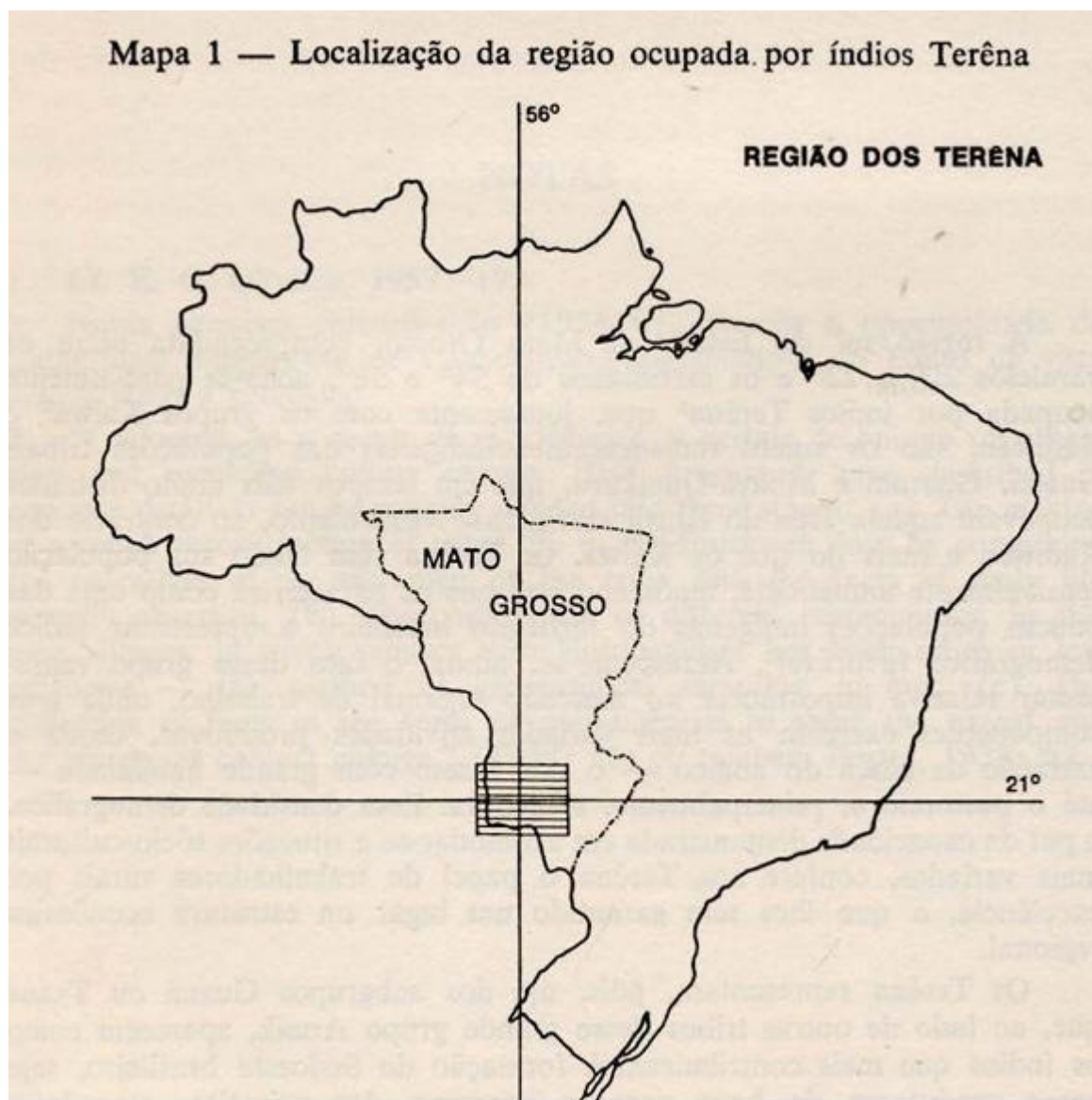
1.2 ÊXIVA: O TERRITÓRIO ONDE NASCE O POVO TERENA-MT

Os ancestrais do povo Terena de Mato Grosso nascem no lugar chamado pelos mais velhos de *êxiva*. A palavra *êxiva* na língua Terena é a forma que os avós referenciam o território de origem, localizado na beira do rio Paraguai, *huveonokaxionó*⁹. Extensos territórios chamados na língua portuguesa de Chaco Paraguai/Boliviano, região pantaneira. Essas são as referências geográficas da terra natal Terena, lembrada pelos mais velhos.

Conforme Oliveira (1976, p. 21), “A região sul do Estado de Mato Grosso, compreendida entre os paralelos 20° e 22° e os meridianos de 54° e 58°, acha-se parcialmente ocupada por índios Terena”. A região mencionada por Oliveira (1976) fica no estado de Mato Grosso do Sul, dentro de limites geográficos usados para localizar áreas conforme o mapa a seguir.

⁹ Huveonokaxionó é a expressão que meu povo Terena usa como referência ao rio Paraguai. Território de origem do povo Terena.

Figura 5 – Território ancestral Terena-MT



Fonte: Oliveira (1976, p. 22).

Segundo Rondon (2022, p. 25), “O povo Terena tem a origem do Chaco Paraguai. [...] Os avós contam que os Terena viviam antigamente no Êxiva, lugar conhecido pelos purutuyé como Chaco”.

Segundo Bittencourt e Ladeira (2000).

Os brancos chegaram ao Êxiva navegando pelo rio Paraguai, vindos do porto de Buenos Aires. Vieram atraídos pelas lendas sobre a riqueza das minas de ouro e prata na região dos Andes, onde a mais rica das minas de prata era Potosi, no atual país chamado Bolívia. Esse era o caminho mais curto para chegar até a região das minas. Sabendo disso eles organizaram muitas expedições para lá. Assim, a partir do século XVI, começou a história do

contato entre os povos indígenas, primeiros habitantes e senhores dessas terras, e os europeus. (Bittencourt; Ladeira, 2000, p. 37-38).

Desde os primeiros tempos, com a chegada do povo europeu em território sul-americano, o meu povo Terena foi alvo de visitas e contato, assim, desde lá, esteve no meio dos anseios daqueles que procuravam metais preciosos (portugueses e espanhóis). A rota de passagem daquele período, o rio Paraguai, era o meio desse trajeto.

Conforme Bittencourt (2000).

A região do Êxiva ficava próxima das minas de metais preciosos e os colonizadores europeus disputavam esse território. Espanhóis e portugueses faziam guerras para decidir quem ficaria com essas terras. As várias tribos da região foram envolvidas por essas lutas. Para defender seu povo e suas terras, os Guaná procuraram fazer aliança com os portugueses. Já os Guarani, procuraram unir forças com os espanhóis contra seus antigos inimigos, os Guaicuru. (Bittencourt, 2000, p. 38-39).

Os europeus chegaram ao território ancestral Terena sabendo que havia abundância de minérios na região. Os aldeamentos Terena localizavam-se à beira do rio Paraguai e estavam exatamente no único trajeto que poderiam chegar aos relatos da prosperidade mencionados pelos colonizadores. Desde o primeiro contato, os europeus buscaram dominar as terras ao redor do rio Prata, região rica em ouro e prata, o que resultou em numerosos conflitos. Como esses metais podiam ser transformados em dinheiro e riqueza, eles eram altamente valorizados, o que provocou conflitos e guerras.

A palavra Guaná é referenciada pelas pesquisadoras Bittencourt e Ladeira (2000) e significa que as autoras e demais viajantes, antropólogos e pesquisadores referenciam o povo Terena do passado, também conhecido por *Xané*, essa última palavra significa gente ou muita gente. O povo Terena, desde os tempos primórdios, é reconhecido por ser numeroso em população. Segundo Bittencourt e Ladeira (2000, p. 36), “[...] As nações Guaná que se conhecem nesta parte oriental são 5: Layana, Etelenoe ou Etelena, Equinquinao ou Equiliquinao, Neguecatemi e Hechoaladi”. Esses eram os subgrupos do povo Terena do passado, organização antes do contato com os europeus colonizadores. Nos tempos de hoje, o subgrupo destes mencionados anteriormente, que resistiram ao longo desse período de colonização, é o Terena.

Segundo Firmo (2021).

Por causa de grandes conflitos tribais o povo Terena resolveu se deslocar para outros lugares deixando a região paraguaia, ocupando vasta região que vai da Serra de Maracaju a serra de Bodoquena, onde vivem a maior concentração de indígenas desse grupo. A etnia Terena é conhecida por antropólogos como povo pacífico e hospitaleiro, mas, guerreiro por necessidade de sobrevivência. (Firmo, 2021, p. 8).

A professora Firmo (2021), da aldeia indígena Kopenoty, Terena-MT, em seu trabalho, reforça aquilo que sempre os anciãos ensinavam sobre os motivos da saída do território ancestral, um deslocamento forçado. Esses deslocamentos em sentido ao estado brasileiro Mato Grosso do Sul.

Isaac (2004, p. 155-170) classifica os deslocamentos do povo Terena do êxiva, definido por períodos como “O caráter migratório e a forma de ocupação territorial” como “Primeiro registro de dispersão”; “Segundo registro de dispersão”; “Terceiro registro de dispersão”; “Quarto registro de dispersão”; “Quinto registro de dispersão”; “A migração e o significado da terra”.

O antropólogo argumenta que embora seja difícil determinar com precisão o significado original da terra para os antepassados Terena, sua trajetória histórica permite compreender como esse conceito foi sendo formado. Ele sustenta que a concepção Terena de “terra” não corresponde a um território fixo, delimitado por fronteiras estáveis, pois a experiência contínua de expropriações impossibilitou a construção dessa ideia. Mesmo após as primeiras demarcações oficiais, no início do século XX, o povo Terena continuou enfrentando perda de territórios e pressões externas.

Como consequência, mantiveram um padrão de mobilidade forçada, deslocando-se sempre que suas reservas alcançavam limites demográficos ou quando surgiam dificuldades econômicas e políticas. Assim, o autor mostra que o significado de terra para os Terena está profundamente ligado à sua história de expulsões, reorganizações e migrações, mais do que a um território fixo e permanente.

Em resumo, o território ancestral Terena foi alcançada primeiro por europeus (espanhóis). Posteriormente, os portugueses chegaram e construíram vilas para habitar. Os estrangeiros introduziram ferramentas de ferro para a agricultura, novos tipos de alimentos, animais que antes não estavam presentes na vida do povo Terena, onde essas práticas rapidamente geraram impacto e alterações nos modos de vida do meu povo Terena, com a chegada e contato com os europeus.

A chegada de colonizadores sempre foi por interesses em buscar riquezas. De um lado portugueses e espanhóis rivalizando a ocupação de território originário e metais presentes nele. No meio desse fogo cruzado, a guerra chegou às aldeias Terena, em busca de sobrevivência, onde muitos lutaram contra a invasão, resistindo e indo até a morte, no entanto nossos avós foram expropriados com força bélica, arma de fogo e perda do território ancestral chamado de *êxiva*.

1.3 BREVE CONTEXTO DA HISTÓRIA DE CONTATO

Ao refletir sobre as muitas histórias indígenas desde o século XVI, chegaremos no ancestrais do meu povo Terena. A história dos Terena é também biografia do estado de Mato Grosso, é a do Brasil, da América.

Assim como vários povos indígenas que entram no processo de luta pela demarcação do território, aqui os Terena de Mato Grosso se vêm na luta pela vida ou morte, se arriscam com a única chance que tem em mãos, dispersar, migrar para distantes territórios como refúgio.

Considerando a memória desse processo, apresentando a história mais antiga: o processo de desterritorialização, de transformação forçada de sociedades indígenas, nesse caso em especial a intensa luta para segurar os direitos territoriais do povo Terena.

Os Terena do norte de Mato Grosso são originários de grupos étnicos Terena de outros estados brasileiros, cujas migrações resultaram no deslocamento do território ancestral (atual fronteira entre Mato Grosso do Sul e Paraguai), após o contato com os colonizadores portugueses e espanhóis, a partir do século XVI.

Nesse meio de interesses estrangeiros, o conflito chegou ao meu povo Terena, alcançando outros povos indígenas, originários daquela região, como é o caso dos Kadiweu remanescente dos Mbaya Guaikurú, Guarani Kaiowá. Os povos indígenas lutaram contra a invasão, porém foram expropriados com medida da força, com perda de território ancestral.

A migração sempre fez parte da história e do modo de vida Terena. Não é recente e nem aleatório. É um comportamento social construído historicamente desde os antepassados, no entanto por estratégia de sobrevivência. A pergunta que deve ser respondida é: Por que os Terena migram? Por sobrevivência material (comida, território e recursos), a reprodução social, espiritual e harmonia social.

Conforme, Isaac (2004, p. 155): “a migração está na gênese de sua formação histórica”. O autor afirma que o povo Terena se transformou a partir de deslocamentos. Migrar é parte da identidade histórica, sempre como forma de sobrevivência. Porém, as lembranças são inevitáveis, assim como os laços com o território de origem.

Como consequência, o povo Terena, desde o passado, após o contato com os colonizadores, manteve um padrão de mobilidade forçada, deslocando-se sempre que suas reservas alcançavam limites demográficos ou quando surgiam dificuldades econômicas e políticas. Assim, Isaac (2004) mostra que o significado de terra para os Terena está profundamente ligado à sua história de expulsões, reorganizações e migrações, mais do que a um território fixo e permanente.

No processo de mobilidade, desde o Chaco no século XVI, nesse tempo o povo Terena vivia em perambulação apenas na região do Chaco. A partir da metade do século XVIII é a época mais acentuada de ocupação da área de Miranda em decorrência das grandes ondas migratórias dos subgrupos Guaná, ancestrais do povo Terena de Mato Grosso, conforme Isaac (2004, p.159). Dessa forma, entende-se que não é um único movimento, mas diversas ondas migratórias que aconteceram em diferentes períodos e trajetórias.

Nesse contexto de destacar o período de deslocamentos do sul de Mato Grosso para outras áreas do então Mato Grosso, é fundamental mencionar a separação entre sul e norte como a entendemos atualmente. É um entendimento, um conhecimento externo do povo Terena, a divisão é estratégica de interesses daqueles que estão colonizando (povo ocidental). O interesse de demarcar os limites, os quais são as linhas divisórias, não fazia parte de uma perspectiva ameríndia e vem exclusivamente com a presença dos colonizadores europeus.

1.4 LUTA, TERRITÓRIO E ORGANIZAÇÃO INDÍGENA NO PERÍODO DA DITADURA (1980-1982)

Entre 1980 e 1982, os povos indígenas no Brasil vivenciaram um período de intensa transição, caracterizado pela crise do modelo tutelar historicamente exercido pelo Estado, especialmente por meio da Fundação Nacional dos Povos Indígenas e pela emergência de novas formas de organização política indígena. Essa transição foi a mudança de uma política indigenista baseada na integração e assimilação para um

contexto de afirmação da autonomia, do protagonismo indígena e da reivindicação de direitos territoriais e culturais.

Tal processo ocorreu de forma articulada ao contexto mais amplo de abertura política do regime militar, no qual diferentes movimentos sociais passaram a disputar espaço na esfera pública. No caso indígena, essa mudança se materializa na criação de organizações próprias, na atuação de lideranças como Mário Juruna e na ampliação das articulações interétnicas em nível nacional (Gersem Baniwa, 2006).

Dessa forma, a noção de transição refere-se à mudança institucional, no entanto, para além da transformação nas formas de ação política dos povos indígenas, que passam de uma posição de subordinação à tutela estatal para a condição de sujeitos políticos ativos, redefinindo estratégias de luta, especialmente à defesa do território, à identidade e à autodeterminação.

Nesse contexto, destaca-se o fortalecimento de organização indígena. A criação da União das Nações Indígenas (UNI), no início da década de 1980, foi um marco importante na articulação política em nível nacional, ao consolidar formas mais autônomas de atuação diante do Estado, como analisa Gersem Baniwa (2006). Ao mesmo tempo, a inserção de lideranças indígenas no cenário político institucional como novas estratégias de luta, como a de Mário Juruna, frequentemente destacada nas reflexões de Ailton Krenak (2019).

Além disso, o contato forçado com não indígenas provocou a disseminação de doenças, como gripe e sarampo, resultando na morte de diversos grupos, situação amplamente denunciada por Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015).

No campo político e jurídico, esse período foi marcado por denúncias e pressões diante das violações sofridas pelos povos indígenas. Internamente, durante o governo de João Figueiredo (1979-1985), período marcado pela abertura política, mas também pela continuidade de políticas que impactaram negativamente os povos indígenas, o processo de demarcação de terras avançou de forma lenta e limitada, com poucos resultados concretos, conforme apontam Darcy Ribeiro (1996) e Gersem Baniwa (2006).

Dessa forma, o início da década de 1980 pode ser compreendido como um período marcado por contradições, ao mesmo tempo em que persistiam práticas de violência e exclusão, onde se consolidava o fortalecimento do movimento indígena e de sua organização política autônoma.

Diante desse cenário de transformações e conflitos, é possível compreender que o início da década de 1980 marcou o fortalecimento do movimento indígena em nível nacional, mas também influenciou diretamente trajetórias específicas de diferentes povos.

Nesse contexto, em torno de 1982, o povo Terena iniciou um importante processo de migração do estado de Mato Grosso do Sul para o estado de Mato Grosso, motivado, entre outros fatores, pela busca por melhores condições de vida e, principalmente, pela luta por território. Esse deslocamento pode ser entendido como um movimento geográfico, mas também parte de uma estratégia histórica de resistência e reafirmação identitária. A busca pela demarcação de terras tornou-se, assim, um elemento central na organização política do povo Terena de Mato Grosso, destacando a persistência de luta indígena por reconhecimento, autonomia e proteção do direito ao território demarcado.

1.5 TERENA-MT

Refletir sobre o povo Terena de Mato Grosso implica compreender que a história do passado até o presente momento é marcada por longos processos de mudanças, transformações e contatos contínuos com outros povos. E, mais recentemente, no estado de Mato Grosso, vivenciou essa experiência mais uma vez. O primeiro núcleo familiar Terena a migrar já vinha de uma relação interétnica entre dois povos indígenas Tapirapé e Terena. As relações foram ampliando na chegada ao município de Rondonópolis, sendo os originários daquele território o povo indígena Boe Bororo. Para ser mais específico, o autor desta pesquisa é fruto da relação interétnica Terena e Boe Bororo, período que meu povo permaneceu instalado naquela região de Rondonópolis-MT.

O povo Terena de Mato Grosso, tal como se apresenta hoje, é resultado dessas trajetórias históricas, construídas em movimento, em deslocamentos e, principalmente, em relações.

Segundo Micael Rondon (2022), a história do povo Terena em Mato Grosso é um processo de migração, reorganização territorial, pois chegaram a este Estado motivados por conflitos fundiários, superpopulação em terras tradicionais e pela busca de um território onde pudessem viver conforme seus costumes e tradições, livres de pressões externas.

Hoje, o povo Terena de Mato Grosso é reconhecido por esse nome tanto por eles mesmos quanto por outros Terena de outras regiões.

Nesse sentido, esses movimentos geográficos são também sociais e culturais, marcados por relações de parentesco, práticas cerimoniais e trocas. Trata-se de uma mobilidade compartilhada, em que diferentes povos caminham juntos, estabelecendo vínculos que fortalecem a existências Terena-MT.

Cabe aqui responder, das várias indagações que surgem a partir dessas relações. A primeira é, e quanto a perda da identidade? Essas relações representam fragilidade? Compreendemos que ao contrário de perdas, as relações interétnicas expressam a complementariedade, que somam, fortalecem, potencializam a continuação Terena no estado de Mato Grosso.

Exemplos práticos é a palavra *piribe*, que as mulheres Terena usam muito, a qual tem origem Boe Bororo. *Piribe* é uma semente vermelha que é usada para confeccionar vestimentas femininas, especialmente para o desfile na Semana Indígena Intercultural Terena-MT. Reforçando que esse é um dos vários exemplos que somam para a existência da cultura Terena em Mato Grosso.

Figura 6 – Registro do desfile Terena-MT



Fonte: o autor (2015).

Os Terena de Mato Grosso são os anciãos, da aldeia Kuxonety: Antônio Jorge, Maida Reginaldo, Angelica Gomes Reginaldo, Berenice Reginaldo, Isaque Mendes, Cirênio Reginaldo, Cícera Chagas, Brasileira Clemente. Aldeia Turipuku: Catarina Jorge, Cleofa Rondon, Rubens Ricardo Souza. Aldeia Inamaty: Pedro Cruz, Marta Roberto. Aldeia Kopenoty: José Carlos Firmo, Sara Reginaldo, Joel Mário, Eliel Rondon.

Conforme a lista de presença da III Assembleia Geral Terena-MT, fizeram-se presentes: Maida Reginaldo, Angelica Gomes Reginaldo, Berenice Reginaldo, Cirênio Reginaldo, Cícera Chagas, Alvaneir Pereira Reginaldo, Silas Reginaldo, Eliza Reginaldo Jorge, Raquel Reginaldo Gomes, Luciana Reginaldo Gomes, Antônio Mario, Seir Reginaldo Gomes, Geias Jorge da Cruz, Jonis Reginaldo Jorge, Thyara Reginaldo Jorge, Taynara Duarte Rondon, Janser Martins Jorge, Ariel Gomes Reginaldo, Geiel Roberto Cruz, Jesaias Sol Jorge, Tandara Duarte Rondon, Tayla Duarte Rondon, Inês Duarte Rondon, Dara Gabrielly, Dalila Carlos Peixoto, Ana maria Soares, Gustavo Hugo Alcântara, Nilce Alcantara Gabriel, Nayara Alcantara, Dejair Alcantara, Ali Aye Jorge, Cristiane Dias Jesus, Henrique Dias, Gabriel Jorge Manoel, Alex Jorge, Pedro Henrique, Jenifer Alcantara Matchua, José Neto Jorge Cruz, Wenderson Reginaldo Jorge Cruz, Micneias Gabriel Rondon, Luana Gabriel Rondon, Adima Gomes Mario, Areli Mario Gomes, Jussara Roberto Firmo, Junior Mendes, Calita Reginaldo Delfino, Ellen Caroline dos Santos Rondon, Ayummy Thamara Gabriel Campos, Aristide Neto, Rhelem Reginaldo Jorge, Timóteo Reginaldo Gomes, Weverson Jorge Cruz, Nikolly de Oliveira Correa, Pedro Henrique Cruz, Telma Reginaldo Gomes, Misma, Turi Rondon, Sara Reginaldo Roberto Firmo, Sabrina Jorge Manoel, Dennys Gabriel Campos, Vania Gabriel Campos, Danilo Delfino Campos, Marta Roberto Jorge, Carmelita Gomes, Edivaldo da Silva, Miriam Turi Rondon, Alice Rondon, Marcelo Jorge Zacarias, Mateus Alcantara, Virginia Aparecida, Ana Carolina Rondon, Ari Delfino, Eli Jorge Rondon, João Vitor Tapirapé, Enzo Luan Mario Gomes, João Martins Jorge, Janeth Reginaldo Sol, Samuel da Silva Colman, Messias Clemente Rondon, Silviane Colman Gomes, Izaque mendes, Pedro Cruz, Kotiti Panará, Eliwelton Ikodioka Rondon, Odemilson Vitorino, Igor Gabriel Rondon, Micael Turi Rondon, Dalmir Jorge da Cruz, Rosenildo Pereira, Larissa Reginaldo Dias.

1.6 HÉLIO TURI RONDON (*TORIPOKO* OU *TURIPUKU*)

Desde os processos iniciais de formação do povo Terena de Mato Grosso, jamais poderá passar batido um grande guerreiro que teve coragem de iniciar essa trajetória. Seu objetivo era lutar por pessoas desconhecidas que viriam depois, mas essa é outra discussão e reflexão, o fato é ele buscava o território seguro para moradia. Estou falando de Hélio Turi Rondon.

Hélio Turi Rondon, de origem do povo Tapirapé, cujo nome de criança na língua Apyãwa/Tapirapé é *Toripoko*, entre o povo Terena de Mato Grosso, é chamado de Turipuku e de tio Hélio. Entre o povo Tapirapé, desde a infância, foi chamado na língua originária, Apyãwa.

Na infância, foi retirado de seu povo Tapirapé. Antes de ser retirado, perdeu os pais em um confronto de guerra, ataque dos Kaiapó, motivo da sua doação por seu avô, Hélio Turi. A cultura de trocar de nomes ao fim de ciclos da vida é uma característica do povo Tapirapé. Hélio Turi retornou adulto com o nome de Xawapikato.

É relevante mencionar que Hélio Turi foi afastado de sua região de origem porque ficou órfão, justamente no período em que Marechal Cândido Rondon atravessava a região Araguaia, especificamente o território Apyãwa (Tapirapé). As histórias do tempo de ataques do povo Kaiapó contra o povo Tapirapé é confirmada por todos os anciãos Apyãwa, até o presente momento. Os Tapirapé chamam os Kaiapó de *Karaxao*, palavras da língua original Apyãwa/Tapirapé.

O Plano Distrital de Saúde Indígena 2024-2027, referente aos povos indígenas atendidos pelo distrito sanitário, utiliza as informações fornecidas pelo Instituto Socioambiental (2021), que confirma os ataques. Vejamos.

Durante um período de significativa diminuição populacional, a aldeia de Tapi'itawa tornou-se refúgio para os remanescentes do povo Tapirapé. Essa é uma das aldeias mais antigas e serve como portal de entrada para o território. Buscando contato com a população regional e distanciando-se dos pontos setentrionais de seu território, que eram frequentemente atacados por grupos Kayapó, os Tapirapé se concentraram nessa localidade [...] Em 1947 Tapi'itawa sofreu um grande ataque praticado pelos Kayapó Metyktire. A aldeia foi saqueada e a maioria de suas casas, inclusive a Casa dos Homens, queimadas. Algumas mortes ocorreram, fazendo com que os Tapirapés de Tapi'itawa se dispersassem por núcleos regionais, buscando refúgio em fazendas da 31 região e no Posto Indígena Heloísa Alberto Torres (atual PI Tapirapé/Karajá), do SPI. (Brasil, 2024-2027, p. 30-31).

Os Tapirapé mais velhos recordam esses ataques. Os Kaiapó são conhecidos como (Karaxao). O pesquisador tem conhecimento desses termos na língua Apyãwa, devido a viver uma parte da vida no território Tapirapé. Além de entender, é falante da língua Tapirapé. Boa parcela dos Terena tem sangue Apyãwa por meio de Hélio Turi, conhecido também pelo nome de criança (*Toripoko*).

Entre o povo Terena do norte, é conhecido como “Turipuku”, pai do cacique Milton Rondon, veterano e líder da primeira família Terena em Mato Grosso. A escola da aldeia Kopenoty recebeu esse nome e homenagem em reconhecimento ao primeiro líder da família Terena, que chegou ao estado de Mato Grosso, consagração social de coragem e bravura deste grande guerreiro.

Os Terena têm a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”, município de Peixoto de Azevedo e uma aldeia no município de Matupá em seu nome pela validação e notável luta em prol ao povo Terena no estado de Mato Grosso, que culminou nas primeiras ações, reivindicação de território Terena-MT.

Em suma, Hélio Turi Rondon aparece na história Terena como um guerreiro que enfrentou desafios desde a infância, enfrentando desafios da vida, a saída forçada quando criança do território Araguaia, até a conquista de um novo território para outro povo, embora seus filhos estivessem no seio materno, o povo Terena de Mato Grosso.

Seu trajeto é caracterizado por ser forte mental e fisicamente. Primeiro no estado de Mato Grosso, segurou firme os períodos de dificuldades vivenciados família. Mais à frente, ajudou e aconselhou o filho mais velho, o cacique Milton Rondon, para assumir a responsabilidade pelas decisões que assegurariam o destino do povo Terena-MT. Resumidamente, a trajetória de todos no Terena do norte, individual e coletiva, confirma que a luta é construída com bravura e firmeza.

1.7 BREVE HISTÓRICO TERENA DE MATO GROSSO NA III ASSEMBLEIA GERAL TERENA-MT

A III Assembleia Geral do povo Terena de Mato Grosso, ocorrido na aldeia Kuxonety, foi palco de ajuntamento de todas as comunidades Terena do norte, entre os dias 3 a 6 de novembro de 2025.

Ocorreu um momento para contar, relembrar parte da história Terena no estado de Mato Grosso. Para responder à pergunta. Quem é o povo Terena e sua história no estado de Mato, foram selecionados as seguintes autoridades para contar do breve

histórico: Mateus Alcantara Rondon, liderança da aldeia Turipuku, professor graduado em Ciências Sociais pela FAINDI/UNEMAT Faculdade Indígena Intercultural/Universidade do Estado de Mato Grosso, turma (2008); Cirênio Reginaldo Francisco, morador da aldeia Kuxonety Poke'e, parceiro de Milton Rondon, fundador da aldeia Kuxonety Poke'e, da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena e Escola Estadual Indígena Komomoya Kovo'ero, ancião e professor graduado em Ciências da Natureza e Matemática pela UNEMAT/FAINDI, Faculdade Indígena Intercultural – Universidade do Estado de Mato Grosso, turma (2008); Samuel Colman, morador da aldeia Kopenoty, guerreiro desde o início na luta pelo território Terena-MT, bacharel em enfermagem pela Faculdade AJES de Guarantã de Norte-MT, idealizador clube esportivo indígena Kopenoty; Messias Clemente Rondon, cacique da aldeia Turipuku, professor graduado em Ciências da Natureza e Matemática pela FAINDI/UNEMAT – Faculdade Indígena Intercultural – Universidade do Estado de Mato Grosso, turma (2012/2016), filho do cacique Milton Rondon.

Na primeira parte, sobre o breve histórico Terena-MT, o professor Mateus Rondon, da aldeia Turipuku, fez um relato e trouxe um marco temporal, delimitando os anos de 1982, período que marca a saída das primeiras famílias Terena da Terra Indígena (pin Buriti) estado de Mato Grosso do Sul para o estado de Mato Grosso.

Confirma aquilo o professor Micael Turi Rondon (2022), quando escreve que:

Por volta de 16 de agosto de 1982, deslocaram-se para o norte do estado de Mato Grosso meu pai, Hélio Turi Rondon, minha mãe, um genro com sua família e dois filhos. Esse relato consta na entrevista realizada com Milton Jorge Turi Rondon – Cacique Rondon, em 07 de junho de 2011. (Rondon, 2022, p. 41).

Voltando ao professor Mateus, da aldeia Turipuku, ele continua e contextualiza dizendo que a saída da primeira família do povo Terena da Terra Indígena Buriti-MS se dá por vários motivos, sendo uma delas para buscar outro território para abrigar os familiares, no entanto, o que fez o pioneiro, líder da família, o senhor Hélio Turi Rondon decidir de vez se retirar do território sul mato-grossense foi o falecimento de seus dois filhos, em um curto espaço de tempo. Após a perda dos filhos, o líder da família Hélio Turi decide romper de vez sua estadia do estado de Mato Grosso do Sul (Pin Buriti), Terra Indígena Terena.

Para contribuir nesse processo histórico, trago as contribuições de Eliel Jorge Rondon, filho mais novo do pioneiro Hélio Turi. Naquele tempo, o guerreiro Eliel era um rapaz, um adolescente.

Na entrevista, Eliel Jorge Rondon (2025) traz a seguinte memória, da saída de Mato Grosso do Sul.

Em 1980, a gente. Primeiro faleceu a mãe do (Caburé), mãe do Juarez, do Joel. Que era a irmã mais velha, mais velha que tio Miltão. E, seis mês depois, aí faleceu o Eli né, meu irmão que era mais velho que tiozão, mais novo do que a dona Cleofa, mais velho do que tiozão. E assim, tem aquele de que. Ficou aquela coisa pesada né, do nosso quintal, da nossa casa. E, o povo Terena quando morre alguém e eles desfazem das casas, desfazem de tudo e nós não desfizemos das casas né. E aí também, tem aquela questão de que, quando começa morrer gente da família assim, seguidamente é que o local já está trazendo má sorte. Essa também foi uma das questões que ele resolveu sair de lá e procurar os parentescos dele que era o povo Tapirapé né. Essa era o destino exato, que a gente iria tomar, ir direto para o povo Tapirapé. Então ficou. Fica aí assim. Muitas, algumas questões, algumas pessoas que falam de nós, sem conhecer né. Primeiro tem que conhecer a realidade. Porque? Quando? Bem exatamente? (Entrevista concedida por Eliel Rondon, em 8 de novembro de 2025).

A família pioneira, liderada por Hélio Turi, tinha planos de morar com a família, do povo Tapirapé região do Araguaia, território Tapirapé. Projeto de estratégia confirmada por Eliel Rondon em entrevista (2025) e pelo professor Mateus Rondon na III Assembleia Geral Terena-MT (2025).

Eliel Rondon complementa.

Então! Assim, aí. Só que ele sabia que o povo Tapirapé tinha uma extensão de terra bem grande né. Ele falou, meu povo tem cem mil hectares, então eu posso é ir lá, conversar com eles e de repente ceder um espaço específico para nós. Inclusive, realmente segundo seu Pio, né. E o próprio Leonardo, o próprio Paxe. Eles falaram que eles iam mesmo dar para nós, do outro lado daquele lago lá, onde nós pescava, pessoal pescava é, tucunaré, né. Do outro lado do lago lá, disque que a gente poderia ficar lá. (Entrevista concedida por Eliel Rondon, em 14 de outubro 2025).

Eliel Jorge Rondon, em 2025, nos fornece mais detalhes sobre o plano de Hélio Turi Rondon, no estado de Mato Grosso. Ele evoca recordações de três integrantes do povo Tapirapé, senhor José Piu, também conhecido como Wario Tapirapé, primeiro cacique da aldeia Urubu Branco. O senhor Leonardo, primo do entrevistado Eliel, familiar próximo de sangue chamado de Xawara'yroo Tapirapé e outro tio chamado Paxepurygi Tapirapé. As recordações são viáveis porque residimos por quatro anos na aldeia Tapirapé. Eliel recorda-se de diálogos desse período com os três indivíduos mencionados, confirmando as falas, relembrando de ceder um espaço do território ao povo Terena do norte, no entanto, esse plano inicial teve outro percurso, criando história que jamais pensariam percorrer.

No estado de Mato Grosso do Sul, T.I. Terra Indígena Buriti Terena, quando ocorreram os acontecimentos de perdas familiares, foi também o ponto de partida para fazer as malas e partir para o território Tapirapé. Para os filhos e netos, foi uma viagem ao desconhecido, pois ninguém sabia onde ficava esse lugar. Apenas o avô, Hélio Turi, havia conhecimento remoto, mas para o restante da família era tudo novidade.

Sobre esse período, Rondon (2022) afirma.

Por falta de recurso financeiro, naquela época, os Terena ficaram em Cuiabá na Casa do Índio, hoje conhecida como Funasa (Fundação Nacional do Saúde). Em Cuiabá, Hélio Turi Rondon conheceu um indígena, um senhor ancião do povo Bororo chamado Hermes Aijako Borobó (in memória) e se tornaram grandes amigos. O senhor Ermes Aijako Borobó convidou o senhor Hélio com sua Família Terena para morar com seu povo Bororo na aldeia Pobore, no município de Rondonópolis, na terra indígena Tadarimana. (Rondon, 2022, p. 41.)

De acordo com o professor Mateus Rondon, confirmado no trabalho de pesquisa do professor Micael (2022), Hélio Turi estava apenas focado em encontrar um novo lugar para acomodar sua família. O objetivo inicial era chegar à região do Araguaia, mas esse empreendimento foi inviabilizado por questões financeiras. Os fundos obtidos permitiram a saída de Mato Grosso do Sul e a chegada até a capital Cuiabá.

Sem alternativas, procurou refúgio na Funai, onde conversou com representantes administrativos, explicando as circunstâncias e razões de estarem naquele local. Hélio praticava a fé cristã. Entre os Bororo, na aldeia Pobore, havia uma família que compartilhava a mesma religião. A Funai propôs transportar a família de Hélio Turi para o território Boe Bororo e a proposta foi realizada.

Foram conduzidos ao território Boe Bororo, localizado no município de Rondonópolis. Após algumas temporadas, a situação no território se tornou complexa. Há relatos de conflitos entre culturas, mas o professor Mateus acredita que os membros da Funai conspiraram contra o povo Terena em Mato Grosso, alertando as comunidades Boe para expulsar os Terena de suas terras. Após uma assembleia geral do povo Boe Bororo, ficou decidido que os Terena seriam removidos de sua terra, e essa decisão foi cumprida.

A saída dos Terena não foi só por causa do plantio, mas também por culturas diferentes, choque cultural. Os mesmos foram impedidos de plantar e tiveram que abandonar suas roças e perderam parte da produção de algodão, feijão de corda, arroz, abóbora e abacaxi. O povo Terena ficou na terra dos Bororo de 1882 até 1990. (Audiovisual produzido por Antonino Reginaldo, patrono escolar 2025).

Este foi um período decisivo na trajetória da Comunidade Terena de Mato Grosso após sua permanência em condições de vulnerabilidade urbana no bairro Parque São Jorge, em Rondonópolis. A partir de 1990, com o encerramento do contrato na Fazenda Velha e sob pressão dos Bororo para deixarem Tadarimana, as 31 pessoas do grupo se dispersaram entre Pobore, Campo Grande e a periferia urbana de Rondonópolis.

As famílias que permaneceram na cidade ocuparam um terreno municipal, reconstituindo ali uma organização comunitária. Entre 1990 e 1997, os homens da família partiram para um único trabalho de economia indígena na época, sobreviver com pesca e trabalhos temporários em fazendas, enquanto as mulheres atuaram como domésticas e prestadoras de serviço. A situação se agravou com os conflitos com órgãos ambientais, especialmente durante a piracema, resultando em fiscalizações mais rigorosas e impedimento da pesca, principal meio de subsistência no período.

Diante da falta de alternativas para uma economia indígena, o grupo enfrentou uma série de problemas, como o agravamento das condições de saúde, insegurança alimentar e discriminação contra indígenas em áreas urbanas. Em busca de ajuda, a comunidade recorreu à Funai. Contudo, o órgão se recusou a prestar assistência, alegando que se tratava de “índios destribalizados” e que suas terras ancestrais estariam localizadas em Mato Grosso do Sul.

Após a expulsão do povo Terena, Milton vê uma chance de reivindicar um espaço específico para sua família morar. Nesse ponto, busca-se uma estratégia para descobrir como ter sucesso no plano e surge a colaboração do antropólogo Paulo Augusto Mário Isaac e do jornalista César.

Em resposta à falta de reconhecimento institucional e à crise social, a comunidade reestruturou sua estratégia política e fundou, no dia 5 de março de 1998, a Associação dos Trabalhadores Indígenas Recanto Pontal, Povo Indígena Terena. Seus objetivos incluíam conseguir fundos do governo, tornar sua identidade étnica visível, obter reconhecimento oficial como povo indígena e assegurar uma área para práticas socioculturais e produção agrícola. O anúncio de um convênio entre o Governo do Estado e o PRODEAGRO, focado na agricultura sustentável para comunidades indígenas, foi o que motivou a criação da associação.

A partir desse instante, iniciou-se uma trajetória marcada por lutas, conflitos, mobilização política e ampla repercussão pública, especialmente pela ausência de

terras para a agricultura, elemento central para a reconstrução da autonomia social e cultural do grupo.

O antropólogo Isaac (2004, p. 80) faz a seguinte observação sobre o início do momento em que as lideranças perceberam que a única forma de viver bem era reorganizar suas reivindicações no processo de *reordenamento político e sociocultural*.

1) a Comunidade se uniu em torno de um objetivo comum concreto e definiu estratégias que levaram ao seu crescimento populacional em aproximadamente quatrocentos por cento em um ano; 2) estabeleceu uma luta a que se dedicaram integralmente durante quatro anos e meio; 3) buscou e realizou alianças com órgãos municipais, estaduais e da união e com organizações não-governamentais, visando conseguir recursos assistenciais, reconhecimento de sua identidade étnica e uma área de terras para o Grupo. (Isaac, 2004, p. 80).

A Comunidade Terena foi oficialmente reconhecida em 28 de março de 1998, data em que representantes da Funai de Brasília se reuniram com o grupo. Esse encontro foi fundamental, pois oficializou a identidade indígena Terena de Mato Grosso, da comunidade, e estabeleceu que a Superintendência da Funai em Cuiabá deveria começar a oferecer apoio social e jurídico. A partir desse ponto, o grupo ganhou destaque na mídia e recebeu apoio de várias partes da sociedade, mostrando habilidade para se organizar e fazer articulação política.

No dia 20 de maio de 1998, o presidente da Funai, Sullivan Silvestre de Oliveira, recebeu os líderes do grupo e se comprometeu a enviar uma equipe técnica para determinar uma área apropriada. Esse momento deu início a um período caracterizado por várias tentativas sem sucesso, onde foram apresentadas sete propostas de fazendas no total, sendo que três delas chegaram perto de uma conclusão de compra, mas nenhuma foi concretizada. Nesse período, Milton entra em ação solicitando apoio de Cirênio Reginaldo, morador da aldeia Água Azul naquele tempo.

Em entrevista com Cirênio na aldeia Kuxonety (2025), disse assim.

Aí nós viemos, ali começa então o protesto, né. Nosso primeiro protesto e dois dias a FUNAI já prometeu que ia arrumar área pra nós, que ia pagar as despesas conforme foi falado. Reunido aquele dia, né. Dia 18 de dezembro de 1998. Então, mas isso foi só o começo de promessa. (Entrevista concedida por Cirênio Reginaldo, em 17 de abril de 2025, aldeia Kuxonety).

De 1º a 5 de outubro de 2001, a Comunidade Terena-MT promoveu uma grande manifestação que ganhou destaque nacional ao interditar as rodovias BR-163

e BR-364. A iniciativa teve o suporte de várias comunidades indígenas organizadas pela FEPOIMT e COIAB. No terceiro dia, o sequestro de onze pessoas aumentou a visibilidade do movimento. A pressão resultou em uma reunião com autoridades de diversos níveis, o que culminou em um acordo: o Incra indicaria nove áreas, e os indígenas escolheriam uma delas para aquisição pelo governo. No entanto, as expectativas foram novamente decepcionadas no ano seguinte, quando a aquisição do Complexo Tarumã não se concretizou.

Em outubro de 2002, o Ministério da Justiça apresentou uma nova proposta: a destinação da Gleba Iriri, localizada em Peixoto de Azevedo, uma área pertencente à União, situada em local próximo às Terras Indígenas Panará. Os Terena concordaram, contanto que fossem compensados com R\$ 1,5 milhão para cobrir os custos de sua instalação. O acordo foi oficializado e os fundos foram disponibilizados em 28 de dezembro de 2002, possibilitando a compra de veículos, máquinas e equipamentos necessários para o início de uma aldeia na região. Em janeiro de 2003, o prefeito de Peixoto de Azevedo também reservou 4.000 m² no Distrito União do Norte para a construção de uma aldeia indígena, distância de 180 km da futura aldeia.

Após a chegada ao norte, as lideranças Terena, com o apoio do cacique Milton e Cirênio, realizaram seus papéis de liderar o nosso povo. Contudo, na área da educação gostaria de destacar o esforço da professora Cícera Chagas, formada em pedagogia e esposa do cacique Cirênio, que foi fundamental na criação da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena” e para minha geração de estudantes desse período.

Em 2003, no Distrito União do Norte, o povo Terena se preocupava com suas crianças. No início não havia uma escola indígena específica. Então, a professora Cícera Chagas, com Cirênio Reginaldo, solicitou uma sala anexa à Escola Municipal Vida Esperança, uma instituição não indígena. Ela usou seu conhecimento prévio sobre estratégia e diálogo para conversar com a direção da escola municipal Vida e Esperança, solicitando a disponibilização de uma sala anexa. Além disso, usou o seu próprio veículo particular para nos transportar do distrito até o local de estudo, denominado Barracão (secador de grãos), localizado no travessão 3, que hoje está a uma distância de 2 a 3 km. A professora Cícera fazia todo o possível para garantir que as crianças pudessem frequentar a escola. Lembro que mantivemos essa situação e continuamos com as aulas por aproximadamente um ano.

A associação de União do Norte é proprietária do local onde nosso povo Terena se instalou ao chegar em União do Norte. No atual momento, um agricultor ocupa e cultiva neste local.

1.8 MEMÓRIA DOS ANCIÃOS E LIDERANÇAS SOBRE A SAÍDA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

A anciã Maida Reginaldo, de 71 anos de idade, moradora da aldeia Kuxonety, faz o seguinte relato na língua Terena, traduzida por Antonino Reginaldo Jorge.

Ya keno'oko ũti yákene, vo'okuke áko'otine áxuina poke'e a ũti yákono. Keno'oko ũti yakeneye itaikovi né ka porá mboínu, Cirênio. Keno'okone ũti ikeneke yakeneke. Tuku koêti simea Ũti Rondonópolis, vovane yakono singu koêti xoena. Motovâti koiparaya Ũti ra poke'e, iná keno'oko Ũti úvea Rondonópolis.

Nós viemos para cá, porque lá já a terra já estava pequena para nós a população já estava grande né. Então foi uma das razões que viemos para cá. Nós viemos a convite do meu irmão Cirênio, que nos convidou na época para vir para cá, Mato Grosso, então nós aceitamos o convite, nós viemos para cá. Nós viemos para Rondonópolis e ali a gente ficou na luta durante 5 anos. Podendo ali, circulando para poder adquirir essa terra que nós estamos aqui hoje. (*Documentário Terena: Vozes de Resistência e Esperança*, 2025).

O peso do relato da anciã Maida Reginaldo é enorme. É memória presente em nosso meio. A anciã faz referência aos motivos da saída Terena para o norte do estado de Mato Grosso, decisão impulsionada por pressão quanto ao crescimento populacional no território de origem e também pela busca por condições de sobrevivência dos filhos, filhas, netos e bisnetos.

A convite do irmão Cirênio Reginaldo, a anciã Maida relembra em poucas palavras do encorajamento que fez desafiar, buscar um novo lar para sobreviver. O irmão cacique Cirênio Reginaldo foi fundamental nesse processo para encorajá-la a ir para outro lugar.

Foi um extenso período de luta, mobilização e protesto até que nosso território no norte fosse consolidado. O depoimento é importante, pois a memória oral é lembrada para os jovens e crianças que nasceram no norte, para que lembrem da nossa história por intermédio de contadores que percorreram todo esse processo.

O cacique Cirênio, no documentário *Terena: Vozes de Resistência e Esperança* (2025), assim se posicionou:

Antes dos anos 1980, já veio umas famílias do Mato Grosso do Sul (Terena) e vieram morar em, na região de Rondonópolis, nos anos 1980 aproximadamente. E, que é o cacique, foi o cacique Milton Rondon, e as família, Hélio Turi, pai dele. Que vieram morar em Rondonópolis com intenção mesmo de ter uma terra maior, porque em Mato Grosso do Sul nós tinha espaço muito pequeno. Só para vocês ter uma ideia, nós naquela época que estávamos lá ainda, nos anos 1980, nós tinha uma média de, já de 800 pessoas para dividir em 600 hectares, na Água Azul, então dali já começava o problema desde os ano 1980. Então vieram essa família do Rondon, Milton Rondon e ficou em Rondonópolis durante todo esse tempo, até 1998. E. Aproximadamente 10 anos antes de 1998, ele começou solicitar uma área do governo, INCRA, FUNAI porque estava aumentando a família Terena em Rondonópolis. E, já tinha na média de aproximadamente 30 pessoas, 35 pessoas ele comentou naquela época em 1998 e não tinha mais como, não tinha espaço, eles moravam na periferia de Rondonópolis, não tinha o sustento, então eles solicitaram a área para o INCRA e FUNAI. Mas assim durante 10 anos aproximadamente a Funai venho só enrolando, enrolando falando que queria dar terra e não fazia isso, nunca decidiu. Em 1998 no mês de setembro o Milton ligava para Buriti, onde nós somos origem pedindo para alguma liderança vê se viriam dar força para ele, requerer essa área do governo, aqui no Mato Grosso. E quando foi em setembro de 1998, eu vim visitar o Milton ali, eu e o seu Aristide, hoje a Angélica esposa dele. Setembro de 1998. Aí o Milton conversou comigo tá acontecendo isso, nós temos área previsto INCRA já prometeu, FUNAI já prometeu mas nunca aconteceu ainda, e nós queremos fazer um movimento, se vocês algumas pessoas, famílias Terena quiserem do Mato Grosso do Sul nos ajudar. Então voltamos pro Mato Grosso do Sul, em dezembro no dia 5 de dezembro de 1998 nós reunimos na aldeia Água Azul em uma média de 100 pessoas lá, na casa do meu pai, que era cacique Terena lá, na época. E, todos que foram lá, da aldeia Recanto, aldeia Córrego do Meio, aldeia Olho da Água, aldeia Água Azul foram ver, o que nós ia falar na reunião. Eu fui passar para eles a ideia do Milton Rondon que estava em Rondonópolis, aí eu falei para eles que havia área prevista pelo governo no Mato Grosso e se alguém quisesse nos dar força e morar no Mato Grosso, a Funai iria dar à Terra. Então na média de 80 pessoas falou, então vamos embora, vamos lá com você, vamos fazer esse movimento lá. Então nós viemos no dia 16? 15 de dezembro, dois ônibus vieram do Buriti, Mato Grosso do Sul para fazer o primeiro protesto, 70 Km de Rondonópolis. Dia 16 de dezembro nós fizemos o primeiro protesto que durou 2 dias e FUNAI prometeu que daria terra novamente, ia pagar as despesas, eles fizeram isso só para tirar nós do bloqueio. (*Documentário Terena: Vozes de Resistência e Esperança*, 2025).

A fala do cacique Cirênio demonstra de forma clara o processo histórico de migração, ativismo político e luta por território do povo Terena em Mato Grosso, particularmente na região sul do estado de Mato Grosso, município de Rondonópolis, desde os anos 1980 até o fim da década de 1990.

O primeiro aspecto importante do relato é que a migração Terena não acontece por escolha individual, mas como consequência direta da falta de terras nos territórios de origem, em Mato Grosso do Sul. Cirênio ressalta que, na aldeia Água Azul, aproximadamente 800 pessoas compartilhavam apenas 600 hectares, o que, na década de 1980, já causava sérios problemas relacionados à sobrevivência, sustento

e reprodução social. Esse dado indica que o deslocamento para Mato Grosso está relacionado a um processo estrutural de confinamento territorial, decorrente de fatores históricos.

A centralidade da liderança de Milton Rondon nesse processo é outro ponto relevante. O relato indica que Milton mudou e organizou politicamente, com o pai Hélio Turi, a comunidade Terena em Rondonópolis, permanecendo em território Boe Bororo e periferia da cidade por cerca de 20 anos. Nesse período, o trabalho foi árduo para obter o reconhecimento como indígena e um território indígena junto ao Incra e à Funai, prevendo o aumento populacional do grupo e a impossibilidade de continuar vivendo na periferia urbana, sem espaço territorial e sem recursos para subsistência.

A entrevista também destaca a lentidão e falta de atenção institucional da Funai, que, de acordo com Cirênio, prometeu a concessão de terras por cerca de dez anos sem tomar nenhuma medida concreta. A velha e comum tática de utilizar promessas para evitar conflitos.

Um ponto crucial do relato entre o território de origem e o território de destino, quando Milton Rondon procura o apoio das lideranças de Buriti, no Mato Grosso do Sul, sendo o cacique Cirênio Reginaldo como intermediador, é a reunião ocorrida em dezembro de 1998 na aldeia Água Azul, com aproximadamente 100 participantes. Essa foi a virada de chave, decidindo uma parte migrar e lutar pela terra em Mato Grosso, que desmantela qualquer narrativa que considere esse movimento como uma invasão ou ocupação ilegal. Os dois indivíduos mostram suas características de líderes, pensamento além do seu tempo, estratégia e coragem, grandes caciques por nomes Cirênio Reginaldo Francisco e Milton Jorge Turi Rondon.

O ancião Antônio Jorge, 76 anos de idade, morador da aldeia Kuxonety Poke'e, também relembra e revela sua experiência e trajetória. Segundo o ancião, a sua saída em particular do estado de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso foi uma escolha difícil, no entanto, a decisão foi pautada pela luta por território, bem comum da comunidade e responsabilidade com filhos e netos e bisnetos.

Relatar um pouco da nossa vida até aqui, porque é uma coisa que eu sempre lutei no trabalho de lavoura plantando alguma coisa para o bem comum da família, da comunidade que eu morava. Eu via necessidade de espaço naquela época, devido que eu plantava e às vezes o povo começava, a estragar a plantinhas que eu tinha. Aquilo foi me deixando sem vontade de continuar naquela luta, no entanto eu, quando meu cunhado Cirênio chegou com essa proposta de que Milton Rondon, já, ente querido nosso. Ele tinha ajeitado uma área para que o nosso povo. Quem quisesse vir para área de Rondonópolis, poderia vir. Ai, tanto que ele falou assim, vê se arruma mais

gente. Comecei sair nas casas comentando essa novidade né, e muitos acataram a ideia. Rapaz, sabe que é mesmo. É bom. Eu falei porque, nós precisamos de espaço naquele tempo em 98 e ainda a nossa aldeia ainda tinha um pedaço que cabia casas, mas agora dizem que não tem mais, então a gente viu a necessidade prevendo a necessidade futura. Da futura geração, não a minha. Eu sempre falo assim que nós, pai de família a gente tem que ter uma visão de que seria melhor para os filhos, netos, bisnetos. Outras pessoas que compõem a comunidade né. Então tomei uma decisão, falei pra minha velha. Falei e aí nós vamos, então vamos na hora assim, tanto é que deixamos tudo que nós tinha lá [...] pra mim é uma coisa que eu abandonei num instante foi na tomada de decisão de buscar uma alternativa para futura geração, não a minha. Eu estava bem lá. Então nós viemos e ela tomou decisão, convidei outros companheiro e foram pronto para vir e fomos somando, fomos juntando. Tanto que hoje, nós vimos que valeu a pena aquela luta, aquela decisão de vir por uma necessidade que o espaço era muito pequeno e nós chegamos para cá, um lugar muito diferente do que lá. (*Documentário Terena: Vozes de Resistência e Esperança*, 2025).

A fala do ancião Antônio Jorge descreve a migração Terena como um evento político e territorial. Para além, percebemos que foi por escolha ética, coletiva, orientada pela responsabilidade em relação ao futuro da comunidade.

As plantações, frequentemente prejudicadas pela falta de espaço, mostram o desgaste emocional do ancião. Um aspecto fundamental da fala é a perspectiva de longo prazo. O ancião declara de forma clara que sua decisão foi tomada pensando no futuro dos filhos, netos e bisnetos, o que é visto como um ato de cuidado.

Antônio Jorge explica detalhadamente como o convite foi feito na época às comunidades do Mato Grosso do Sul, especificamente na aldeia Água Azul, no município de Dois Irmãos do Buriti-MS. O ancião relata que o cacique Cirênio trouxe pela primeira vez o convite, apresentando novidade de outro líder, Milton Rondon, com as palavras do ancião: “ajeitando uma área [...] quem quisesse vir para Rondonópolis”.

Atendendo ao pedido do cacique Cirênio na época, Antônio Jorge estendeu o convite a toda a aldeia Água Azul. Muitos aceitaram o desafio e foram se reunindo para se juntar à família de Milton Rondon, que já estava em Rondonópolis.

Figura 7 – III Assembleia Geral do povo Terena-MT – Aldeia Kuxonety



Fonte: o autor (2025).

No final deste trabalho, estará em anexo a lista de presença dos participantes da III Assembleia Geral do povo Terena-MT, ocorrida entre os dias 3 a 5 de novembro de 2025. No entanto, há muitos outros nomes de membros que não foram incluídos, uma vez que a lista de nomes se embasou apenas nos três dias de encontro e muitos foram impossibilitados de participar por questões de trabalho, de transporte, entre outras.

Sendo assim, a seguir uma lista de nomes que não compareceram por esses motivos: Antonino Reginaldo Jorge, Akene Mileske Jorge, Lucineia Mileske, Eliel Jorge Rondon, Eliude Jorge Rondon, Cleofa Jorge Rondon, Rubens Sousa, Jucelino Spigot, Angelica Candido, Mikarrakiner Gomes Rondon, Islene Peixoto, Raiane Gomes Rondon, Jocimara Roberto Firmo, Otniel Mario, Juliana Roberto Cruz, Emili Borobó Cruz, Wilian Maicon Pereira, Isabel Catarina, Sane Martins, Ismael Peixoto, Edenice Rafael, Isabelli Rafael Peixoto, Fernando Rafael Peixoto, Jadson Sol Jorge,

Marli Delfino, Pamela Canhete, Jackceli Spigot, Joel Mario, Roseli Souza. Há muitos outros nomes que futuramente um de nossos guerreiros e guerreiras Terena-MT podem não presenciar o nome, mas reitero afirmando que os nomes citados neste trabalho foram delimitados aos membros da nossa região norte (aldeia e cidade), mas há outros nomes que estão em territórios de parentes indígenas.

1.9 DOCUMENTOS QUE SUSTENTAM A TRAJETÓRIA DE REINVINDICAÇÃO DOS TERENA-MT

A reflexão apresentada nesta parte do estudo destaca um ponto importante, o uso de fontes e, sobretudo, a produção de novas fontes a partir da própria dinâmica do povo Terena. As produções que faço referência estão no Relatório de Práticas Pedagógicas na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”: Ensino da História, identidade Terena-MT, feitas pelos estudantes, turma multisseriada do Ensino Fundamental do 7º ao 9º e sala multisseriada Ensino Médio 1º ao 3º ano.

As primeiras fontes escritas e orais elaboradas que iremos destacar são dos caciques Terena, período entre 1998 a 2002.

Diante desse contexto, damos visibilidade aos documentos elaborados pelos líderes no período de 1998 a 2002, produzidos por Milton Rondon e Cirênio Reginaldo, fontes essenciais que nos trazem luz sobre os processos internos de decisão e articulação Terena-MT na luta por demarcação de território. Esses documentos são de grande importância para os pesquisadores indígenas, aqui em especial a esta pesquisa, para o povo Terena de Mato Grosso.

O território que tanto meu povo lutou, fazendo fechamento de rodovia, é chamado de Terra Indígena Terena Iriri, localizado no município de Matupá-MT. Os atos normativos relacionados à reserva indígena, território Terena Iriri, estão publicados pela Portaria nº 867, de 2 de julho de 2004, regularizando 30.622,58 hectares, dados da Funai (2025), ordem de Serviço nº 08/2007, contrato nº 075/2007. Uma parte do território, 21.700 hectares faltantes, encontra-se nas mãos de posseiros e fazendeiros. O território conquistado destinado ao meu povo em sua totalidade é 52.200 hectares.

Essas informações constam em um processo de número: 1026808-50.2025.4.01.3600, classe de Cumprimento Provisório de Sentença, órgão julgador 3º Vara Federal Cível da SJMT. Trata-se de uma ação civil pública ajuizada pelo

Ministério Público Federal com o objetivo de condenar a Funai ao pagamento de indenização por danos morais e materiais, pela circunstância de migração forçada, abandono e negando reconhecer meu povo como indígena Terena.

Esse processo vem de longas datas, anos de 2000 e 2001, quando vivíamos acampados em aldeias provisórias à beira da rodovia BR-163. Indignados com a Funai, e como fomos tratados na época, o nosso cacique Milton Rondon buscou procurar justiça ao nosso povo.

Trago, a seguir, a memória de duas atas de reuniões para confirmar que o cumprimento de sentença proporcionada hoje, segundo semestre do ano 2025, de nº: 1026808-50.2025.4.01.3600, corre em processo há 25 anos. O cacique Rondon, como gostava de ser chamado, não se encontra mais para comemorar essa grande notícia, uma vitória proporcionada por lutas de resistência, paciência, aguentando firme a negação de direitos do povo Terena de Mato Grosso, no estado de Mato Grosso.

Ata da Assembleia Ordinária Terena de Mato Grosso, ano 2000.

Nos quinze dias do mês de agosto de 2000 (dois mil) as 9:30 nove horas e trinta minutos, deu início a quinta Assembleia Ordinária, para tratar dos assuntos de interesse da comunidade. O assunto em pauta que foi presidida pelo presidente da (ATIRPIT) Milton Rondon. Viemos sofrendo pela sociedade branca, uma discriminação que vem a longo dos tempos, classe empresarial, universidade e muitas organizações governamentais e não governamentais. Este assunto foi discutido tomando várias horas com algumas lideranças ao tomar o conhecimento quando o mesmo presidente abordou como exemplo a música que a cantora e apresentadora de televisão da imprensa globo que todos conhecem como Xuxa. Explicou Milton Rondon! Que a música desse [...] quando o autor usa o nome do índio e faz grito. José Filho levantou e diz: “este grito é como deboche as nossas nações indígenas”. O líder veterano Hélio Turi Rondon de 65 anos interrompeu a fala e disse. “Estes estão ferindo os nossos princípios tradicionais e culturais, precisamos fazer alguma coisa” [...] A conselheira Catarina Jorge: “Vamos pedir que a justiça repare nossos direitos no Estatuto do Índio”. Milton percebeu que as lideranças ficaram indignados com a discriminação e todo o resto da comunidade. Milton Rondon fez uma colocação para a comunidade neste momento; vamos procurar apoio jurídico e entrar na justiça, ou seja, mover ação indenizatória para os acontecimentos, disse mais, conheço um advogado diante da autorização da comunidade e da liderança vou trazê-lo para nos apoiar como nosso departamento jurídico, doutor Cival Filho e doutor Cival Poohl Moreira de Castilho Filho e foi aceito pela comunidade, como apoio jurídico desta associação. (Ata da Assembleia, 15 de agosto de 2000).

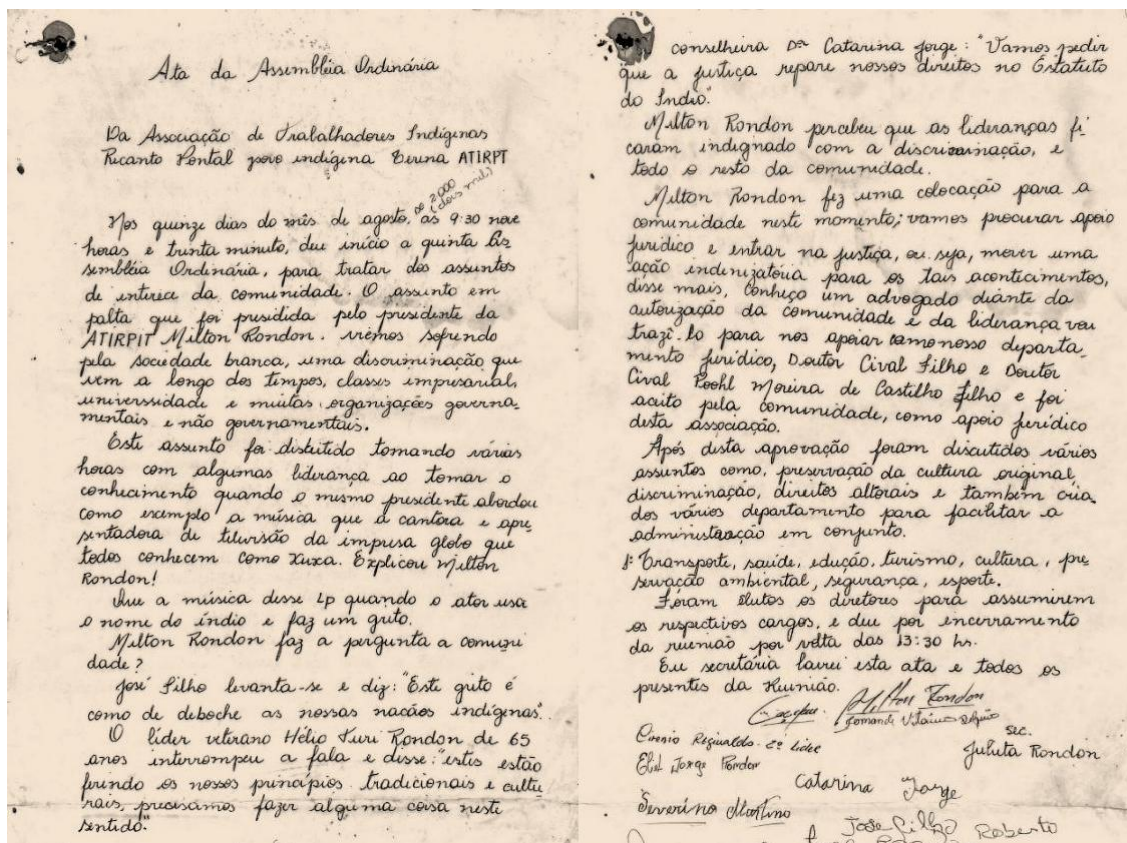
O documento registra a quinta Assembleia Ordinária da comunidade Terena-MT, ocorrida em agosto de 2000, sob a presidência de Milton Rondon, promovida pela associação ATIRPIT. O principal assunto discutido na reunião foi a discriminação enfrentada na época, perpetrada pela sociedade não indígena, abrangendo setores

empresariais, universidades, além de instituições governamentais e não governamentais.

Em síntese, o documento confirma a estrutura política da comunidade, a conscientização dos direitos indígenas e a determinação coletiva de combater a discriminação por meio de ações legais.

Na mesma ata, após ouvir as ideias e discutir os assuntos, o cacique Milton percebeu a indignação que a conversa gerou e pediu a palavra para acalmar os ânimos. Foi nesse momento que proferiu a seguinte pensamento: “Vamos procurar apoio jurídico e entrar na justiça, ou seja, mover uma ação indenizatória para tais acontecimentos”, conforme a ata da assembleia ordinária (2000).

Figura 8 – Ata da Assembleia Ordinária (2000)



Fonte: o autor (2025).

O documento acima tem as assinaturas do cacique Milton Rondon, além de Cirênio Reginaldo, Fernandes Vitorino Delfino (*in memoriam*), José Filho Roberto Jorge, Catarina Jorge, Eliel Jorge Rondon (*in memoriam*), Severino Martinho, Micael, o qual foi redigido pela secretária Julieta Rondon, tendo sido encerrada a reunião aproximadamente às 13h30.

No ano seguinte, em específico dia 25 de julho 2001, foi feito outro documento com o título “Ata de Assembleia da Comunidade Terena”. Parte de toda discussão realizada anteriormente volta a ser pauta de diálogos, nessa outra ata, conforme documento da comunidade. A seguir, descreverei partes, recortes na integralidade do documento e logo após anexarei a imagem. Uma ressalva importante para inserir aqui e que só conseguimos recuperar partes do documento, pois muitos se perderam durante as mudanças.

Foi no ano de 2023 que tive acesso a esses documentos pela primeira vez, em uma ação conjunta com meu pai, Eliel Jorge Rondon. Queríamos entender o que o cacique tanto escondia nas caixas empilhadas, que ele mantinha sob sete chaves em vida. Entre os muitos documentos elaborados, anexo um datado de 25 de julho de 2001, conforme a Ata de Assembleia da comunidade Terena (2001).

Aos dias 25 de julho de 2001, às 9:00 horas, reuniram-se na chácara Lago Azul, no KM 115 da BR 163, a comunidade Indígena Terena, composta por 75 famílias e 295 pessoas, entre crianças, mulheres e adultos, onde foi lavrada a presente ata. A pauta de reunião trata da luta de mais de 19 anos da comunidade Terena, reconhecida oficialmente como de Mato Grosso, por uma área de terra para plantar, viver e criar suas famílias. Nos últimos 4 anos a comunidade espera em áreas na periferia da cidade, mas apesar de muita luta, até o momento só existe promessa do governo. A reunião foi aberta pelo cacique Milton Rondon, que destacou o abandono a que a comunidade passa por parte do governo federal, Funai e Incra. Destacou o abandono na periferia da cidade, passando a comunidade por discriminação racial [...] estão matando nós de cansaço, no desprezo, na angústia desta espera por anos e anos. [...], o cacique Milton Rondon pediu a palavra para que falasse o vice cacique Cirênio, que disse; precisamos resolver de qualquer jeito nossa situação, tanto da área de terra [...] e indenizar a comunidade pelos últimos anos vivendo na miséria e em terrenos alheios na periferia. O cacique Milton Rondon pediu na então autorização ao Conselho Tribal e a comunidade para contratar um advogado para abrir um processo de indenização para comunidade indígena. [...] o cacique autorizado a contratar um advogado para iniciar um processo de indenização contra a FUNAI e o Governo Federal pela situação Terena. (Ata de Assembleia da Comunidade Terena, parte 1 e 2, 2001).

Esse documento é composto por três partes, sendo que o recorte descrito acima contempla o lado das folhas 1 e 2, restando a última folha, a parte 3. Acima, estão os recortes da integralidade da escrita redigida pelo secretário ou pela secretária. A parte 3, onde descreve os participantes e o relator (secretário), não foi encontrada.

O documento acima registra uma reunião da comunidade indígena Terena-Mt, realizada em julho de 2001, com a presença de 75 famílias (295 pessoas), na aldeia

Lago Azul, às margens da BR-163. A pauta central foi a luta histórica da comunidade por território, que já durava mais de 19 anos, sem resposta efetiva do governo.

Durante a reunião, o cacique Milton Rondon denunciou o abandono do governo federal, da Funai e do Incra, destacando que a comunidade vivia há anos na periferia da cidade, em situação de discriminação racial, sofrimento e insegurança. O vice-cacique Cirênio reforçou a urgência de resolver a questão territorial e defendeu também a indenização pelos anos de miséria e espera.

Figura 9 – Ata de Assembleia da comunidade Terena (2001)

Ata de Assembleia da Comunidade Terena

Aos dias 25 de Julho, de 2001, às 9:00 horas, reuniram-se na Chacarra Lago Azul, no km 115 da BR 163, a Comunidade Indígena Terena, composta por 7558 anos, que diz que não somos gente feita famílias e 295 pessoas, entre crianças, mulheres e adultos morrer a mingua, que o governo tem que ter, onde foi lavrada a presente Ata.

A pauta de reunião trata da luta de mais de 19 anos da Comunidade Terena, reconhecida oficialmente como de Mato Grosso, por uma área de Terra para plantar, viver e criar suas famílias. Nos últimos 4 anos a comunidade espera em áreas na periferia da cidade, mas apesar de muita luta, até o momento só existe papel e promessas do governo.

A reunião foi aberta pelo cacique Milton Rondon, que destacou o abandono a que a comunidade passa por parte do governo federal, Funai e Incra. Destacou o abandono na periferia da cidade, chamando a comunidade por discriminação racial; do prejuízo pela não produção agrícola e pecuária; pela perda da cultura original pelo contato indiscriminado com os brancos; Estão matando nós no carmaço, no desprezo, na angústia desta espera por anos e anos. Lembram a miséria nestes últimos anos, sem dinheiro para comprar roupas e utensílios domésticos;

Neste momento, levantou e pediu a palavra um líder Terena de 65 anos, que irritado falou que na verdade, nós índios, estamos sendo mas-

parados, quer dizer que nós não somos gente, estou irritado, muito irritado...

Interrompeu neste instante uma idosa de 80 anos e crianças. Precisamos advogado cobrar governo nossos direitos.

Neste momento, o cacique Milton Rondon pediu a palavra para que falasse o vice cacique Cirênio, que disse; Precisamos resolver de qualquer jeito nossa situação, tanto da área de Terra, quanto de dinheiro para reformar os barracos e indenizar a comunidade pelos últimos anos vivendo na miséria e em terrenos alheios na periferia.

O cacique Milton Rondon pediu então autorização ao conselho tribal e a comunidade para contratar um advogado para abrir um processo de indenização para a comunidade indígena.

Foi então colocado em votação o pedido do cacique, o qual foi aprovado por unanimidade, ficando assim, o cacique autorizado a contratar um advogado para iniciar um processo de indenização contra a Funai e o governo federal pela situação Terena.

Continua fl. 2

Fonte: o autor (2025).

Como encaminhamento, a comunidade deu autorização oficial ao cacique Milton Rondon para contratar um advogado e processar a Funai e o Governo Federal por omissão e prejuízos causados ao povo Terena-MT.

É relevante destacar que só tivemos acesso aos documentos mencionados aqui, seja diretamente ou por meio de anexos, após o falecimento do cacique Milton Rondon, no final do ano de 2020. Somente em 2023, ao acessarmos fisicamente, foi

desafiador realizar a leitura e a retirada da caixa de papelão, pois formigas e cupins estavam consumindo-a devido à exposição ao tempo.

Nos documentos de 2000 e 2001, meu povo já estava farto de promessas. Começa, então, uma busca por instituições que pudessem oferecer “apoio jurídico” ao nosso povo. O resultado dessas ações foi a conquista de um território no estado de Mato Grosso, beneficiando quatro comunidades.

No segundo semestre de 2025, no dia 17 de setembro, foi assinado eletronicamente pelo Procurador da República, Thales Messias Pires Cardoso, o cumprimento provisório de sentença contra a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). A decisão condenou a Funai ao pagamento de danos morais e a adotar todas as medidas necessárias, legais e administrativas para regularizar a porção de terras da Gleba Jarinã. Assim, a comunidade Terena de Mato Grosso recebeu a totalidade dos 52.200 hectares, pois 21.700 hectares faltantes estão distribuídos nas mãos de fazendeiros. Por esse motivo, nosso povo Terena de Mato Grosso muito se alegra com essa notícia.

Atualmente, os Terena da região norte do estado de Mato Grosso se autodenominam Terena de Mato Grosso, sendo também assim que grupos de outras regiões nos reconhecem. Aqui estamos distribuídos em diferentes aldeias, localizadas na região mais ao norte do Estado, divisa com o estado do Pará, municípios de Peixoto de Azevedo, Matupá.

A demarcação da Terra Indígena Terena Iriri Novo continua sendo um marco histórico para nós, Terena de Mato Grosso. Este processo contou com mobilizações, reuniões, bloqueios de rodovias e negociações políticas. Abaixo, informações da situação territorial Terena, ano de 2025.

Figura 10 – Dados oficiais da demarcação território Terena Iriri Novo

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO Terra Indígena		06/10/2025																									
Reivindicação(ões) vinculada(s) <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th>Nome</th> <th>Id</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;">Não há reivindicações vinculadas</td> </tr> </tbody> </table>			Nome	Id	Não há reivindicações vinculadas																						
Nome	Id																										
Não há reivindicações vinculadas																											
Processos: Não Cadastrados																											
Nome oficial da Terra Indígena: Terena Gleba Iriri																											
Etnia(s) Terena																											
Tipo da área: Principal		Situação: Ativo																									
Terra(s) Indígena(s) de origem <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th>Terra Indígena</th> <th>Situação</th> <th>Tipo</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td colspan="3" style="text-align: center;">Não há Terras Indígenas de origem cadastradas</td> </tr> </tbody> </table>			Terra Indígena	Situação	Tipo	Não há Terras Indígenas de origem cadastradas																					
Terra Indígena	Situação	Tipo																									
Não há Terras Indígenas de origem cadastradas																											
UF(s) Município(s) MT Matupá																											
Etapas Administrativas: Concluído Fase do procedimento demarcatório: Regularizada																											
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th colspan="5">Localização(ões)</th> </tr> <tr> <th></th> <th>Graus</th> <th>Minutos</th> <th>Segundos</th> <th>Orientação</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Latitude</td> <td>9</td> <td>42</td> <td>24.877000</td> <td>Sul</td> </tr> <tr> <td>Longitude</td> <td>53</td> <td>49</td> <td>50.883000</td> <td>Oeste</td> </tr> <tr> <td>Observação</td> <td colspan="4">Não Cadastrada</td> </tr> </tbody> </table>			Localização(ões)						Graus	Minutos	Segundos	Orientação	Latitude	9	42	24.877000	Sul	Longitude	53	49	50.883000	Oeste	Observação	Não Cadastrada			
Localização(ões)																											
	Graus	Minutos	Segundos	Orientação																							
Latitude	9	42	24.877000	Sul																							
Longitude	53	49	50.883000	Oeste																							
Observação	Não Cadastrada																										
Tipo: Reserva Indígena		Faixa de fronteira: ☐ Superfície: 30.588,81																									
Coordenação(ões) regional(is) COORDENACAO REGIONAL NORTE DO MATO GROSSO																											
Sobreposição(ões) Não há sobreposições cadastradas																											
Observações: Não Cadastrada																											

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO Terra Indígena		06/10/2025
Documento(s) processual(is) Não há documentos processuais cadastrados		
Documento(s) geral(is) Atestado de Execução de Serviços Certidão nº 109 Certidão nº 172 Contrato nº 075/2007 Matrícula 4.809, Lv. 2-RG, Fls. 01/vº e 02/vº Memorando nº 163/CGGEO/2010 Memorando nº 538/DAF/2006 Ofício nº 1275/DPT Ofício nº 632/DPT - ao CRI de Matupá/MT Ordem de Serviço nº 08/2007 Planta de Delimitação Planta de Demarcação Portaria 1085, de 21 de outubro de 2002 Portaria nº 0018, de 15 de janeiro de 2002 Portaria nº 0805, de 02 de outubro de 2001 Portaria nº 0954, de 22 de novembro de 2001 Portaria nº 0954, de 22 de novembro de 2001 Portaria nº 1059, de 10 de outubro de 2002 Portaria nº 867, de 02 de julho de 2004		
Processo(s) Vinculado(s) 08001.002902/2000-83; Desapropriação 08620.000240/2001-16; Aquisição de Área 08620.001752/2007-87; Demarcação 08620.002013/2006-21; Contratação de Serviços 08620.002235/2002-11; Eleição de Área Indígena 08620.002236/2002-65; Eleição de Área Indígena 08620.002237/2002-18; Eleição de Área Indígena 54240.000441/1999-30; Aquisição de Imóveis		

Fonte: Sistema Indigenista de Informações (SII) (2025).

Durante o processo dessa pesquisa, na parte de práticas pedagógicas e reflexões, ocorreu a criação de novas fontes por estudantes indígenas da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon” Terena”, que, durante o exercício das atividades escolares, ano de 2025, analisaram os documentos produzidos pelos líderes e, em sequência, produziram novas fontes, como desenhos, pequenos textos e mapas da luta do povo Terena pela demarcação do território, no norte do estado de Mato Grosso.

Percebemos que o trabalho com fontes chegou à escola, sendo lido pelos estudantes que passaram a discutir essa documentação. A partir disso, esses estudantes produziram outras fontes, registrando o entendimento sobre elas e produzindo outros textos, outros documentos.

Assim, reafirmamos que este exercício, na sua diversidade, é uma ação política, uma observação importante, pois esses registros são uma ferramenta não indígena, como os documentos escritos, mas que se tornam importantíssimos na luta pelo território.

De forma mais ampliada, nos dias contemporâneos, as comunidades indígenas também estão envolvidas na produção escrita de vários tipos de registros, incluindo atas de associações, deliberações políticas internas e documentos institucionais enviados a entidades como a Funai, o Ministério da Educação, a Secretaria de Estado de Educação, prefeituras etc.

Nesse contexto, existe um vasto conjunto de documentos elaborados nas aldeias e nas organizações indígenas, que refletem as posições, demandas, formas de organização e perspectivas próprias do povo indígena. Esses documentos são fontes importantíssimos para pesquisadores indígenas e não indígenas, bem como para as famílias e comunidades que neles encontram registros da história dos acontecimentos recentes das aldeias.

2 MILTON JORGE TURI RONDON E CIRÊNIO REGINALDO FRANCISCO: VIDA E LIDERANÇA

Os líderes Terena-MT, Milton Rondon e Cirênio Reginaldo, são sinônimo de coragem, estratégia e sabedoria construídas na mais dolorosa e dura batalha enfrentada pelos caciques e povo no tempo de luta por território no estado de Mato Grosso (1998-2002). Hoje nós, membros da comunidade Terena-MT, atribuímos, honramos e registramos em nossa história os nomes de líderes para que sejam lembrados e eternizados enquanto existirmos como povo.

A pergunta que fazemos é: Como fazer os nomes de grandes heróis serem lembrados? Essa pergunta será respondida, dando uma volta ao passado, trazendo à memória um jovem líder Terena, tendo que fazer um círculo de pessoas e protegê-las. As grandes histórias são eternizadas por nomes que lutaram com honra, sustentando para si o peso de serem fortes e corajosos. O preço disso é o sacrifício, problemas internos e externos, sendo até penalizados com a morte. Em suma maioria, esses nomes ganham a imortalidade na memória, sendo lembrados na história contada atravessando gerações.

A história é de Pakalalá, segundo Bittencourt e Ladeira (2000), nos relatos de Taunay, há registros da história de um jovem líder que liderou um grupo Terena antes da Guerra do Paraguai 1864-1870, período que os colonizadores europeus disputaram territórios de meus ancestrais.

O relato completo está no trabalho da pesquisadora Bittencourt e Ladeira (2000).

Um outro relato de Taunay foi sobre Pacalalá. Taunay escreveu que encontrou, na serra de Maracaju, uma mulher Kinikinau que chorava dia e noite a morte de seu filho. Era a mãe de Pacalalá. um jovem que havia liderado a luta dos índios de Miranda contra os paraguaios. Taunay, então, registrou a história de Pacalalá. (Bittencourt; Ladeira, 2000, p. 61).

Os bons líderes escolhem a honra coletiva em vez da segurança individual. Pakalalá foi um guerreiro, um líder político e moral. Ele viveu sua experiência em tempos difíceis para o povo Terena, período da Guerra do Paraguai (1864-1870), onde colonizadores brasileiros e paraguaios disputavam territórios ancestrais do meu povo na região sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, ponto de entrada para o bioma pantaneiro.

Nesse período de guerra, Pakalalá denunciava os abusos dos não indígenas, quando ele rejeita a submissão. Uma das frases escritas no trabalho de Bittencourt e Ladeira (2000, p. 62) diz que “não somos seus escravos”. Esta foi a forma de protestar contra a forma de tratamento dos não indígenas brasileiros naquele período.

A liderança nasce do reconhecimento do próprio povo e de sua memória histórica. Pakalalá foi forjado a partir de suas próprias escolhas, quando arriscou a própria vida para garantir a sobrevivência do povo. Sua morte ocorreu em combate, depois de resistir, lutar e proteger. Por isso o nome de Pakalalá está eternizado e registrado na memória e apesar de sua morte, ele é honrado até os dias de hoje.

Os caciques Milton Rondon e Cirênio Reginaldo, nesse momento, também se inscrevem na história Terena de Mato Grosso como lideranças históricas no sentido mais profundo da palavra, pois os líderes ganham a imortalidade na história Terena em Mato Grosso.

2.1 CIRÊNIO REGINALDO FRANCISCO

Cirênio Reginaldo Francisco é filho de Leonardo Reginaldo (pai) e Alexandrina Francisco (mãe), ambos naturais do estado de Mato Grosso do Sul, local onde se concentra a maior quantidade do povo Terena.

A mãe Alexandrina Francisco era de origem da aldeia Limão Verde, município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, e o pai, Leonardo Reginaldo, cresceu nas fazendas, com o avô Benedito Reginaldo.

O cacique Cirênio Reginaldo Francisco atuou durante a manifestação do povo Terena em Mato Grosso, contra a empresa MTSUL Construções, contratada pela Secretaria de Estado Infraestrutura e Logística (SINFRA). O protesto foi motivado por não consultar a comunidade Kopenoty sobre a pavimentação da BR-322, situada em frente à aldeia. A manifestação aconteceu do dia 1º a 5 de junho de 2025, na aldeia Kopenoty, cerca de 70 km aproximadamente do município de Peixoto de Azevedo, há 200 km do ao território do Xingu.

Figura 11 – Cacique Cirênio liderando reivindicação na aldeia Kopenoty



Fonte: Antonino Reginaldo (2025).

Por volta de 1920 e 1930, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão governamental brasileiro criado em 1910 com o objetivo de proteger e integrar os indígenas à sociedade nacional, reuniu todos os indígenas do povo Terena que trabalhavam nas fazendas e os levou para formar aldeamentos na região de Sidrolândia e Anastácio, estado de Mato Grosso do Sul.

Conforme Falcão (1985).

Art. 1º Esta Lei regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional. (Falcão, 1985, p. 19).

Foi ali que demarcaram cerca de 2.600 hectares. O avô Benedito Reginaldo foi um dos que foi levado para essa nova terra para formar aldeamentos do povo Terena, consequentemente formando o “Posto base” das aldeias, antigamente chamado de PIN, referindo-se ao Posto Indígena de Nacionais, um termo histórico usado para designar as bases de operação do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), hoje Funai. Assim foi formada a Terra Indígena Buriti, lar do povo Terena, localizada nos municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia, no estado de Mato Grosso do Sul-

MS. Essas informações foram obtidas com o cacique Cirênio Reginaldo, filho e neto dos primeiros líderes Terena na aldeia Água Azul, território Terena Buriti do estado de Mato Grosso do Sul.

Naquele lugar, o avô Benedito Reginaldo se tornou cacique e permaneceu nessa posição aproximadamente por 40 anos. Depois dele, o pai Leonardo Reginaldo também foi cacique por 40 anos, dando continuidade à história de liderança. Na cultura do povo Terena, desde os tempos antigos, a liderança do povo é passada de pai para filho, assim a família de Cirênio vem de longe sendo líder do povo Terena.

Cirênio tem três irmãs: a primeira falecida, Dolestina Reginaldo, Maida Reginaldo e Berenice Reginaldo. Quatro irmãos: Josué Reginaldo, Josias Reginaldo, Jânio Reginaldo, Leonardo Reginaldo e Jasis Reginaldo. Duas irmãs vivem hoje em Mato Grosso, especificamente na aldeia Kuxonety Poke'e e o restante da família permanece no Mato Grosso do Sul.

Foi nesse ambiente o nascimento e crescimento de Cirênio Reginaldo. Desde cedo ouvindo as conversas sobre o território, sobre o trabalho nas fazendas. O cacique, desde criança, sempre gostou de estudar e de aprender e com oito a dez anos já tocava violão e cantava na igreja.

Na faixa etária dos 11 para os 12 anos de idade, o cacique lembra que a dança tradicional masculina na aldeia Água Azul já não estava sendo praticada. Preocupado com isso, buscou saber com seu pai, Leonardo Reginaldo, como era a dança e após ouvir a explicação, reuniu um pequeno grupo de seis pessoas. Assim me disse em uma entrevista, no mês de abril de 2025:

[...] Eu lembro muito bem que ninguém praticava dança mais, lá na área nossa tradicional. Aí eu falei para o meu pai. Como que era dança? aí ele me explicou, como que era mais ou menos. Nós fizemos um grupo com seis pessoa lá meu sobrinho. Era, Alvanei, Oseias, Zaria, André, Silvério e Lino. Seis pessoas. Ai começamos mais ou menos, a dança e no abril, dia 19 de abril como esse né, mês de abril. Nós apresentamos a dança lá, entre seis pessoas, só nós. Nossa família. Nosso cocar era pena de galinha, nós cortava aquele papelão enfiava pena de galinha branco ou preto na nossa. E, assim nós fizemos. (Cirênio Reginaldo Francisco, em entrevista concedida em 17 de abril 2025, aldeia Kuxonety).

No ano seguinte, o grupo cresceu e aumentou para dez dançarinos, incluindo arco e flecha. Assim, os membros da comunidade começaram a assistir e se interessar. No terceiro ano seguido, o professor Jorge, do Posto da aldeia Água Azul,

ajudou a formar um grupo maior, de 20 pessoas. Indo até a cidade, mostrando a dança e a identidade Terena, o movimento se espalhou e outras aldeias voltaram a dançar.

Cirênio foi um dos responsáveis pela retomada da dança Terena em Mato Grosso do Sul. Após permanecer um tempo em esquecimento, o cacique teve um papel direto na volta do *kohixoty kipa'e*, dança da ema do povo Terena.

Aos doze anos de idade, teve o primeiro contato com o modo de vida dos não indígenas. Morou com um tio que era vereador e, mais tarde, estudou quatro anos em Taunay, Distrito localizado no município de Aquidauana-MS, em uma escola evangélica.

Na juventude, envolveu-se com o esporte. Organizava torneios e liderava um grupo de futebol na aldeia indígena Água Azul, onde morava com os pais.

Em 1988, quando o pai Leonardo Reginaldo era cacique, ainda na juventude de 14 ou 15 anos, estudava no ginásio. Ouvia do pai dizendo assim “[...] a terra era pequena e que, no futuro, não haveria espaço para todos” (Cirênio, entrevista no mês de abril de 2025). Dizia que as novas gerações iam sofrer por falta de território. Havia estranhamento por parte do cacique Cirênio quando ouvia dos pais e mais velhos sobre a questão da área, pois naquele tempo havia muita mata, do tipo vegetação do Cerrado e ele não entendia (imaginava) como aquilo poderia acabar. Os mais velhos enxergavam diferente, viam mais longe. Trago à memória parte da entrevista de Cirênio, ano de 2025, da aldeia Kuxonety Pokê'e.

[...] e meu pai sempre falava questão fundiária nossa, era muito pequena, ele falava que ia ficar muito pequena, vai ter muita gente na outra geração, então, nós somos, ele foi se preocupando com isso. Ai ele contava, os mais velhos contava que era grande nossa área lá, né no Buriti, na região de Sidrolândia, na reserva onde foi colocado os Terena, onde está meu pai e dizia que era grande e os fazendeiros foram tomando, foram nos pressionando e foram tomando as terras, né”. (Eliel Jorge Rondon, em entrevista concedida em 17 de abril de 2025, na aldeia Kuxonety).

Os mais idosos do nosso povo em Mato Grosso, em especial o cacique Cirênio, conta lembranças, histórias de seu pai sobre o território Terena em Mato Grosso do Sul, hoje município de Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia e região. Eles lembram que o espaço territorial era bem maior, mas os fazendeiros aos poucos foram pressionando e tomando posse da área indígena.

Hoje é mínimo, se considerar o tamanho original, pois a demarcação contemplou o mínimo de espaço para o nosso povo, para aqueles que moram lá

atualmente. Com a intensificação de contato com a sociedade não indígena, fazendeiros foram chegando, pressionando, tomando nosso território, e hoje ficou pequeno demais.

O cacique Cirênio traz à memória o momento da aprovação da Constituição de 1988, reconhecendo os direitos indígenas, quando lembra que o pai Benedito Reginaldo viu ali uma oportunidade. Ele dizia: “[...] agora chegou o tempo de cobrar o que é nosso”, (Cirênio Reginaldo, 2025).

Em 1989, já tendo internalizado conhecimentos sobre o território, com a promulgação da Constituição de 1988, garantindo direito à demarcação de Terra Indígena, decidiram reunir-se a comunidade indígena Água Azul com o objetivo de fazer um documento para a Funai, solicitando demarcação da área original, onde estavam os antigos limites e o cemitério do povo Terena em T. I. Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti-MS. Encaminharam um documento formalizado para Brasília, que a Funai recebeu, mas nada fez com relação aos pedidos.

Cirênio Reginaldo, que já fazia parte das discussões internas da comunidade indígena Água Azul, percebeu, com seu pai cacique Benedito Reginaldo e lideranças, que a instituição Funai tinha influência de fazendeiros, pois eles controlavam a situação. A polícia e o responsável técnico chegaram ao território, olharam a área, porém visivelmente tudo era como se fosse um jogo combinado com os fazendeiros (Cirênio Reginaldo Francisco, em entrevista concedida em 17 de abril 2025, aldeia Kuxonety).

Em 1990, as lideranças descobriram essa manobra. Mesmo assim, sempre continuou a luta de ampliação da área em Mato Grosso do Sul. Essa memória é para situar que o cacique Cirênio já estava no meio, envolvido com essas questões de territorialidade, morando em Mato Grosso do Sul, T. I. Buriti – aldeia Água Azul – MS.

Após esses movimentos, o pai do cacique Cirênio Reginaldo, senhor Leonardo Reginaldo, começou a ser ameaçado. Disseram para ele tomar cuidado, que os fazendeiros estavam incomodados. A própria Funai alertou, mas ele não desistiu. E, naquele tempo, Cirênio já trabalhava na escola da aldeia, que havia sido criada recente.

Em 1990, em Mato Grosso do Sul, Cirênio fez parte da organização do primeiro Encontro de Jovens Terena, reunindo mais de 400 pessoas vindas de aldeias e cidades. Vieram grupos de fora, até do Peru, em um período não havia energia, não havia estrutura, porém havia força e união.

Ficou como diretor até 1996, contribuindo com a educação do povo Terena-MS e ajudando a fortalecer a cultura e a luta pela terra. Até o presente momento, a questão fundiária é um desafio no estado de Mato Grosso do Sul.

Ali começou a compreender o que é ser líder, à frente da direção da escola, líder de jovens da igreja. No entanto, ser um cacique da aldeia de origem se tornou impossível, considerando ter irmãos mais velhos. Na cultura tradicional Terena, os filhos mais velhos são lembrados primeiro. Cirênio é o filho do meio, assim os irmãos mais velhos eram a prioridade, estavam na fila antes, conforme a cultura. No entanto, no fundo do coração, Cirênio revela que tinha intenção de ser cacique em Mato Grosso do Sul. Essas foram as palavras do cacique, abril de 2025.

É interessante Eliwelton, nós fazemos um propósito, temos um pensamento. Mas nosso pensamento muitas vezes não dá certo, né. Eu tinha um desejo de ser líder lá. Eu pedi, eu pedia para Deus, na minha oração. Eu quero ser cacique, quero ser cacique. Mas interessante, como que Deus me deu, não me privilegiou ser cacique lá. Mas ele me trouxe para outro lugar né. Então desde quando nós viemos, fizemos esse movimento. Eu percebi que Deus. Não, você quer então você vai você vai né. E tanto é, que Deus me deu esse privilégio de liderar o povo aqui pelo menos 10 anos, para cá né. (Cirênio Reginaldo Francisco, em entrevista concedida em 17 de abril de 2025, aldeia Kuxonety Poke'e).

Em suas palavras, Cirênio nos revela que desde a juventude já tinha planos de se tornar cacique em Mato Grosso do Sul. Lá atrás idealizava se tornar cacique da aldeia Terena, especificamente da aldeia indígena Água Azul (*Hononoiti Ûne*). Na língua Terena, falamos (*Ituko'oviti*), Deus. Com sua fé e convicto dessa grande responsabilidade e consequência, pedia ajuda em orações e acreditava que seria líder, o que o ajudou a ser cacique longe da sua terra natal, e liderar o povo Terena de Mato Grosso e ficar marcado com seu parceiro Milton, como os maiores líderes Terena do norte.

Em 1997, Cirênio recebe a notícia de que Milton estava articulando, buscando o apoio do Incra e da Funai com possibilidade de reivindicar um território específico ao povo Terena-MT. Em 1998, entrou em contato com Milton. À época, o telefone era de difícil acesso e só havia orelhão no posto da aldeia. Samuel Colman (2025), responsável por contextualizar partes da memória, trajetória Terena Mato Grosso, na III Assembleia Geral do povo Terena MT, lembra o seguinte.

Na segunda parte, Samuel Colman relatou a memória da na rodovia. Ele lembra que o ancião cacique Cirênio Reginaldo era “fogueteiro” gostava de atender o telefone (orelhão) era com ele a parte de informar/comunicar as

peessoas dentro da aldeia. (Ata da III Assembleia Geral do povo Terena-MT, feita em 3 a 5 de novembro 2025, p. 2).

Foi por meio do orelhão que Cirênio conseguiu falar com Milton e marcaram um horário. Milton então explicou a situação, que estava solicitando apoio, precisando de mais quantidade de guerreiros e guerreiras para mobilizar e reivindicar um território. Na primeira conversa, Milton explica para Cirênio que já havia três fazendas em vista, sendo estudadas, porém o processo estava enrolado, o governo com lentidão e por isso precisavam de companheiros dispostos a lutar juntos.

Em setembro de 1998, Cirênio, Aristides Gomes e Angélica Reginaldo vêm até Rondonópolis conhecer Milton, Hélio Turi e algumas famílias que já estavam ali. Conversaram, visitaram as primeiras em reivindicação e voltaram para o Mato Grosso do Sul. Em outubro, as comunidades indígenas Terena em Mato Grosso do Sul e guerreiros interessados com a notícia se mobilizam das aldeias Água Azul, Buriti, Recanto, Córrego do Meio, que aceitaram se fortalecer, decidindo reforçar a mobilização.

Em dezembro de 1998, saem de Mato Grosso do Sul rumo a Mato Grosso, com aproximadamente 90 pessoas em dois ônibus, para somar à luta do povo Terena-MT, com a participação e o apoio do jornalista César, ajudando na articulação. No dia 18 de dezembro de 1998, inicia-se o primeiro protesto e a Funai promete agilizar a demarcação do nosso território, além de prometer pagar as despesas e a alimentação. Foi dito assim por Samuel Colman (2025):

Samuel continua dizendo que lembra da sua primeira chegada no Mato Grosso e foi direto para o “Mineirinho” bloquear a rodovia, ele lembra que Cirênio falava que eles ficariam no hotel, mas foi surpreendido indo direto para rodovia. Ele lembra que foi um momento muito perigoso, um dos mais perigosos durante o bloqueio. (Ata da III Assembleia Geral do povo Terena-MT, feita em 3 a 5 de novembro 2025, p. 2).

Este momento era só o início de promessas por parte dos órgãos governamentais, com as autoridades públicas no fechamento da rodovia, uma forma de acalmar nosso povo dizendo que estava tudo certo. Em continuação com a luta, vieram novos protestos com bloqueios de rodovia em 1999, 2000 e 2001, agora já consagrados os caciques Cirênio e Milton.

Durante um período do movimento, as lideranças dos dois povos conseguiram fortalecer suas reivindicações com o apoio de outros grupos indígenas, como Haliti-

Paresi, Xavante, Boe-Bororo e Bakairi. Durante esse período de maior intensidade, o bloqueio geral das rodovias BR-163 e BR-364 durou três dias. Foi esse momento que chamou a atenção do Ministro e até do Presidente da República, que ordenou a procura por uma área definitiva para nós, Terena-MT (cacique Cirênio Reginaldo, 2025).

O cacique Cirênio, um homem de religiosidade forte, em sua concepção, acredita que de tanto pedir ao criador (Deus) *Ituko'oviti* a oportunidade de ser cacique, foi atendido longe de sua terra de origem, para liderar o povo Terena-MT e fazer parceria com Milton Rondon, na luta pela demarcação de um território no estado de Mato Grosso, nos anos de 1998 a 2002. O cacique Cirênio, em suas próprias palavras, disse isso.

Durante toda essa luta, nós lideramos eu e o Milton, né. Durante toda luta, desde que nós saímos Rondonópolis. Foi uma luta muito grande, nós conhecemos várias autoridades que apoiaram, autoridades que não apoiavam, né. Mas foi uma luta muito grande. Então nós fomos, somos os responsáveis por isso tudo né. Pela vida do nosso povo desde o Mato Grosso do Sul, passando por Rondonópolis para chegar até quando nós estamos hoje, né. (Cirênio Reginaldo Francisco, em entrevista em 17 de abril de 2025).

Hoje com 60 anos de idade, o cacique Cirênio mora na aldeia Kuxonety, após permanecer 10 anos como cacique na aldeia Kuxonety. Passou a responsabilidade de líder, a força da juventude para Weverson Jorge, novo cacique da aldeia Kuxonety Poke'e. Guerreiro que cresceu no protesto, na luta pelo território. O cacique Cirênio, ausente da linha de frente, continua sempre que necessário ao lado, contribuindo com sua experiência, acompanhando, orientando e ajudando principalmente em discussões que envolvem as quatro comunidades.

Na III Assembleia Geral do povo Terena de Mato Grosso, ano de 2025, o cacique Cirênio fez um discurso emocionante, despedindo-se da linha de frente das instituições internas, associação e cooperativa. A seguir, apresento a carta completa escrita por Cirênio Reginaldo Francisco, de 4 de novembro. A carta foi lida oficialmente no dia 5 de novembro para todos os presentes (povo Terena-MT), na reunião.

Meus parentes, irmãos e irmãs, hoje me dirijo a todos com o coração cheio de emoção. Quando olho para a terra, lembro-me de cada passo, desde que decidi sair da minha terra natal Água Azul. Quantas pessoas nos apedrejaram, líderes da época elaboraram documentos, as autoridades alegando sermos influenciadores, para que famílias saíssem dali sem direção, e ao chegarmos em MT quando já manifestavam as autoridades o governo solicitou uma área, mas mesmo povo de nossa terra tradicional nos taxavam como mendigos do governo, índios riscado, índios sem terra. Tudo isso nos trouxe a uma terra sonhada. E hoje estamos aqui, cada dificuldade,

cada palavra dita em reuniões, na caminhada, batalha a pena. É esta terra que nos acolhe. Desde o princípio e o motivo da esperança. Foi por muito tempo motivo de dor. Quantas vezes fomos ignorados? Quantas vezes nos disseram que aqui não era o nosso lugar? Mas não desistimos, pois sabíamos que lutar...vamos por algo sagrado à nossa geração, direito de viver e onde poderíamos plantar e colher, sabendo que é nosso. Hoje sendo as crianças crescendo, semearam e as famílias a cada dia trabalhando, entendo que cada lágrima valerá a pena. Nós não conquistamos só um pedaço de chão. Conquistamos dignidade, respeito e o futuro de filhos e para os filhos dos nossos filhos. Quero lembrar a todos que caminharam conosco, desde os mais velhos, os que já descansam, mas nunca perderam a fé, e também os jovens que carregam uma grande esperança e sonhos no peito, a luta de cada um. Foi como uma semente pequena no começo, mas que cresceu forte, tendo hoje todos vocês o resultado desta luta incansável. O lugar é sagrado, ela sempre será uma lembrança dos que vieram antes e a promessa para os que virão depois. E agora a responsabilidade é grande: cuidar, preservar, pagar produção para que possa refletir o amor, a intenção dos que vieram conquistar. Irmãos e irmãs, a luta nunca é simples quando o povo está unido num só objetivo, ninguém pode calar o poder. Tentaram dividir ou desanimar, mas quando disseram a nossa voz indígena, ecoa. E hoje, novembro de 2025, aqui estamos na terra indígena Terena Iriri MT, terra que sonhamos e conquistamos por história e coragem. Que a união seja sempre nossa força e que o amor por esse chão continue batendo forte em cada coração. Ninguém nos deu essa terra. Reconquistamos com fé, resistência e coragem, e cabe a cada um de nós honrar essa vitória com trabalho, respeito uns aos outros e união. Por isso com o coração cheio de gratidão, agradeço a cada que caminhou comigo, e me entendeu acreditando, chorando junto, que lutou bravamente. Essa vitória é de todos nós. Mas a luta continua. Cirênio Reginaldo, Aldeia Kuxonety em 04 de novembro 2025. (Cirênio, 2025).

O cacique Cirênio, na última reunião geral do nosso povo Terena (2025), disse que deixou a liderança para as novas lideranças (juventude) assumirem as responsabilidades com nossas comunidades. Registro do cacique na III Assembleia Geral Terena-MT.

Figura 12 – Cirênio passando o bastão de liderança



Fonte: o autor (2025).

Atualmente, o cacique Cirênio se dedica à formação de jovens indígenas de diversas etnias. Cerca de 20 a 30 jovens chegam para estudar e ele os recebe, proporcionando educação básica e convivência, trabalho que demanda tempo e paciência. “É uma forma de eu ocupar meu tempo também, cuidando do próximo né” (Cirênio Reginaldo, em entrevista em 17 de abril de 2025). Essa fala justifica ele se ausentar da frente da comunidade e passar o bastão de cacique para o jovem Weverson Jorge Cruz no início do ano 2025.

Figura 13 – Carta de Cirênio Reginaldo ao povo Terena-MT

meus parentes, irmãos e irmãs, hoje me dirijo a todos com o coração cheio de ansiedade. Quando olho para a terra, lembro-me de cada passo, desde que decidi sair da minha Terra natal Água-Azul. Quantas pessoas nos ~~apo~~ apedrejaram, líderes, da época elaborando documento as autoridades alegando sermos influenciadores para que famílias saíssem dali sem direito e ao chegarmos em MT, quando já manifestávamos as autoridades e governo solicitando uma área, nos mesmos povo de nossa terra tradicional, nos taxavam como mendigos do governo, índios riscados, índios sem terra, tudo isso no fim de uma terra roubada. E hoje estamos aqui, cada dificuldade, cada palavra dita em reuniões, nos comovendo, valeu a pena. É esta Terra que nos acolhe. Foi por muito tempo, motivos de dor e esperança. Quantas vezes fomos ignorados? Quantas vezes nos disseram que aqui não era o nosso lugar, mas nós dissemos, pois sabíamos que lutávamos por algo sagrado à nossa geração, direito de viver e onde poderíamos plantar e colher sabendo que é nosso... Hoje vendo as crianças crescerem, brincar e as famílias a cada dia trabalhando, entendendo que cada lágrima valeu a pena. Nós não conquistamos só um pedaço de chão. Conquistamos dignidade, respeito e futuro de filhos e para os filhos dos nossos filhos. Quero lembrar a todos que caminharam conosco, os velhos, os que já des- cansam nos meus pensamentos a fé, e

também os jovens que carregam uma grande esperança e sonho no peito, a luta de cada um. Foi como uma semente, pequena no começo, mas que cresceu forte, sendo hoje todos vocês o resultado dessa luta inextinguível. Esse lugar é sagrado, ele sempre será um lembrete dos que viveram antes e a promessa para os que virão depois. E agora a responsabilidade é grande: cuidar, preservar, fazer produzir para que possa refletir o amor, a intenção dos que viveram conquistar. ~~Imãos e irmãs~~ Irmãos e irmãs, a luta não ensinou algo precioso. Quando o povo está UNIDO num só objetivo ninguém pode calar, podem tentar nos dividir ou desanimar, mas quando a nossa voz indígena ecoa em uma só direção ultrapassando Fronteiras. E hoje, 11 de novembro de 2025 aqui estamos na Terra indígena Terena do IRIRI MT, Terra que sonhamos e conquistamos por história e coragem. Dize a todos que sempre nossa força e que o amor por este chão continue batendo forte em cada coração. Ninguém nos deu essa Terra ~~Re~~ Conquistamos com fé, resistência e coragem, e cabe a cada um de nós honrar essa vitória com trabalho, respeito uns aos outros e união. Por isso com o coração cheio de gratidão, agradeço a cada que caminhou comigo, e me entendendo acreditando, chorando junto, que lutou bravamente. Essa vitória é de todos nós. Após a luta continuei vivo. Cirênio, Aldeia Kuxonox 4-11-025

Fonte: o autor (2025).

2.2 MILTON JORGE TURI RONDON

Milton Jorge Turi Rondon, nascido em 1º de abril de 1955, na Terra Indígena Buriti, território tradicional do povo Terena, localizado nos municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti, no estado do Mato Grosso do Sul. Filho de Hélio Turi Rondon (pai Tapirapé) e Catarina Jorge (mãe Terena).

Figura 14 – Milton Jorge Turi Rondon



Fonte: Instituto Augusto Leverger (2025).

É parte de um total de cinco irmãos e ainda em vida presenciou o falecimento de dois deles. Os irmãos nascidos nessa sequência: Cilta Jorge, Milton Jorge Rondon, Cleofa Jorge Rondon, Eli Jorge Rondon, Eliel Jorge Rondon. Atualmente, são parte da memória da família: Cilta Jorge, Milton Jorge Rondon e Eli Jorge Rondon.

É pai de um casal de filhos do primeiro casamento com Ramona, segundo informações de Cleofa Rondon. Ramona foi sua primeira esposa. Após os primeiros casais de filhos, os demais são nessa sequência: Mateus Alcântara Rondon, Messias Clemente Rondon, Miriam Turi Rondon, Micael Turi Rondon e Misma Turi Rondon, Helionai Rondon, Milton Filho Rondon, Cilta Rondon e Toti Rondon. Os quatro últimos filhos, faço referência assertiva, apenas o primeiro e o último com sobrenome Rondon. Milton foi casado com duas não indígenas e após ter 1 filho e 3 filhos com outras, separaram-se e não sabemos o sobrenome completo dos 4 últimos filhos, mencionados por último. Assim, após separação, as mães e os filhos saíram da aldeia e a comunidade não teve nenhum contato.

Milton teve uma adolescência de muitos desafios, desde cedo. Ao chegar à fase de adolescência, na faixa etária dos 11 anos de idade, saiu de casa para trabalhar na fazenda. Nesse período, a principal situação era priorizar a sobrevivência e ajudar na alimentação de casa. Segundo Cleofa Jorge Rondon, moradora da aldeia Turipuku e irmã de Milton, ela fala assim sobre a fase de adolescência.

Então! Seu tio Milton, ele teve uma adolescência, como no passado. Adolescência de rebelde, mas de uma rebeldia diferenciada das de hoje. Ele saiu de casa bem cedo, com 11 anos, foi trabalhar na fazenda, com um senhor por nome de Raimundo. Ele tinha um filho por nome de Zuzu. Os dois então eram muito amigos. Ele não quis estudar, meu pai o obrigava a estudar, ele não quis estudar. Ele era bem rebelde. Aí ele foi para essa fazenda, e lá ele não escapou da escola, porque dona Maria que era a fazendeira também, colocava ele para tirar café e na parte da tarde, ia para escola mais o Zuzu que é o filho dela. (Cleofa, entrevista concedida em 12 de outubro 2025).

A partir do relato de Cleofa Rondon, percebe-se que a adolescência de Milton foi marcada por um processo de amadurecimento precoce, condicionado pelas demandas econômicas e pelas dinâmicas sociais da época, mesmo demonstrando resistência à escolarização e apresentando um comportamento considerado rebelde por sua família, conforme relato de sua irmã (Cleofa).

Sua ida para a fazenda não eliminou completamente o vínculo com a educação, já que a rotina imposta pelos patrões na fazenda o obrigava a conciliar o trabalho com a escola. Essa experiência evidencia como, para muitos jovens indígenas daquele período, a transição entre infância e adolescência ocorria dentro de um contexto de responsabilidades antecipadas, em que o trabalho se tornava elemento estruturante da formação pessoal, ao mesmo tempo em que a escola surgia como obrigação externa, nem sempre desejada, mas presente no percurso de vida.

Ele ficou mais ou menos uns dois anos com seu Raimundo. Depois voltou para a casa dos pais. Nesse período longe de casa, aprendeu a manusear trator e com esse conhecimento iniciou seu trabalho em várias fazendas. Nisso, conheceu Ramona, a primeira esposa, mãe do casal de filhos. Cleofa lembra que o nome do menino era Valdir, mas da moça, como faz muito tempo, não conseguiu lembrar.

E foi assim a vida dele, né? Ele aprendeu trabalhar de tratorista, trabalhando em fazenda, tratorista. Foi quando ele conheceu a Ramona que é a primeira mulher dele. Que é mãe do filho dele com nome de [...] Meu Deus como é, o nome? Valdir. Com essa Ramona, ele teve um casal de filho, que era Valdir e a [...], parece. Não me lembro o nome da outra, da outra filha dele não. (Cleofa Jorge Rondon, em entrevista concedida em 26 de outubro 2025).

O retorno de Milton para casa, após cerca de dois anos trabalhando com o senhor Raimundo, marca uma continuidade, a trajetória de inserção precoce no mundo de trabalho. Ao seguir atuando em diferentes fazendas, ele solidificou sua experiência laboral, adquiriu outras habilidades, como profissão de tratorista, que se tornaria importante em sua vida adulta.

Foi nesse contexto de trabalho e deslocamentos que Milton conheceu Ramona, com quem constituiu sua primeira família e teve os filhos. No entanto, como ocorre em muitos percursos marcados por desafios sociais e afetivos, esse relacionamento acabou se desfazendo, encerrando uma etapa de transições e redefinições em sua história pessoal.

O relato da entrevistada revela que, após a separação de Ramona, Milton iniciou um novo relacionamento com Brasiliana Clemente, que já era mãe de um menino chamado Ramão Alcântara. Durante esse período, ele permaneceu trabalhando em fazendas, nascendo então Mateus Alcantara Rondon, Messias Clemente Rondon e Miriam Turi Rondon. Com o tempo, Milton e Brasiliana formalizaram sua união e foi nesse momento, já mais amadurecido.

A família migrou posteriormente para o estado de Mato Grosso, inicialmente para Rondonópolis. O pai Hélio Turi chegou primeiro e, posteriormente, buscou Milton e Brasiliana, que continuaram trabalhando em fazendas na região. Nesse período, o casal ampliou a família com o nascimento de mais filhos, entre eles Micael Turi Rondon e Misma Turi Rondon, além de duas crianças que vieram a falecer ainda pequenas. Milton permaneceu com Brasiliana até que seus filhos chegaram à

adolescência, momento em que houve uma nova separação, levando-o a um período de vida solteiro, marcado por relacionamentos breves e instáveis.

A trajetória familiar continuou com mudanças e reorganizações. Quando Milton ainda vivia com Brasiliana, iniciou, com pai Hélio Turi Rondon, a elaboração de documentos relacionados à busca por terras, iniciativa originalmente idealizada pelo pai Hélio Turi. Foi então que Milton se aproximou de novas amizades, como o falecido César (jornalista) e com Paulo Augusto Mário Isaac e encontrou apoio para dar continuidade ao projeto territorial iniciado anteriormente.

A liderança de Milton surgiu em meio a um tempo difícil para a primeira família Terena de Mato Grosso. Quando Milton assume a responsabilidade de conduzir a luta do grupo (a primeira família Terena-MT), já havia uma história anterior, um caminho iniciado por Hélio Turi Rondon, que buscava um lugar seguro para a família. O pioneiro, líder da família Hélio Turi Rondon, pensava de apenas deixar seus familiares em um lugar seguro.

Nesse contexto de busca e tentativa iniciado pelo pai Hélio Turi, Milton acompanhava de perto as ideias do pai, mas aos poucos começou a enxergar além da necessidade de abrigo e percebeu que não bastava apenas morar em um local seguro, era preciso garantir o direito à terra e construir um futuro político e coletivo. Conforme Eliel Rondon, em entrevista em outubro de 2025:

Agora, a questão da transição de luta assim, quando Miltão, seu tio pegou para assumir que ia, é. Resolveu fazer. Porque assim meu pai já tava, o meu pai não tinha essa ideia política né. O meu pai tinha uma ideia de colocar uma família em um local seguro, apenas isso né. Não criar uma política para questão de terra [...] então, mas assim. O tio, o Mirtão, ele tinha uma outra visão né. Ele tinha uma visão mais de, mas política. Ele falou assim, não! a gente já criou raiz, né. É, ele falou assim, o Eliel já tem filho, Eliude já tem filho aqui. Então, isso já são raízes que são fincadas aqui no estado de Mato Grosso. Então, é, se eu buscar pelos direitos humanos, eu acredito que a gente pode conseguir um espaço físico, exclusivo para nós, no estado de Mato Grosso (Entrevista concedida por Eliel Rondon, em 14 de outubro de 2025, aldeia Kopenoty).

Milton, ao assumir a responsabilidade de liderar o grupo, tinha uma visão mais ampliada sobre o espaço territorial. A ideia inicial de morar no território de parentesco tem uma reviravolta após o conflito gerado no território Boe Bororo com a expulsão de toda família Terena. O pensamento de Milton surge em reivindicar uma demarcação de território específico para os Terena de Mato Grosso. Trago a memória de Cirênio Reginaldo sobre o pensamento de Milton, do ano de 1997, quando teve o primeiro contato entre eles, as lideranças.

[...] quando foi em 97, eu vi esse movimento do Milton, né. Querendo requerer a área do governo, do INCRA e aí 98, eu entrei em contato com ele porque ele estava ligando pra lá. O Milton, né. Para saber se alguém queria vim, queria somar com eles a luta ali, porque ele estava bem adiantado, já tinha área em vista, INCRA tinha reunido com eles, com aquelas famílias Terena que estava ali, né. Aí quando foi 98 eu entrei em contato. Eu fiquei sabendo que ele ligou para os primos dele, o Rubens, outros, tio Zé, o tio dele, né. E, eles não aceitavam vim pra cá, porque já tinham vindo e viu como que era difícil e voltaram para lá depois, né. Então eu falei, mas vou ligar para o Milton. Aí Josia, meu irmão trabalhava no posto onde tinha um único telefone orelhão na época de contato, né, 98. Eu fui lá, liguei para o Milton. Aí ele me atendeu no outro dia, ele marcou outro dia, tinha que marcar, agendar o horário, ele ligou lá. Eu estava lá esperando. Aí ele falou Cirênio, nós tamos, queríamos achar parceiro, companheiro ele falou, né. É, nós estamos numa luta sobre a terra e nós temos três fazendas em vista, INCRA nos mostrou, querendo mostrar para nós. Só que está muito enrolado, muito morosidade do governo. Ele falou, né do INCRA, da FUNAI. Então se você pudesse vir somar com nós. Eu vim em outubro, eu, Aristide e dona Angélica, não em setembro. Eu vim aí, reunir com Milton e algumas famílias que estavam ali, Tio Hélio, os sobrinhos deles né. (Entrevista concedida por Cirênio Reginaldo Francisco, em 17 de abril de 2025).

No período em que solicita reforço a Cirênio com mais guerreiros, já tinha negociações em andamento com o Incra e o Funai, no entanto, as questões burocráticas também estavam presentes na situação. Sobre esse período da vida de Milton, Antonino Reginaldo (2025), professor da aldeia Kopenoty, fez um relato em áudio e vídeo na Semana do “Patrono” para ensinar os estudantes da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena” a fazerem teatro com título “A saída do povo Terena do Mato Grosso do Sul para Mato Grosso”.

Os mesmos protestos, com o intuito pressionar governos para conseguir uma área aqui em Mato Grosso. E assim que foram feitas conversas entre as lideranças Terena da época. Milton então foi em busca de mais guerreiros, onde entra nesse momento a liderança do cacique Cirênio Reginaldo que veio de Mato Grosso do Sul juntamente com várias famílias para iniciar um protesto, bloqueios de BRs para que viesse acontecer a aprovação, a conquista de uma nova área aqui no Mato Grosso. (Antonino Reginaldo, texto do teatro Patrono 2025).

Aqui vemos de forma clara a estratégia de Milton ao perceber que a promessa das instituições Incra e Funai começou com lentidão. Tais promessas para as primeiras famílias pioneiras foi ficando só em palavras. Na entrevista (2025), o cacique Cirênio define como “morosidade” do governo esse momento de promessa das autoridades.

Com a lentidão das promessas, Milton então pensa em solucionar esse problema entrando em contato com Cirênio Reginaldo, este que viria a ser a junção

ideal para somar forças, trazendo mais famílias e solidificando de vez o plano da luta pelo território. Com isso, os dois se transformaram em personalidades cruciais da identidade cultura do povo Terena, o *Xûmono* e *Sukirikiono*.

Figura 15 – Cartaz em homenagem ao cacique Milton, na Semana Indígena Intercultural-MT



Fonte: o autor (2025).

2.3 AS ESTRATÉGIAS DE MILTON E CIRÊNIO NA LUTA PRESENTE

Milton Jorge Turi Rondon e Cirênio Reginaldo Franscisco construíram estratégias de luta que não ficaram presas ao seu tempo, mas seguem orientando as ações do povo Terena no presente. Suas formas de enfrentamento, baseadas na união, no diálogo firme e na defesa inegociável do território, permanecem vivas nas mobilizações atuais.

Referências históricas do povo Terena de Mato Grosso, os caciques Milton e Cirênio representam a organização através do bravo e calmo, a política que sustenta as lutas contemporâneas do povo Terena, diante dos desafios.

Figura 16 – Reunião com autoridades em Cuiabá (juízes e promotores, Sinfra)



Fonte: Ministério Público Federal em Mato Grosso (2025).

O registro acima foi realizado na capital Cuiabá, em 2025, e mostra representantes das comunidades Terena Kuxonety, Inamaty e Turipuku em diálogo com autoridades estaduais. A fotografia expressa a articulação coletiva das comunidades Terena-MT em defesa de direitos negados, violados por agentes externos. Na ocasião, as lideranças reivindicaram respeito às obras executadas em frente à aldeia Kopenoty, realizadas por empreiteira contratada pela Secretaria de Infraestrutura de Mato Grosso, sem consulta prévia ao povo Terena. A pavimentação está impactando diretamente a vida cotidiana da comunidade, por não planejar com o povo os impactos que poderiam surgir.

As comunidades Terena da região norte têm suas próprias formas de organização interna e, como em qualquer processo coletivo, vivenciam divergências e posicionamentos distintos. No entanto, quando direitos são violados ou ameaçados, essas diferenças são superadas e as comunidades se unem juntos fortalecer a luta comum.

As estratégias de luta do povo Terena em Mato Grosso nunca cessaram e têm como referência a luta conduzida por Milton e Cirênio, que permanece como experiência e continuidade no presente, pois embora os cenários tenham mudado, a continuação dos pensamentos das novas lideranças continuam. Dos bloqueios na BR-163 às marchas, reuniões com órgãos públicos e mobilizações das lideranças, o

movimento segue vivo. O que mudou foram os contextos da contemporaneidade. A seguir, fotografias da mobilização realizada na BR-322, em frente à aldeia Kopenoty, pelo povo Terena de Mato Grosso, entre os dias 1º a 5 de junho de 2025.

Figura 17 – Protestos e reivindicação Terena-MT



Fonte: Antonino Reginaldo (2025).

Nesses registros estão os caciques Terena Weverson Jorge Cruz, José Carlos Firmo, Messias Clemente Rondon e Pedro Cruz, fotografados pelo professor da aldeia Kopenoty, Antonino Reginaldo. A imagem foi registrada em contexto de protesto das comunidades Terena, que buscavam na ocasião chamar a atenção da Secretaria de Infraestrutura de Mato Grosso para a falta de consulta prévia ao povo indígena sobre

a obra de pavimentação realizada. O asfalto chegou em frente à Aldeia Kopenoty no ano de 2023 e, desde então, alterou a rotina da comunidade, com aumento do tráfego e dos ruídos provocados por caminhões, afetando adultos, jovens e crianças. Durante o período da pavimentação, casas também foram danificadas pela passagem de equipamentos pesados, como o rolo compactador, com alteração direta na vida cotidiana da aldeia.

A ausência de sinalização adequada, como placas, quebra-molas e identificação da entrada da aldeia, desde o início da obra, colocou em risco a vida do povo Terena da comunidade Kopenoty-MT, pois o tráfego em frente à aldeia ocorre em alta velocidade. O protesto contra as empresas e o Estado foi uma forma de prevenção, buscando evitar acidentes com jovens e demais membros da comunidade no deslocamento de entrada e saída da aldeia.

A comunidade Kopenoty já registrou acidentes de motocicleta com vítimas fatais envolvendo pessoas de fora da aldeia, e, após a pavimentação da rodovia, também passaram a ocorrer atropelamentos. Diante disso, a comunidade não aceita ser vítima de obras realizadas sem consulta ao povo Terena-MT e executadas de forma inadequada em frente ao território da aldeia.

3 AS ALDEIAS DO POVO TERENA NO MATO GROSSO NO TEMPO PRESENTE

As aldeias Terena no norte de Mato Grosso hoje tornaram-se espaços de organização social, política e cultural, formados pelo suor da luta, construção orientada por mais velhos e líderes.

As comunidades se ergueram, indo para além de serem territórios físicos, em tempos presente. É memória, pertencimento e futuro do nosso povo. O território no norte está fundamentado na luta contra o governo. Dessa maneira, a nossa identidade também tem essa marca, um povo guerreiro, estrategista, de líderes que usaram, quando necessário, a identidade cultural para se sobressair aos desafios, às leis de fora da aldeia.

Esse contexto dialoga com as ideias do líder indígena, filósofo e escritor Ailton Krenak, que sustenta que a conexão com o território vai além da ideia de posse, visto que a terra é entendida como um componente vital da própria humanidade indígena, indissociável de sua história e de seu futuro (Krenak, 2019, p. 17).

Assim, formaram as aldeias Kopenoty, Turipuku, Inamaty Poke'e e Kuxonety Poke'e.

Neste capítulo 3, optamos por descrever de forma detalhada a aldeia Kopenoty, por ser a comunidade onde foi possível estabelecer diálogo direto e obter informações consistentes junto às lideranças entrevistadas. Buscamos contato com as demais aldeias Terena do norte, localizada no município de Matupá, aproximadamente 200 km da aldeia Kopenoty para o registro, no entanto, não houve retorno no período da pesquisa. Além das atividades realizadas internamente, também serão descritas aquelas das quais a comunidade participa em contextos mais amplos, como eventos interculturais e coletivos, exemplo da Semana Indígena Intercultural Terena-MT.

Diante disso, a aldeia Kopenoty recebe um tratamento descritivo mais denso, com o objetivo de oferecer ao leitor, especialmente àquele que um dia venha visitar a comunidade, uma compreensão melhor do dia a dia, dos tempos, das práticas coletivas, da organização social e da escola que estrutura a vida na aldeia.

3.1 ALDEIA KOPENOTY TERENA-MT

Fazemos o registro dos estudantes Sapin Panará, Gustavo Alcantara, Ana Flávia e mais ao fundo Isis Rafael segurando a representação em miniatura da aldeia Kopenoty, trabalho apresentado na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena durante a Semana do Patrono (2025).

Figura 18 – Representação em miniatura da aldeia Kopenoty-MT



Fonte: o autor (2025).

A imagem registra a comunidade indígena Terena Kopenoty em forma de maquete, onde podemos ver as casas da aldeia e a paisagem ao seu redor.

Dentro da maquete está a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, uma conquista do povo Terena-MT. Ter uma escola dentro da aldeia é uma conquista, pois podemos estudar sem nos afastar do território. Esse espaço tem um modo próprio de ensinar e aprender, onde o conhecimento escolar caminha com o saber do povo Terena-MT.

A Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”, instituição criada em 18 de fevereiro de 2004, pelo Decreto nº2587/2004, está localizada na aldeia indígena do povo Terena Kopenoty de Mato Grosso, às margens da rodovia MT-322, km 75, quatro quilômetros do Distrito União do Norte, município de Peixoto de Azevedo-MT.

A Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon é essencial para o meu povo Terena de Mato Grosso, é uma conquista. A criação da instituição foi uma resposta à demanda da comunidade, com o reconhecimento das lideranças ao constatar que, para garantir a língua, a história, a identidade, era imprescindível estabelecer uma escola baseada no pensamento indígena e adaptada ao nosso estilo de aprendizado.

Na aldeia Kopenoty, três datas ocupam lugar central no calendário comunitário e escolar. No primeiro semestre ocorre a Semana Indígena Intercultural Terena de Mato Grosso, no mês de abril. É um encontro entre as aldeias, marcado por atividades culturais, jogos tradicionais e ocidentais. No mês de maio ocorre a comemoração do aniversário da aldeia Kopenoty. Em 2025, a comunidade celebrou 21 anos de fundação, desde sua criação em 2004.

No segundo semestre, realiza-se o Patrono, na escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”, evento escolar que homenageia o primeiro líder da família Terena em Mato Grosso, o avô Hélio Turi Rondon.

Todos os anos acontece e as aldeias se organizam para participar da primeira grande celebração cultural do povo, realizada no mês de abril. As comunidades são responsáveis por colocar no calendário interno essa festividade. No entanto, para a aldeia que assume a condição de sede, o processo de preparação pode se estender por um ano ou mais, envolvendo planejamento coletivo, articulação entre lideranças e organização das atividades.

Essa celebração acontece na aldeia do povo Terena-MT, Kopenoty, Turipuku, Inamaty e Kuxonety, uma festa em sistema de rodízio, pois a cada ano é realizada em uma aldeia diferente e, ao completar o ciclo, retorna à aldeia inicial, mantendo a continuidade do evento.

3.2 SEMANA INDÍGENA INTERCULTURAL TERENA-MT

Trata-se da Semana Indígena Intercultural do Povo Terena de MT, um momento em que as aldeias sempre estão juntas. Os convites são estendidos a povos vizinhos, Kaiapó, Panará e Trumai. São convidados a participar de uma semana intensa de atividades culturais, danças e jogos e participações especiais da escola.

Nesse contexto de Semana Indígena Intercultural Terena-MT, a escola da Aldeia Kopenoty, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena” organiza-se para participação dos estudantes, em atividades culturais coletivas ou ações específicas desenvolvidas pela escola. Como vemos a seguir, o registro de professoras e estudantes da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena.

Figura 19 – Apresentação especial da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena na Semana Indígena Intercultural Terena-MT



Fonte: o autor (2025).

A imagem foi feita na aldeia Kuxonety, em 2025, liderada pelas professoras Sara Reginaldo, Nilce Alcântara, Jussara Roberto Firmo, Marli Delfino à frente das estudantes da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena em uma apresentação especial na Semana Indígena Intercultural Terena-MT, em 2025.

Nessa Semana Indígena Intercultural Terena-MT, na aldeia Kuxonety foram desenvolvidas as seguintes atividades: arco e flecha, cabo de força, arremesso de lança, *maia* esse último, conhecido pelo não indígena de jogo de malha, jogos ocidentais (futebol, vôlei), além do desfile ancestral, disputa da moça mais bela, na cultura Terena-MT.

Figura 20 – Desfile ancestral feminino Terena-MT



Fonte: o autor (2025).

Um dos momentos mais expressivos da Semana Indígena Intercultural Terena-MT é o desfile ancestral das moças Terena. A exibição das moças com pinturas

corporais e trajes representando a história, a identidade da mulher Terena-MT. É um momento muito importante, pensado pelas lideranças. É um incentivo para as jovens entenderem que fazem parte, são integrantes do povo Terena-MT, carregando nossos traços.

Em tempos antigos, essa festa era chamada de *Oheokoty*, sendo feita com muito rigor aos ritos. Havia jogos, brincadeiras e rito de passagem que marcava o início do ano para o povo Terena. Na grande festa sagrada *oheokoty* aconteciam jogos, competição de danças, corrida de cavalo, arremesso de lança com cavalo, luta corporal, iniciação de novos (*Koixomunety*), pajés/curandeiros.

Em tempos atuais, a semana Indígena Intercultural Terena, no estado de Mato Grosso, é realizada com muitas mudanças. É uma organização de todas as aldeias, no entanto a comunidade anfitriã tem responsabilidade maior de receber, com alimentação, organização dos jogos e parte espiritual do povo. A festa acontece em sistema de rodízio nas aldeias Terena-MT e revezam-se entre as quatro comunidades. No ano de 2025 foi realizada na aldeia Kuxonety Poke'e, território indígena Terena Iriri Novo, município de Matupá. A seguir um registro da última festa, com apresentação de danças tradicionais masculina e feminina Terena-MT.

Figura 21 – Registro da apresentação de dança Terena-MT na Semana Indígena Intercultural



Fonte: o autor (2025).

Apesar das mudanças, os Terena de Mato Grosso seguem firmes no trabalho de retomada da raiz cultural. A convivência entre o mundo tradicional e o mundo atual é vivida como parte da dualidade característica do povo Terena. Temos realizados trabalhos de conscientização da volta em nossas organizações do Xumono (bravos,

guerreiros) e o Sukirikionó (pacíficos, conciliadores) nas danças, com pinturas corporais.

Figura 22 – Apresentação especial da aldeia Kopenoty em Kuxonety Poke'e



Fonte: o autor (2025).

A imagem acima mostra o trabalho realizado entre os professores da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”. Da esquerda para a direita estão os guerreiros Eli Jorge Rondon, Eliel Jorge Rondon, Eliwelton I. Rondon e Odemilson Vitorino. O registro é de uma apresentação especial de dança, a primeira de muitas com o objetivo de conscientizar sobre a dualidade Terena Xumono e Sukirikiono, preparada e organizada por professores e estudantes da aldeia Kopenoty, realizada na aldeia Kuxonety Poke’e, Terra Indígena Terena Irii Novo, município de Matupá.

Temos buscado retomar as práticas culturais que ficaram esquecidas, adormecidas por períodos. Esse movimento, longe de enfraquecer, tende a fortalecer a comunidade, pois a conscientização já começou a se consolidar entre professores

e lideranças. Aos poucos, vamos contribuindo para consolidação do bem precioso, a cultura do povo Terena de Mato Grosso.

3.3 O PATRONO

O nome Patrono, descrito no Projeto Patrono Escolar 2025.

O nome da escola foi dado em função de que o homenageado foi a pessoa que encaminhou os Terena para o Mato Grosso, mas que por ter sofrido um acidente não chegou nem mesmo ver o lugar que materializaria seus sonhos. Assim a escola recebe o nome de Elio Turi Rondon “Terena”, que nasceu no dia 30 de outubro de 1933 na aldeia Urubu Branco do povo Tapirapé no município de Santa Terezinha-MT, hoje pertencente ao município de Confresa-MT. (Projeto Patrono E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, 2025, p. 9).

O projeto visa apoiar a didática dos professores da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, por meio da socialização, interação entre alunos, pais e professores, entre todas as turmas estudando, interagindo e aprendendo junto. A escola tem em seu público alunos indígenas dos povos Terena, Panará e Bororo, assim como estudantes não indígenas.

Figura 23 – Fotografia Histórica Terena-MT (1998 a 2002)



Fonte: o autor (2026).

A imagem acima é um registro do período de reivindicação de Território para o povo Terena-MT. No registro está Cirênio Reginaldo, Fernandes Vitorino e com arco e flecha o grande guerreiro, Hélio Turi, patrono da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon. A luta desses valentes guerreiros nos inspira a continuar em busca do melhor para a nossa comunidade.

O patrono feito na aldeia Kopenoty é para lembrar esse grande guerreiro e os professores planejam atividades para uma semana.

Em 2025, a atividade escolar Patrono ocorreu nos dias 24 a 28 de novembro, por meio de trabalho pedagógico interdisciplinar realizado na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”. São preservadas semanas de preparação pedagógica, para que dê tempo de organizar os resultados dos trabalhos desenvolvidos.

Esse projeto educacional busca outra forma de ensino e aprendizagem, através de interação com canto, música, dança, teatro, recreação entre as turmas iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, estendendo o convite para participação da comunidade Kopenoty, aos pais, mães, lideranças, docentes, administradores em grupos de trabalhos.

As propostas pedagógicas abordadas são temas previamente estabelecidos com professores e gestão e os conteúdos dos temas são relacionados em conexão à história e ao conhecimento tradicional Terena.

Vejamos a seguir a introdução do projeto.

1- INTRODUÇÃO

Este projeto possibilita valorizar o conhecimento dos alunos e despertar novos caminhos de saberes para sua carreira estudantil teórico e prático, entendendo a diversidade cultural na sociedade onde vivem. Este semestre ano 2025/2 e a semana do patrono o trabalho será interdisciplinar propõe um trabalho pedagógico durante as aulas com atividades extraclasse, pesquisa em grupos, apresentação de teatros, soletrando na Língua Terena, músicas, comidas típicas, maquetes, cantos, lendas, gincanas estudantis e entre outras que envolvem o ensino intercultural. [...] Este trabalho será embasado no Projeto Político Pedagógico da escola indígena Elio Turi Rondon “Terena”, sendo um trabalho de alta relevância, construído junto a equipe gestora desta unidade escolar; diretor (a); coordenador (a); professores e ser apresentado a comunidade em geral. (Projeto Patrono 2025 – E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, p. 4).

Durante a semana do patrono, as atividades são planejadas para criar experiências de ensino e aprendizagem, juntando teoria e prática. Os alunos participam de teatros, pesquisas de campo, produção de maquetes, soletrando em língua Terena, cantos, jogos tradicionais, culinária típica, artesanato, debates, estudos ambientais e atividades físicas. Cada área do conhecimento desenvolve atividades conforme a temática estabelecida antecipadamente.

As áreas de conhecimento envolvidas são: Ciência da Natureza e Matemática, Linguagens, Ciências Sociais, Saberes Indígenas e Língua Materna.

O projeto envolve pesquisa, apresentações, entrevistas, levantamentos de dados e práticas culturais, caderno de memória. Assim, o Projeto Patrono para a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena torna-se um momento de autonomia dos estudantes, autoavaliação e fortalecimento do conhecimento ocidental do povo Terena-MT.

A finalidade pedagógica é formar alunos reflexivos, conscientes, conhecedores da história, capazes de dialogar com o mundo e ao mesmo tempo saber os valores Terena.

No final, todos os participantes são conscientizados de que a luta dos mais velhos, do Patrono escolar, o avô Hélio Turi Rondon, continua a inspirar por educação escolar cada vez melhor. A seguir, a programação Patrono 2025.

Programação Patrono 2025

Local: Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena

24/11/2025 – Segunda-feira (intermediador prof. Antonino)

19h – Abertura

Execução do Hino Nacional Brasileiro

Fala do atual diretor

Fala do professor Eliwelton

Fala do professor Joel

Fala da professora Sara

Fala do cacique José Carlos

Fala do representante dos alunos

Fala do futuro diretor de 2026 – professor Dalmir

Apresentações

Apresentação especial/Turma 1º e 2º ciclo: professoras Inês e Sara – 10 minutos

Apresentação especial professora Nilce

Exposição e explicação maquete “Biomassas”

Atividade de Recreação: Todos os professores “Elio Turi”

25/11/2025 – Terça-feira (intermediadora Prof.^a Nilce)

19h10 às 21h

Perguntas e respostas – Conhecimentos Gerais

21h às 21h50

Atividade pedagógica (Dalmir, Jussara, Marli e Eli)

26/11/2025 – Quarta-feira (intermediador Prof. Joel)

19h às 19h10

Dinâmica com o professor Joel – 10 minutos

Gincanas por disciplina

19h10 às 19h40 – Linguagem (professor) – 1 aula

19h50 às 20h20 – Ciências da Natureza – 1 aula

20h30 às 21h00 – Ciências Sociais – 1 aula

21h00 às 21h50

Língua Materna – Professor Antonino

27/11/2025 – Quinta-feira (Eliwelton)

19h

Palestra: Xumono e Sukirikiono (Professor Eliwelton) – 10 minutos

Teatro

Teatro infantil – 20 minutos

Teatro dos Grupos – 40 minutos

Intervalo

Espaço para fala dos convidados

Jogos *Online*

Atividade em língua Terena com o professor Dalmir

28/11/2025 – Sexta-feira (intermediador Prof. Antonino)

Abertura

Hino Nacional

Falas das autoridades – 19h10

Palestras e Encerramento

Bibliografia de Elio Turi Rondon – Professora Inês

Mensagem motivacional – Professor Joel

Bolo de encerramento – Marcelo

Concurso: Bolo Mais Bonito (300 pontos)

Grupo Resenha – 2 kg de bolo

Grupo Hanaiti – 2 kg de bolo

Culinária

Exposição comida típica Terena – Professora Sara

Encerramento

22h horas

Programação digitalizada: Coordenador Odemilson Vitorino Duarte.

(Programação Patrono – E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, 2025).

A atividade Patrono está no calendário escolar e da comunidade Kopenoty. É um evento de muito apreço durante o ano. Segundo José Carlos Firmo (2025), cacique da aldeia Kopenoty, em uma fala de autoridades do último dia da atividade: “[...] O patrono, né, que foi o nosso líder, grande Hélio Turi, né. [...] juntamente com seu filho, os dois que começou essa luta. Então a gente tem uma referência muito importante para nós”. No momento da fala, o cacique da aldeia Kopenoty, no último dia da

atividade Patrono, agradeceu o trabalho desenvolvido pelos professores e coordenação e o empenho dos estudantes, trazendo uma mensagem de esperança.

Nesse dia, o cacique José Carlos Firmo reforçou o grande precursor da história Terena em Mato, os primeiros guerreiros que deram origem ao povo Terena do norte, Hélio Turi Rondon e Milton Rondon.

O tema geral proposto para o patrono 2025 foi a “Crise Climática” e as estratégias e metodologias incluíram debates, reflexões e ações sobre a importância e o cuidado do território, do meio ambiente e do clima, sendo essas as bases das ações pedagógicas.

O projeto está fundamentado no Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”, uma construção própria da escola, com o corpo da comunidade escolar, gestão, coordenação, professores e demais servidores da unidade escolar com a comunidade Kopenoty.

A seguir, registros da atividade maquete sobre biomas.

Figura 24 – Resultado dos trabalhos maquete (Patrono 2025)





Fonte: o autor (2025).

A respeito da questão climática, em relação aos biomas dos territórios indígenas, em especial dos territórios dos estudantes indígenas presentes na escola, a intenção foi de construir um plano de cuidado, conscientização e divulgação por meio dos resultados dos trabalhos desenvolvidos sobre a importância da preservação dos biomas.

Além das atividades de maquetes, foram realizadas atividades de dança, canto e teatro. Trago a seguir a carta desenvolvida na atividade teatro pelo grupo de trabalho *Hanaiti*¹⁰, Patrono 2025. No teatro desenvolvido pelo grupo Hanaiti, com o tema “Saída do povo Terena de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso”, na parte final da apresentação, foi lida uma carta produzida em coletivo, no final da peça representada.

Carta lida pelo aluno Pablo Joware Erea, estudante do 1º ano do Ensino Médio (2025):

Carta dos velhos sábios Terena-MT

Aos jovens Terena e estudantes da nossa escola “Elio Turi”

Meus filhos e minhas filhas,

Escrevo estas palavras com o coração cheio de lembranças, do tempo em que nosso povo viveu momentos difíceis: na beira da rodovia, nas noites de chuva, nos barracões improvisados, na luta para conquistar um território para viver com dignidade.

Quero deixar para vocês, jovens, um pedido e um conselho.

O pedido é simples: Não deixem a nossa história ficar guardada só na memória dos velhos. Conversem, perguntem, anotem, escutem. O que vocês aprendem hoje será a força de vocês amanhã.

¹⁰ Hanaiti é uma palavra na língua Terena que significa “grande”. Foi o nome escolhido por um dos grupos de trabalho para as atividades Patrono 2025.

E o conselho é este: Não tenham medo de estudar. Não tenham medo de ser indígena Terena. O mundo de fora é grande, às vezes confunde, às vezes machuca, mas também pode abrir caminhos. Andem nesses dois mundos com equilíbrio. Levem com vocês o respeito, a paciência, a coragem e o modo de ser do nosso povo, seja Xumono, seja Sukirikiono, cada um tem seu jeito de lutar. O futuro que eu desejo para vocês é bonito.

Vejo nossas aldeias fortes, com professores, enfermeiros, caciques e jovens preparados. Vejo nossas crianças falando alto a língua Terena. Vejo nossa cultura viva nas danças, nas festas, na pintura, nas histórias. Vejo o território cuidado, respeitado, defendido. E vejo vocês, a nova geração, caminhando sem abaixar a cabeça, sem esquecer quem são, sem deixar que digam que nosso lugar é pequeno. Porque não é. Nosso lugar é grande, é do tamanho do nosso povo. Sigam firmes. Continuem a caminhada. E lembrem-se sempre: a luta não termina, ela só muda de mãos. Com respeito e esperança, Um velho líder do povo que já partiu para todos estudantes. Assinado: Hélio Turi Rondon, Vô Severino, Tio Mário, Aristide Gomes, Estevo Mário, Tio Varino, Lêle Cebola em memória. (Carta elaborada pelo grupo Hanaiti, apresentada em 27 de novembro, Patrono 2025).

3.4 FORMAÇÃO DE GRUPOS DE TRABALHO – PATRONO

Na edição de 2025, foram formadas as equipes de trabalhos Resenha e Hanaiti, conforme a imagem a seguir, com aproximadamente 20 integrantes em cada grupo. As equipes foram compostas por alunos das turmas do 1º ciclo do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Figura 25 – Grupo Hanaiti (Patrono 2025)



Fonte: o autor (2025).

A composição dos integrantes de cada grupo é realizada de forma transparente, na presença do coordenador pedagógico, professores e alunos. A

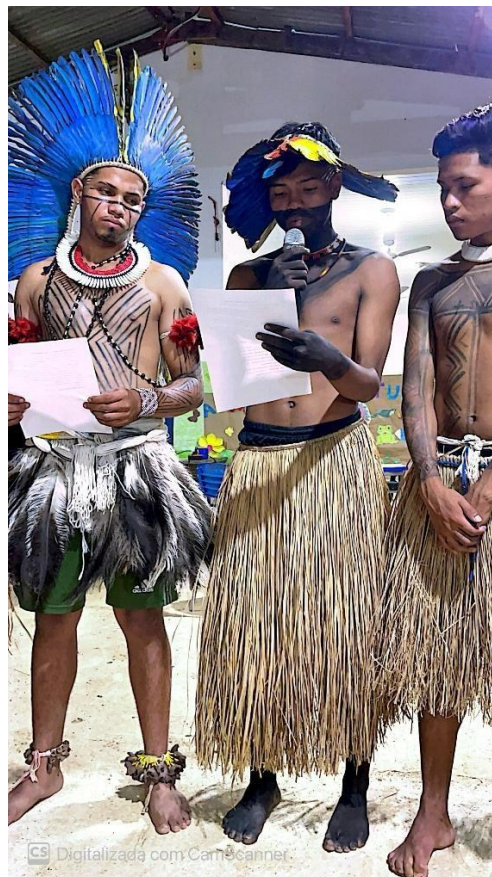
escolha se deu por sorteio, dentro da sala 2 da escola Elio Turi, no dia 21 de outubro de 2025. As equipes foram formadas e divididas conforme o registro acima, durante a semana de apresentação dos resultados das atividades pedagógicas.

A partir disso, as equipes utilizaram estratégias próprias para nomear o grupo. O grupo de trabalho Hanaiti foi composto por: Emily Borobó, Sapim Panará, Kwasokia Panará, Sekiarapja Panará, Akene Jorge, Isis Peixoto, Nauany Alcântara, Gustavo Alcântara, Pabliel Domingos da Silva, Nayara Alcântara Mário, Ana Flávia, Luiz Gustavo, Claudenei, Francinete, Debora Santos, Fagner, Mateus Silva, Pablo Rudinei Joware Ereia e Ismael.

A seguir, registros do Patrono (2025).

Figura 26 – Registro do teatro “Saída do povo Terena do estado de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso





Fonte: o autor (2025).

Nos registros estão os estudantes da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, especialmente do grupo Hanaiti, no evento escolar Patrono, ocorrido entre os dias 24 a 28 de novembro de 2025. Os estudantes da imagem são Pablo Rudinei Joware Ereia, Sapin Panará, Sekiarapja Panará, Gustavo Alcantara e Gustavo Pinheiro.

Figura 27 – Conclusão da atividade pedagógica usando as cores do Xumono e Sukirikiono



Fonte: o autor (2025).

Esses registros foram feitos na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, durante o evento Patrono 2025, mostrando parte do teatro intitulado “A saída do povo Terena do estado de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso”. Esta última imagem tem o registro de estudantes que se autoconsideram Xumono e Sukirikiono, conforme o estudo dos cacique Cirenio Reginaldo e Milton Rondon.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a análise crítica dos dados documentais e dos elementos que os líderes apresentaram, com forte significado cultural para os Terena-MT, concluímos que os caciques Milton Jorge Turi Rondon e Cirênio Reginaldo Francisco desempenharam papel central na afirmação do direito aos territórios Kopenoty em Peixoto de Azevedo e Terra Indígena Terena Iriri Novo, município de Matupá conquistados.

Em tempos presentes, essa conquista tem consolidado as práticas culturais, sendo fortalecida a identidade do povo Terena em Mato Grosso. Diante disso, os registros históricos, articulados com as memórias coletivas e as práticas pedagógicas, revelam que a dualidade Xumono/Sukirikiono proporciona uma diligência de liderança que mescla a agressividade e a diplomacia, que foram fundamentais no processo de luta por território.

Em contrapartida, a diversidade de fontes consultadas, entre teses, reportagens, entrevistas e materiais visuais, corrobora que a atuação dos líderes não se restringiu à esfera política, mas se expandiu para a reestruturação dos saberes e práticas culturais, conforme observam Rondon (2022) e Pereira (2016; 2023). Cabe ressaltar que essa análise oferece importantes subsídios para o Relatório das Práticas Pedagógicas Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena – Ensino da História, identidade Terena-MT, elaborado a partir dessa pesquisa.

Em vista disso, o presente estudo tem uma abordagem metodológica mista, que alia análise documental e relatos orais, permitindo a compreensão ampla e profunda dos processos de territorialização identificados no período estudado. Considerando que os desafios enfrentados pelo povo Terena ultrapassam as fronteiras do âmbito histórico, pois se configuram como elementos da construção identitária e cultural, a pesquisa evidencia também a necessidade de pequenas e grandes intervenções para a sustentabilidade da memória oral, por isso a importância dos registros e das entrevistas obtidas. Acreditamos que isso ajudará outros pesquisadores Terena-MT futuramente.

Dessa forma, o trabalho se posiciona como uma contribuição importante para a ampliação do debate acerca dos direitos indígenas Terena-MT e para o aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas à educação escolar indígena. Cabe destacar, portanto, que a reestruturação dos saberes e a consolidação de políticas

públicas direcionadas à educação escolar indígena devem continuar sendo prioridades para pesquisadores, gestores e lideranças indígenas, a fim de que se assegure a continuação da história Terena-MT.

Nesse sentido, os dados da pesquisa demonstram que a dualidade entre os papéis de Xumono e Sukirikiono é ímpar e imprescindível para a explicação dos processos de mobilização interna que se converteram em conquistas territoriais efetivas, colocando em relevo a importância de revisitar a cultura como arma de defesa para os povos indígenas no tempo presente.

Em vista disso, o estudo conclui que a relação entre a memória coletiva e as práticas pedagógicas representa um caminho para a educação escolar indígena, consolidando assim os alicerces para a continuação da luta pela demarcação e defesa do território indígena.

Os resultados também mostram a importância de aprofundar o debate teórico para compreender as lutas indígenas em múltiplas dimensões. Esse entendimento contribui para a construção de materiais didáticos próximos da vivência dos estudantes, capazes de mostrar os processos de luta, reivindicação e mobilização de povos indígenas. Assim, o trabalho se encerra reafirmando que a articulação entre história, política e cultura é fundamental para a defesa do direito do povo Terena de Mato Grosso.

DOCUMENTOS ANALISADOS

1. Associação dos Trabalhadores Indígenas Recanto Pontal. Ofício: nº 047. Rondonópolis-MT, 27 de novembro de 1998.
2. Índios ameaçam radicalizar. Jornal de Hoje. Rondonópolis-MT, 28 de abril de 1999.
3. Índios Terena conseguiram um prazo de 45 dias. Jornal de Hoje, ano I Edição 19, p. 5A. Rondonópolis-MT, 04 de maio de 1999.
4. Fundação Nacional do Índio. Ofício nº 261/PRESIDENTE. Brasília, 28 de junho de 2000.
5. Ata da Assembleia Ordinária. Ata da Associação dos trabalhadores Indígenas Recanto Pontal Povo Indígena Terena ATIRPT. Rondonópolis-MT – Aldeia Lago Azul, 15 de agosto de 2000.
6. Índios tentam garantir área. Jornal de Hoje. Rondonópolis MT, 23 de agosto de 2000.
7. Comunicado. Documento administrativo institucional. Rondonópolis-MT, 23 de agosto de 2000.
8. Funai aprova laudos sobre a Fazenda Tarumã. Jornal de Hoje. Rondonópolis-MT, 21 de fevereiro de 2001.
9. Denúncia. Documento Técnico Jurídico. Rondonópolis-MT, 29 de março de 2001.
10. Comunidade Terena de Rondonópolis-MT. Ata de acordo/compromisso. Rondonópolis-MT, 05 de outubro de 2001, foi acordado e formalizado por meio de documento assinado pelas lideranças indígenas Terena, em 13 de outubro de 2001.
11. Fundação Nacional do Índio. Portaria nº 805/PRESIDENTE. Brasília, 02 de outubro de 2001.
12. Fiscais e policiais são agredidos por índios. Jornal de Hoje, Rondonópolis-MT, 24 de novembro de 2001.
13. Estado de Mato Grosso. Poder Judiciário Comarca de Rondonópolis. Ata de Reunião com os índios Terenas. Rondonópolis-MT, 30 de novembro de 2001.

14. Estado de Mato Grosso Poder Judiciário Juizado Volante Ambiental de Rondonópolis. Documento oficial de registro. Rondonópolis-MT, 03 de dezembro de 2001.
15. Representante Bororo critica atitude de Terenas. A Tribuna, p. A8. Rondonópolis-MT, outubro de 2002.
16. Comunidade Indígena Terena-MT. Carta ao Sr. Excelentíssimo Presidente da República do Brasil, Sr. Fernando Henrique. Brasília, 24 de [data incompleta].

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras tradicionalmente ocupadas**. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2010.
- ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. **Metodologia do ensino de História e etnoconhecimento**: ciências sociais Cuiabá: VT Print, 2020. 36. p. (Caderno Pedagógico Intercultural, 2).
- ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena, **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, 1949, p. 271-379.
- BANIWA, Gersem. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARROS, José D.'Assunção. **História, espaço e tempo**: interações necessárias. *Varia história*, v. 22, p. 460-475, 2006.
- BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **Processos interculturais**: antropologia política do pluralismo cultural na América Latina. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde Indígena. **Plano Distrital de Saúde Indígena – DSEI Kaiapó-MT, 2024-2027**.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RECNEI** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos avançados**, v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018.
- BITTENCOURT, Circe Maria, Ladeira, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.
- CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FALCÃO, Ismael Marinho. **O Estatuto do Índio comentado**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.
- ISAAC, Paulo Augusto Mário. **Modo de existir Terena na comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso. 2004**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Mato Grosso, 2004.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAMEDES, Misma Turi Rondon. **Educação ambiental popular indígena Terena: o pensar e o fazer retratado nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovoero**, Barra do Bugres, 2025.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais**. Cuiabá: Defanti, 2010.

OLIVEIRA, André Luiz de; TRINDADE, Ellika. Apontamentos acerca da subjetividade e dos processos de subjetivação no mundo contemporâneo e suas repercussões na clínica psicoterápica. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 7, n. 1, p. 30-38, jan./jun. 2015.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. O ensino de História em Mato Grosso: uma análise das Orientações Curriculares. **História e Diversidade**, v. 5, n. 2, p. 18-18, 2014.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**; prefácio de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O dualismo Terena. **Revista do Museu Paulista**, v. 16, p. 255, 1966.

PEREIRA, Rosenildo. **História da Educação Escolar e Prática pedagógica Intercultural: Escola Estadual indígena Terena Komomoyea Kovoero (MT)**. Barra do Bugres, 2023.

PHILIPPSEN, Neusa Inês; GABRIEL, Nilce Alcantara; DA LUZ, Jislaine. Língua Indígena Terena: da língua ancestral aos atuais processos de revitalização no norte de Mato Grosso. **EntreLetras**, v. 15, n. 1, p. 224-250, 2024.

PROJETO PATRONO ESCOLAR 2025. Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon "Terena".

RONDON, Eliwelton Ikodioka dos Santos (2022), **Os Xumono e Sukirikiono nas narrativas de lideranças Terena de Mato Grosso: possibilidades de ensinar a história e cultura Terena na educação escolar indígena**, Barra do Bugres.

RONDON, Micael Turi (2022) **História em Quadrinhos no Ensino de Língua Portuguesa na Escola Komomoyea Kovoêro–Terena MT**. Barra do Bugres.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie *et al.* Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SANTOS, Sílvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; GOMES, Nataniel dos Santos. O sistema de escrita em Terena: origem, organização e variantes. **Revista Philologus**, ano 22, n. 66, supl. Rio de Janeiro, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/66supl/0113.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

TERENA: VOZES DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA. Direção: Cleudson Moreira. Aldeia Kuxonety, Inamaty, Turipuku, Kopenoty. Filmagens: Alvair Gasparetto Junior. 2025. Documentário (2h33min).

TOILLIER, Jean Sebastian. Uma breve discussão sobre o uso da história oral e da pesquisa em um arquivo pessoal para a escrita de uma biografia. **Anais [...]** Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática – ENAPHEM, n. 7, 2024.

RELATÓRIO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA
ELIO TURI RONDON TERENA



SUKIRIKIONO

XUMONO

POVO TERENA | MATO GROSSO

Relatório das Práticas Pedagógicas na Escola Estadual Indígena Elio Turi
Rondon Terena – Ensino da História, identidade Terena MT

ORGANIZADOR ELIWELTON I. RONDON

ALDEIA KOPENOTY MT

Orientação – Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira

Alunos participantes

Natan Itariã Roberto Rondon

Gustavo Alcântara

Nayara Alcântara Mário

Akene Mileski Jorge

Isis Rafael Peixoto

Nauany Alcântara

Emily Borobó

Kwasokia Panará

Sapim Panará

Sekiarapja Panará

Pablo Rudinei Joware Ereia

Luiz Gustavo

Ana Flávia

Ismael (sobrenome)

Pabliel (sobrenome)

Claudenei (sobrenome)

Francinete (sobrenome)

Debora Santos

Weverton (sobrenome)

Mateus Santos

Fagner (sobrenome)

Professores Colaboradores

Jussara Roberto Firmo

Dalmir Jorge Cruz

Antonino Reginaldo Jorge

Nilce Alcântara

Sara Reginaldo Roberto Firmo

Marli Lourenço

Estagiários Colaboradores

Eli Jorge Rondon Sobrinho

Jadatari Xipai

Ilustração das histórias

Os autores

Ilustração de capa

Sapin Panará

Sekiarapja Panará

APRESENTAÇÃO

O caderno é baseado na dissertação “Lideranças Terena em Mato Grosso: Milton Jorge Turi Rondon e Cirênio Reginaldo”, construída a partir de documentos históricos inéditos, memórias de lideranças e registros das Assembleias Terena MT (1998–2002) e do início das primeiras famílias, luta pela demarcação de território Terena de Mato Grosso.

Público-alvo: Turma Multisseriado do 2º ciclo ensino Fundamental ao 3º ano ensino médio da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena.

Este relatório pedagógico é resultado de uma experiência de ensino desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental e médio da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon, localizada no território Terena do Norte, aldeia Kopenoty, Mato Grosso. A prática foi construída no âmbito da pesquisa de mestrado, intitulado Lideranças Terena de Mato Grosso: Milton Jorge Turi Rondon e Cirênio Reginaldo, vinculada ao Mestrado Profissional do PPGECEII – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural da UNEMAT.

As atividades reunidas neste material foram produzidas pelos estudantes durante aulas, pensada inicialmente no 1º semestre, ano letivo 2025. No entanto foram concluídas no final do 2º semestre de 2025. Foram temáticas, a saída do povo Terena de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso, território, metade cultural Terena Xumonó/Sukirikionó, análise de documentos Terena MT, por meio de sequências didáticas organizadas especificamente para este trabalho. O objetivo central é fortalecer a identidade cultural dos estudantes para uma compreensão da história do povo Terena de Mato Grosso, articulando memória, oralidade, leitura, escrita e elementos de significados cultural Terena MT.

A escola atende estudantes da aldeia Kopenoty, no entanto a circulação dos alunos Terena entre as comunidades são fortes, em eventos escolares, festas tradicionais, assembleias, recreação. O caderno pedagógico foi planejado para respeitar e valorizar a verdadeira história Terena MT, para que os alunos venham aprender do jeito certo, como foi? Como aconteceu? E como chegamos aqui no Norte do estado de Mato Grosso. Essa foi a preocupação do consultor nativo Eliel Jorge Rondon, guerreiro de 54 anos de idade, em entrevista 08 de

novembro de 2025, aldeia Kopenoty *“Algumas pessoas que falam de nós sem conhecer, primeiro tem que conhecer a realidade. Porque? Quando? Bem exatamente.”*

Neste relatório de práticas pedagógicas desenvolvidas com alunos da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, ano letivo de (2025) foram explorados conteúdos sobre memórias das lideranças do tempo da migração do estado Mato Grosso do Sul para estado de Mato Grosso, vivendo território de parentes Boe Bororo, estudo de documentos históricos da comunidade (jornais, atas, ofícios, fotografias e relatos de reuniões), metades comportamentais (Xumono e Sukirikiono) e pinturas corporais.

O conjunto das atividades permitiu que os estudantes produzissem mapas, releituras de documentos antigos, acesso ao histórico da luta Terena MT por território, representações por de teatros, produção de textos (cartas, frases) dedicadas às lideranças tradicionais, especialmente ao cacique Milton Jorge Turi Rondon (Sukirikiono) e Cirênio Reginaldo (Xumono), líderes centrais desta pesquisa e para o povo Terena de Mato Grosso.

A prática pedagógica também abordou elementos da cultura material e imaterial, como cores, grafismos, histórias familiares. Fortalecendo em sala de aula a história, a importância do território e as práticas culturais.

Os resultados apresentados neste caderno mostram que o uso de sequências didáticas com base na cultura Terena MT, amplia a compreensão dos estudantes, fortalece o pertencimento e dá sentido ao ensino. Essa abordagem favorece um aprendizado mais envolvente, dinâmico e ligado à realidade da aldeia, possibilitando a identidade do povo Terena sejam fortalecidos no processo educacional.

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

1. Compreender a história, o território e a organização social do povo Terena em Mato Grosso, reconhecendo o processo de migração, fundação das aldeias Kopenoty, Turipuku, Inamaty Poke'e e Kuxonety Poke'e, a metade Terena Xumono e Sukirikiono (comportamento e cores), relações entre comunidade Terena e práticas culturais.

2. Valorizar e fortalecer a identidade cultural Terena de Mato Grosso, por meio do estudo das lideranças tradicionais (Milton Rondon e Cirênio Reginaldo),

da análise de documentos, entrevistas, memórias e elementos da cultura material e imaterial, como pinturas corporais, símbolos, cores e rituais.

3. Desenvolver habilidades de leitura, escrita, oralidade e interpretação crítica, de pertencimento a reflexão sobre a história do povo Terena MT na contemporaneidade e a capacidade de relacionar história local com processos sociais e políticos mais amplos.

O estudante deve ser capaz de identificar os principais fatos da migração e territorialização do povo Terena em Mato Grosso. Reconhecer as características culturais das metades Xumonó e Sukirikionó, relacionando-as às lideranças estudadas. Explicar por que as lideranças Milton Rondon e Cirênio Reginaldo se tornaram referências entre 1998 e 2002. Analisar documentos históricos (atas, cartas, fotografias) produzidos pela comunidade Terena MT. Valorizar a identidade cultural do povo Terena de Mato Grosso (danças, pinturas, memórias). Desenvolver autonomia, participação e consciência histórica por meio de atividades práticas baseadas na cultura Terena MT.

CONTEÚDOS

- Histórico de migração das famílias Terena do MS para o MT (1982–2002)
- O papel das instituições INCRA e FUNAI e a morosidade do Estado
- Bloqueios das rodovias BR-163 e BR-364 na luta territorial
- Fundação das aldeias Kuxonety Poke'e, Inamaty, Turipuku e Kopenoty.
- Atas de assembleias (2000–2001) e documentos recuperados após o falecimento de Milton Rondon
- Conquista da Terra Indígena Terena Iriri Novo.

Conteúdos Conceituais

- Caciques Milton Jorge Turi Rondon e Cirênio Reginaldo
- Dualidade cultural Terena: Xumonó (perfil guerreiro, direto), (Sukirikionó (perfil conciliador, diplomático)
- Memória coletiva
- Direitos indígenas

Conteúdos Procedimentais

- Análise e leitura de documentos históricos da comunidade
- Representação visual das metades Xumono e Sukirikiono
- Construção da árvore genealógica cultural da primeira família
- Reconto histórico por meio de teatro, desenhos e mapas
- Registro no caderno de campo do estudante

Sumário

ATIVIDADE 1 – Documentos Históricos e Produção Escrita.....	11
Texto 1. Pesquisa Documental.....	11
Análise de documentos 1 – Contato com documentos históricos Terena MT.....	11
Registro de documento histórico 2 – Análise do Ofício aos Embaixadores.....	13
Registro de documento 3 – Análise da Ata da Assembleia (2000).....	15
Registro de documento 4 – Análise da Ata da Assembleia 2001.....	17
Produção Escrita 1 – Texto interpretativo do estudante Thayson Vitorino.....	19
Produção Escrita 2 – Texto interpretativo do estudante Gustavo Alcântara.....	20
Histórico de migração das famílias Terena do MS para o MT (1982–2002).....	21
Texto 1.....	21
Texto 2.....	23
ATIVIDADE 2 – REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS E TEATRO.....	25
Registro Teatral 1 – Representação de Milton e Cirênio pelos estudantes.....	25
Registro Teatral 2 – Dramatização do Bloqueio da BR-163.....	26
Registro de Teatro 3 – A família de Hélio Turi.....	27
Registro de Teatro 4 – Representação de Hermes Borobó.....	28
Registro de Teatro 5 – Cena da negociação com o prefeito Assis Tenório.....	29
Registro Teatral 6 – Personagens centrais da migração Terena MT.....	30
ATIVIDADE 3 – Desenhos Históricos e Linhas do Tempo.....	30
Ilustração Histórica 1 – Bloqueio da BR-163.....	31
Ilustração Histórica 2 – Fechamento de rodovia.....	32
Linha do Tempo Visual 1 – A saída Terena de MS para MT.....	33
Ilustração Geográfica 1 – Origem das famílias no MS.....	34
Ilustração Geográfica 2 – As quatro aldeias Terena no norte de Mato Grosso.....	35
ATIVIDADE 4 – Xumonó e Sukirikionó na Prática Escolar.....	35
Registro Cultural 1 – Encontro dos estudantes (Xumonó e Sukirikionó).....	36
Registro Cultural 2 – Grupos culturais formados na escola.....	37
Registro Cultural 3 – Uso das cores no Patrono (Bolo cultural).....	38
Registro Cultural 4 – Grupo Resenha (Xumonó).....	39
Registro Cultural 5 – Grupo Hanaiti (Sukirikionó).....	40
ATIVIDADE 5 – Grafismos Terena MT.....	40
Grafismo 1 – Representação Xumonó.....	41
Grafismo 2 – Produção artística Xumonó.....	42

Grafismo 3 – Representação Sukirikionó.....	43
Grafismo 4 – Tradição gráfica Terena MT (flor de maracujá, aldeias, danças). 44	
Grafismo 5 – Pintura corporal Ovo'e.....	45
Atividade 6. Autoanálise da minha família Xumonó e Sukirikiono.....	45
Tabela Cultural 1 – A família Xumonó/Sukirikionó de Akene.....	46
Tabela Cultural 2 – A família Xumonó/Sukirikionó de Yasmim.....	46
Tabela Cultural 3 – A família Xumonó/Sukirikionó de Kwasokia.....	47
Tabela Cultural 4 – A família Xumonó/Sukirikionó de Thayson.....	48
Tabela Cultural 5 – A família Xumonó/Sukirikionó de Gustavo.....	48
Considerações.....	49

ATIVIDADE 1 – DOCUMENTOS HISTÓRICOS E PRODUÇÃO ESCRITA

Objetivo: Analisar atas, cartas, fotografias e registros da luta Terena.

Recorremos a pesquisa documental, de Sá-Silva, Almeida e Guindani, pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista brasileira de história e ciências sociais, (2009). Conforme a pesquisadora fizemos a metodologia para entender processos históricos e socioculturais com base em fontes criadas pelos próprios indivíduos envolvidos.

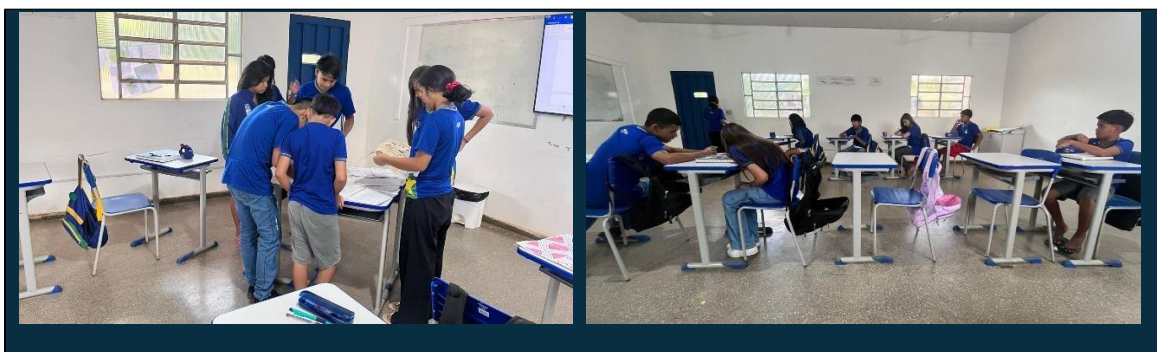
Texto 1. Pesquisa Documental

Ela se posiciona sobre a pesquisa documental: “a documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”. (Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 6).

Antes de expor as atividades documentadas, é fundamental ressaltar que este momento da prática pedagógica representou uma fase crucial no processo de ensino aprendizagem. Depois de entrar em contato direto com documentos históricos autênticos da comunidade Terena de Mato Grosso, período de 1988 a 2002. Os alunos analisaram e produziram textos.

Material Documental e Escritas Produzidas

Análise de documentos 1 – Contato com documentos históricos Terena MT





Fonte: Fotografia Jadatari Xipai (2025)

Comentário pedagógico: Os alunos das turmas 2º ao 4º ciclo do ensino fundamental manuseiam documentos produzidos pelos caciques Milton Jorege Turi Rondon e Cirênio Reginaldo, período dos bloqueios permanência na beira da rodovia 1998 a 2002. A atividade ocorreu no 2º semestre do ano letivo de (2025), buscou desenvolver leitura crítica, aproximar a história do nosso povo Terena do conhecimento dos estudantes, por meio dessa abordagem. Os estudantes deixam de ser ouvinte e torna se pesquisador da própria história.

Registro de documento histórico 2 – Análise do Ofício aos Embaixadores

OF. C.I.T. (Comunidade Indígena Terena) 029 / 2000.

ÀS EMBAIXADAS / Exmo. Sres. EMBAIXADORES;

ASSUNTO: PEDIDO DE SOCORRO;

BRASÍLIA – DF.

NESTA;

RECEBI. EM 23.05.2000. Emb.

Sres. Embaixadores;

Vimos pelo presente, colocar-lhes a par da grande angústia que vivemos nós os terenos aqui Brasil, onde nascemos e vivemos em paz parcial até 17 Anos atrás, quando forçados pelo espaço reduzido em nossa reserva, nos vimos forçados a mudarmos para o Estado de Mato Grosso, onde até 01 ano atrás vivíamos na periferia e em regime de peregrinação, para podermos sustentar nossos filhos. Brigamos muito para termos um pedaço de terra, que para nós tudo significa, pois é onde enterraremos os nossos idosos, e educaremos nossos filhos, cuidando para que o pouco de nossas culturas que ainda nos resta seja-lhes repassado, bem como nossos rituais, crenças, culturas e danças. Nas brigas que iniciamos, muitas vezes saímos perdendo, pois tínhamos às vezes que passar a noite nas estradas, correndo o risco eminente de sermos atropelados, e até mortos por caminhoneiros e autoridades locais, que não entendiam o que significa ser no Brasil, um povo indígena sem terra, eles não entendem que muitas vezes, forçadas pela dor e sofrimento, nossas filhas e filhos fazem de tudo para se adequarem à sociedade do homem branco, para fugirem da vergonha de ser um índio sem raiz e cultura. Conseguimos portanto, com o passar dos tempos, uma vitória parcial, pois o Governo nos colocou provisoriamente em uma área, com a promessa de que muito breve iriam adquiri-la em definitivo, o que infelizmente, já se arrasta por um ano e está parado no sistema burocrático e na falta de vontade política de nossos governantes.

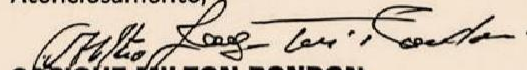
Não entendemos, como um país que gasta mais de **60 milhões de reais** com publicidade para divulgar os 500 anos de nosso flagelo, e **R\$ 3.800.000,00** em uma réplica de navio, que sequer salu do lugar, tornando-se motivo de piada internacional, pode colocar tanta dificuldade em conseguir recursos para comprarem a nossa terra, que esta avallada em apenas **R\$ 2.495.000,00**, e que é de vital importância para a nossa sobrevivência. Por isto estamos recorrendo aos Sres., pois não temos mais como confiar em nossos dirigentes, que no nosso entender só querem que nós povos indígenas sejamos exterminados, e mais forte ficou a nossa convicção disto, ao sermos convidados para a festa dos 500 anos, e mais uma vez sermos recebidos a bala e bombas, não importando o Governo nem seus comandados, se estariam ferindo velhos e crianças. Mas o povo indígena, mais uma vez mostrou o quanto somos humildes e simples, como foi o caso do jovem **GILDO JORGE**, que é

membro de nossa aldeia, e tem apenas 18 anos, e que em um ato de coragem enfrentou de joelhos a truculência da polícia Balana, pedindo que não atirassem pois estavam ferindo seus irmãos, mas ao invés de ser ouvido, foi agredido com uma coronhada de escopeta no rosto, e pisoteado por todos os policiais ali presentes (veja cópia de fotos em anexo).

Diante dos fatos relatados, estamos pedindo aos Sres. Que nos socorram, pois estamos colocando agora a nossa esperança em nossos irmãos de outros Países, somos sabedores do quanto os seus Governantes e autoridades levam a sério a preservação do meio ambiente, e este meio ambiente só é completo, se ainda restar os seus guardiões nativos, que somos nós os povos Indígenas. Gostaríamos muito de expor-lhes pessoalmente os nossos problemas, indo até os vossos países e mostrar ao mundo o quanto sofremos, mas não temos como fazer-lo, por isto precisamos da ajuda dos Sres., para que nosso grito de Socorro possa se fazer ouvir por todos, sabemos que com a ajuda dos Sres., poderemos comemorar de fato os 500 anos, tendo onde plantar e cuidar de nossas famílias.

Estamos ainda fazendo uma peregrinação pelos gabinetes dos Sres. Deputados Federais aqui em Brasília, com o objetivo de conseguir comprar agasalhos, cobertores e colchões para a nossa comunidade, já que o frio se aproxima em nosso estado, e nosso povo esta acampado em barracos de palha e sem o mínimo possível de recursos para comprar tais itens, como estamos longe de conseguir nosso objetivo, pedimos também a colaboração dos Sres., caso possam e queiram nos ajudar, é só depositarem qualquer quantia na conta abaixo a seguir, que é de um amigo que esta colaborando conosco: Agência **2970-X / conta 5.939-0**. Todo contato que os Sres. Quiserem Ter conosco, devem ser feito através do Telefone **(014) 65 - 426 - 1680**, com o Sr. CÉSAR CARNEIRO, que também é nosso colaborador. Certos que somos de contar com a vossa colaboração, desde já agradecemos, rogando a Deus que os abençoe e ilumine.

Atenciosamente;



CACIQUE MILTON RONDON
RG. 33787 - Funai - Min. Justiça.

Elis Jorge Rondon

Osias Legião



Fonte: Povo Terena MT. *Ofício enviado ao Embaixadores*, 2000. Acervo familiar de Milton Jorge Turi Rondon. Arquivo do pesquisador (2025)

Comentário pedagógico: O contato direto dos alunos com os documentos históricos da comunidade Terena MT possibilitou uma experiência formativa fundamental. Ao manusear atas, ofícios e registros das mobilizações entre 1998 e 2002, os estudantes desenvolveram uma leitura mais apalpável e crítica dos fatos. A aproximação permitiu que reconhecessem a organização política, os desafios enfrentados pelas lideranças e a importância dos registros oficiais na luta por território. A atividade contribuiu para fortalecer o entendimento de fontes primárias e investigativo na sala de aula.

Registro de documento 3 – Análise da Ata da Assembleia (2000)

Ata da Assembleia Ordinária

Da Associação de Trabalhadores Indígenas
Ricanto Pontal povo indígena Guana ATIRPT

Nos quinze dias do mês de agosto, ^{de 2000 (dois mil)} às 9:30 nove horas e trinta minutos, deu início a quinta Assembleia Ordinária, para tratar dos assuntos de interesse da comunidade. O assunto em pauta que foi presidida pelo presidente da ATIRPT Milton Rondon. Viemos sofrendo pela sociedade branca, uma discriminação que vem a longo dos tempos, classes imperialistas, universidade e muitas organizações governamentais e não governamentais.

Este assunto foi discutido tomando várias horas com algumas lideranças ao tomar o conhecimento quando o mesmo presidente abordou como exemplo a música que a cantora e apresentadora de televisão da imprensa globo que todos conhecem como Xuxa. Explicou Milton Rondon!

Que a música disse 1º quando o ator usa o nome do índio e faz um grito.

Milton Rondon faz a pergunta a comunidade?

José Filho levanta-se e diz: "Este grito é como de deboche as nossas nações indígenas".

O líder veterano Hélio Kuri Rondon de 65 anos interrompeu a fala e disse: "vós estão ferindo os nossos princípios tradicionais e culturais, precisamos fazer alguma coisa neste sentido."

conselheira da Catarina Jorge: "Vamos pedir que a justiça repare nossos direitos no Estatuto do Índio".

Milton Rondon percebeu que as lideranças ficaram indignado com a discriminação, e todo o resto da comunidade.

Milton Rondon fez uma colocação para a comunidade neste momento; vamos procurar apoio jurídico e entrar na justiça, ou seja, mover uma ação indenizatória para os tais acontecimentos, disse mais, conheço um advogado diante da autorização da comunidade e da liderança vai trazê-lo para nos apoiar como nosso departamento jurídico, Doutor Cival Filho e Doutor Cival Rohl Moura de Castilho Filho e foi aceito pela comunidade, como apoio jurídico desta associação.

Após desta aprovação foram discutidos vários assuntos como, preservação da cultura original, discriminação, direitos alterais e também cria dos vários departamento para facilitar a administração em conjunto.

1: Transporte, saúde, educação, turismo, cultura, preservação ambiental, segurança, esporte.

Foram eleitos os diretores para assumirem os respectivos cargos, e deu por encerramento da reunião por volta das 13:30 hr.

Eu secretária lavei esta ata e todos os presentes da reunião.

Cacique: *Milton Rondon*
Domande Vilaine Albuquerque sec.
 Crenio Reginaldo - 2º Vice
 Elton Jorge Rondon
 Juliana Rondon

Catarina Jorge

Servino Martins

Jose Filho Roberto

Fonte: Povo Terena MT. Ata da Assembleia Ordinária, 2000. Acervo familiar de Milton Rondon. Arquivo do pesquisador (2025)

Comentário pedagógico: A leitura individual e coletiva dos documentos proporcionou aos alunos diferentes formas de compreender e interpretar a

história do nosso povo Terena de Mato Grosso. No trabalho individual, cada estudante explorou o material no seu ritmo. No entanto, a leitura coletiva permitiu diálogo, trocas e construção conjunta do conhecimento e compreensão melhor dos textos. Assim, favoreceu percepção crítica sobre o processo histórico de sobrevivência do povo Terena MT

Registro de documento 4 – Análise da Ata da Assembleia 2001

Ata de Assembleia da Comunidade Terena

Aos dias 25 de Julho, de 2001, às 9:00 horas, reuniram-se na Chacara Lago Azul, no km 115 da BR 163, a Comunidade Indígena Terena, composta por 75 famílias e 295 pessoas, entre crianças, mulheres e adultos, onde foi lavrada a presente Ata.

A pauta de reunião trata da luta de mais de 19 anos da Comunidade Terena, reconhecida oficialmente como de Mato Grosso, por uma área de terra para plantar, viver e criar suas famílias. Nos últimos 4 anos a comunidade espera em áreas na periferia da cidade, mas apesar de muita luta, até o momento só existe papel e promessas do governo.

A reunião foi aberta pelo cacique Milton Rondor, que destacou o abandono a que a comunidade passa por parte do governo federal, Funai e Inera. Destacou o abandono na periferia da cidade, passando a comunidade por discriminação racial; do prejuízo pela não produção agrícola e pecuária; pela perda da cultura original pelo contato indiscriminado com os brancos; Estão matando nós no carmaço, no desprezo, na angústia desta espera por anos e anos. Lembrou a miséria nestes últimos anos, sem dinheiro para comprar roupas e utensílios domésticos;

Neste momento, levantou e pediu a palavra um líder Terena de 65 anos, que invitado falou que na verdade, nós índios, estamos sendo mas-

...acordados, quer dizer que nós não somos gente,
estou irritado, muito irritado...

Interrompeu neste instante uma idosa de
58 anos, que diz que não somos gente feita
para morrer a mingua, que o governo tem que
pagar para nós comprar roupas, coisas pros ve-
nhos e crianças. Precisamos advogado cobrar go-
verno nossos direitos.

Neste momento, o cacique Milton Rondon pediu
a palavra para que falasse o vice cacique Cirênio,
que disse: Precisamos resolver de qualquer jeito
nossa situação, tanto da área de Terra, quanto
de dinheiro para reformar os barracos e indenizar
a comunidade pelos últimos anos vivendo na
miséria e em terrenos alheios na periferia.

O cacique Milton Rondon pediu então
autorização ao conselho tribal e a comunidade
para contratar um advogado para abrir um
processo de indenização para a comunidade
indígena.

Foi então colocado em votação o pedi-
do do cacique, o qual foi aprovado por una-
nimidade, ficando assim o cacique autori-
zado a contratar um advogado para ini-
ciar um processo de indenização contra a
Funai e o governo federal pela situação
terena.

Continua fls. 3

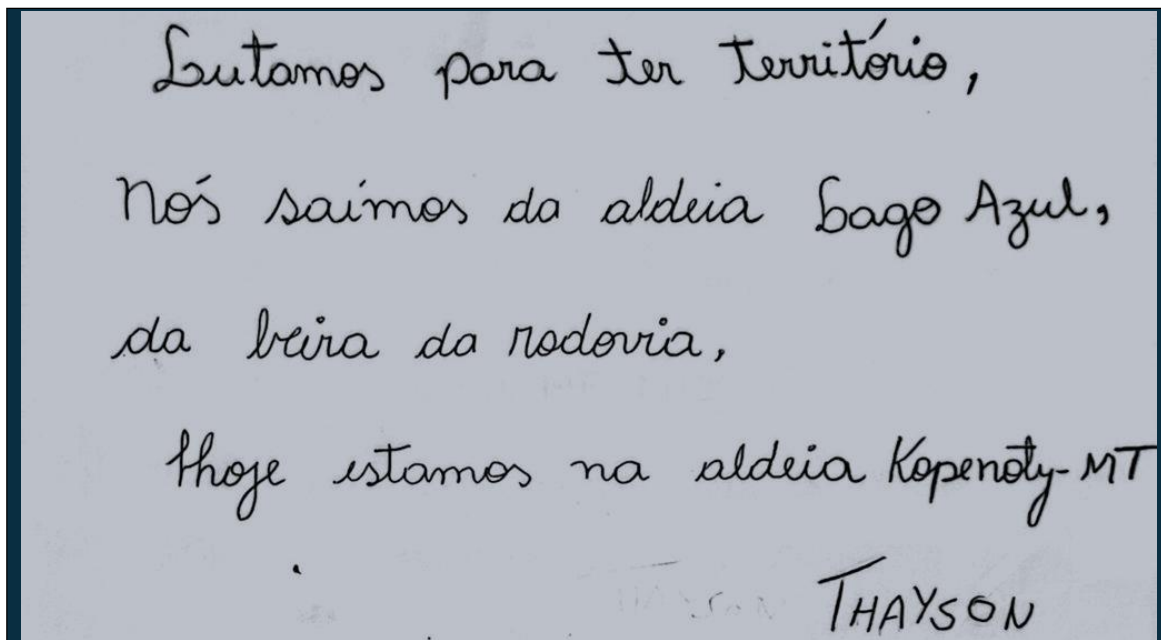
Fonte: Povo Terena MT. *Ata de Assembleia comunidade Terena*, 2001. Acervo familiar de Milton Jorge Turi Rondon. Arquivo do pesquisador (2025).

Comentário pedagógico: Após estudos dos documentos, os alunos produziram textos mostrando a capacidade de interpretação dos registros oficiais em textos curtos e compreensíveis. As produções mostraram que os estudantes conseguiram identificar temas centrais, como reivindicações territoriais, articulação das lideranças e dificuldades enfrentadas durante a luta.

A atividade foi organizada em três etapas: A) leitura individual dos documentos, para que cada aluno tivesse seu próprio tempo de observação e interpretação. B) leitura coletiva, diálogo, escuta e debate para compreensão

conjunta. C) produção textual, na qual estudantes reescreveram, interpretaram e explicaram trechos importantes, transformando documentos oficiais em conhecimentos em sala de aula.

Produção Escrita 1 – Texto interpretativo do estudante Thayson Vitorino

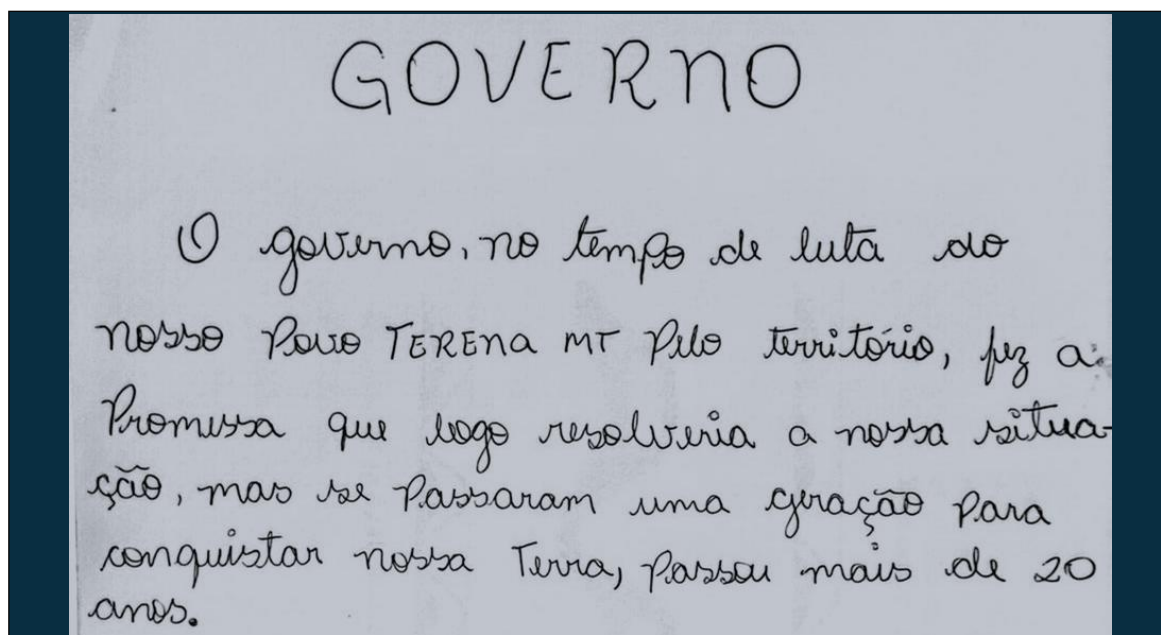
A photograph of a piece of paper with handwritten text in black ink. The text is written in a cursive, slightly slanted script. It reads: 'Lutamos para ter território,' followed by 'Nós saímos da aldeia Lago Azul,' then 'da beira da rodovia,' and finally 'hoje estamos na aldeia Kopenoty-MT'. At the bottom right, the name 'THAYSON' is written in all capital letters. The paper is placed on a dark surface.

Lutamos para ter território,
Nós saímos da aldeia Lago Azul,
da beira da rodovia,
hoje estamos na aldeia Kopenoty-MT
THAYSON

Fonte: Produção textual, aluno Thayson Vitorino, 3º ciclo, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025)

Comentário pedagógico: O aluno Thayson Vitorino apresentou um texto descritivo, destacando os nomes das aldeias Terena MT. A primeira Lago Azul, comunidade que o nosso permaneceu em Rondonópolis – MT, na beira da BR – 163. E, a outra que o estudante menciona é a atual comunidade, onde está localizada a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, a aldeia Kopenoty, município de Peixoto de Azevedo, norte do estado de Mato Grosso.

Produção Escrita 2 – Texto interpretativo do estudante Gustavo Alcântara



Fonte: Produção escrita do estudante Gustavo Alcântara, 3º ciclo, E. E. I. Elio Turi Rondon Terena (2025)

Comentário Pedagógico: O aluno Gustavo Alcântara da turma do 3º ciclo do ensino fundamental, enfatizou a dimensão humana da luta do povo Terena de Mato Grosso. O estudante ressalta em sua produção textual que teve que passar uma geração lutando por um território, mais de 20 anos. As lideranças e as famílias Terena fizeram muito esforços em protestos contra o governo para garantir nossas comunidades no Norte do estado de Mato Grosso.

Texto para leitura

HISTÓRICO DE MIGRAÇÃO DAS FAMÍLIAS TERENA DO MS PARA O MT (1982–2002)

Para apresentar como foi a saída do povo Terena de Mato Grosso busco a escrita de texto, apresentado pelo professor Antonino Reginaldo Jorge (2025), elaborado especialmente para o teatro Patrono da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena. Complementado com a pesquisa do professor Terena, Micael Turi Rondon publicado em (2022), intitulado “História em Quadrinhos no Ensino de Língua Portuguesa na Escola Komomoyea Kovoêro – Terena MT”. E também com o Relatório ata documental III Assembleia Geral do povo Terena MT (2025). Consultores nativos, Eliel Jorge Rondon (2025), Cirênio Reginaldo Francisco (2025).

Textos para leitura

Texto 1.

A narração do texto feita por professor Antonino Reginaldo no teatro Patrono, grupo de trabalho Hanaiti (2025).

Saída do povo Terena de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso

Em 1882 saiu a primeira família de Mato Grosso do Sul para o estado de Mato Grosso em busca de uma nova área para morar e sobreviver. As primeiras famílias que saíram em busca de novas terras foi a família do senhor Hélio Turi Rondon e juntamente com sua esposa Catarina Jorge, filhos e genros. Por volta de 16 de agosto de 1882 deslocou o senhor Hélio Turi e sua esposa Catarina Jorge para o Mato Grosso em busca de um novo lugar para sobreviver.

Por falta de recursos financeiros naquela época ficaram na casa do índio em Cuiabá. Hoje atualmente (CASAI) Casa do Índio, como é conhecido atualmente. Hélio Turi conheceu o ancião Hermes Borobó em memória e o mesmo convidou para morar juntamente com a sua família numa aldeia Bororo, os dois se tornaram grandes amigos e então Hélio levou sua família para morar na aldeia Pobore, Terra Indígena Tadarimana no município de Rondonópolis Mato Grosso.

O tempo foi passando as lideranças Bororo da época reuniram se com as lideranças Terena pediram as mesmas que saíssem de sua terra de suas áreas e logo assim se sucedeu. A saída dos Terena não foi só por causa do plantio, mas também por culturas diferentes, choque cultural. Os mesmos foram impedidos de plantar e tiveram que abandonar suas roças e perderam parte da produção de algodão, feijão de corda, arroz, abóbora e abacaxi. O povo Terena ficou na terra dos bororos de 1882 até 1990.

No período entre março 1998 a dezembro de 2002 foram feitos vinte e cinco protestos na BR 163 e BR 364. Os mesmos protestos, com o intuito pressionar governos para conseguir uma área aqui em Mato Grosso. E assim que foram feitas conversas entre as lideranças Terena da época. Milton então foi em busca de mais guerreiros, onde entra nesse momento a liderança do cacique Cirênio Reginaldo que veio de Mato Grosso do Sul juntamente com várias famílias para iniciar um protesto, bloqueios de BRs para que viesse acontecer a aprovação, a conquista de uma nova área aqui no Mato Grosso.

Em cada protestos, observava se o seguinte, havia os líderes espirituais, Antônio Jorge, Aristide Gomes em memória, enquanto os bloqueios já aconteciam nas BRs, os mesmos se retiravam a distância pequena e ali começa a orar. Orando pelo movimento do povo Terena. E a cada protesto, a cada bloqueio, sempre aparecia jornalistas das tvs, Globo, SBT, Bandeirantes da época, com entrevistas. Rádio da época entrevistando os líderes, caciques Milton e Cirenio Reginaldo.

Os Terena tiveram muita dificuldade, sofreram muito, mas sempre tiveram o suficiente, alimentos água para o sustento nesses momentos difíceis. Nesses protestos na BR 163 e 364, os caminhoneiros como forma de protesto também buscavam confrontar os guerreiros Terena, mas as mídias, tv, rádios da época e a Polícia Federal estavam sempre presentes e apaziguava os guerreiros daquele tempo. Depois de muitas promessas dos governos para o povo Terena de Mato Grosso. Depois de muito tempo, muitas lutas, chegou então a notícia tão esperada. Durante duas décadas de lutas de sofrimento, morando em periferias de Rondonópolis acampando em barracos de lona à margem da BR. Os Terena com muita luta, muita garra, sofrendo com suas famílias, com sofrimentos desumanos enfim, conquistaram a tão sonhada área por terra para viver com seus familiares ao norte do Mato Grosso.

E no final de 2002 no mandato do então presidente Fernando Henrique Cardoso, em 22 de dezembro, houve então uma notícia na qual o Ministério da Justiça havia provado, a questão sobre a terra dos Terena aqui no Mato Grosso. E no ano de 2003, os Terena saíram de Rondonópolis para União do Norte, no norte do Mato Grosso. E para esta saída foram contratados ônibus, caminhões para levar as mudanças dos Terena para a nova terra. Chegando aqui, em União do Norte, já no município de Peixoto de Azevedo. Em fevereiro de 2003, muita chuva. E os mesmos não tinham casas, não tinham residências. Então, a pedido do povo Terena, ao prefeito da época Assis Tenório na qual cedeu uma área perto da União do Norte, à 5 km. Hoje, atualmente, aldeia Kopenoty.

E ali então, já tinha sido feito um plano para que fosse construído várias casas. Até que então, os mesmos ficaram em barracões, alugando casa em União do Norte, até que as casas foram construídas e assim hoje vivem aqui na aldeia Kopenoty muitas famílias, enquanto que outros foram para as três aldeias Turipuku, Inamaty Poke'e e Kuxonety Poke'e, onde vivem atualmente. *Teatro apresentado, Grupo Hanaiti, realizado em 27 de novembro de 2025.*

Análise:

O texto 1, apresenta visão macro. O texto reconstrói a trajetória histórica da migração Terena de Mato Grosso de forma linear, destaca momentos essenciais: saída de Mato Grosso do Sul em 1982, convivência com o povo Boe Bororo, conflitos culturais, deslocamentos sucessivos, sofrimento urbano município de Rondonópolis – MT, fechamento das rodovias BR - 163 e finalmente a conquista do território, ano de 2002.

O ponto forte desse texto é o caráter narrativo, que facilita o entendimento dos estudantes. Ao transformar a história em peças de teatro, dividido em etapas. A estratégia permitiu que os estudantes vivenciassem cada momento de história na prática.

O texto também demonstra personagens importantes para história Terena MT: Hélio Turi, Hermes Borobó, Milton Rondon e Cirênio Reginaldo, que se tornam referências para a prática pedagógica.

Texto 2

Entrevista realizada com cacique Cirênio Reginaldo na aldeia Kuxonety Poke'e, em (2025).

Noventa e oito. Eu entrei em contato com ele, porque ele estava ligando pra lá. O Milton né. Para saber se alguém queria vir, queria somar com eles a luta ali. Porque ele estava bem adiantado, já tinha área em vista, INCRA tinha reunido com eles, com aquelas famílias Terena que estava ali, né.

Aí quando foi noventa e oito, eu entrei em contato, fiquei sabendo que ele ligou para os primos dele, o Rubens, outros. O tio Zé, o tio dele, né. E eles não aceitavam vir para cá, porque já tinham vindo e viu como que era difícil e voltaram para lá depois, né. Então eu falei, mas vou ligar para o Milton. Aí Josias, meu irmão trabalhava no posto, onde tinha um único telefone e orelhão na época de contato, né. Noventa e oito. Eu fui lá liguei para o Milton. Aí ele me atendeu no outro dia, ele marcou outro dia, tinha que marcar, agendar o horário. Ele ligou lá, eu estava lá esperando. Aí ele falou Cirênio, nós temos e queremos achar parceiro, companheiro ele falou, né. É, nós estamos numa luta sobre a terra, e nós temos três fazendo em vista. INCRA, mostrou. Querendo mostrar para nós. Só que está muito enrolado, muito morosidade do governo. Ele falou, né, do INCRA, da FUNAI. Então, se você pudesse ir somar com nós. Eu vim outubro, ver eu, Aristides e Angélica. Não, em setembro. Eu vi aí, reuni com Milton e algumas famílias que estavam ali, Tio Hélio, sobrinho dele né. E, Eliel. E aí eles contaram para nós, como é que estava. *(Cirênio Reginaldo, entrevista concedida 17 de abril de 2025).*

Análise:

O texto 2, apresenta uma visão interna e afetiva. A entrevista traz detalhes íntimos e pessoais do processo de luta territorial, as chamadas telefônicas, mobilização de mais famílias Terena para fortalecer Milton em Rondonópolis, crítica à morosidade do INCRA e FUNAI.

O texto trás o ensinamento sobre as alianças que sustentaram a luta. Na prática pedagógica, permitiu aos alunos compreenderem a dimensão da luta, o esforço coletivo das famílias Terena MT, o papel decisivo dos líderes Milton Rondon e Cirênio Reginaldo e estratégias políticas usadas entre 1998 à 2002.

A seguir o relatório de prática pedagógica dividido em 5 partes. Atividade 1: Representações Históricas e Teatro; (registros visuais da atividade). Atividade 2: Desenhos Históricos e Linhas do Tempo; (evidências visuais da aprendizagem). Atividade 3: Xumonó e Sukirikionó na Prática Escolar; (registros da organização social e das cores culturais). Atividade 4: Grafismos Terena MT; (produções artísticas e significados culturais). Atividade 5: Documentos Históricos e Produção Escrita; (material documental e escritas produzidas).

ATIVIDADE 2 – REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS E TEATRO

Registros visuais da atividade

Registro Teatral 1 – Representação de Milton e Cirênio pelos estudantes



Fonte: Fotografia particular do autor (2025)

Comentário pedagógico: A imagem mostra os estudantes dando vida às lideranças que marcaram a história Terena MT. Cacique Cirênio Reginaldo e Milton Jorge Turi Rondon na luta pelo território, o uso das cores vermelho (Sukirikiono) e azul (Xumonó) conecta o teatro a metade Terena, personalidade

da cultura Terena MT. A encenação permitiu que os jovens internalizassem os papéis das lideranças, compreendendo como Milton e Cirênio agiram durante os bloqueios de 1998 à 2002.

A representação do cacique Milton Rondon feita por Gustavo Pinheiro estudante do 1º ano do ensino médio. E representação do cacique Cirênio por Gustavo Alcântara, estudante do 3º ciclo ensino Fundamental.

Registro Teatral 2 – Dramatização do Bloqueio da BR-163



Fonte: Fotografia particular do autor (2025)

Comentário pedagógico: Nesta cena, os estudantes recriam um dos momentos mais marcantes da luta pelo território. A dramatização do bloqueio das rodovias BR – 163, ajudou os alunos a entenderem, a coragem do povo Terena de Mato Grosso, dificuldades enfrentadas, relação com mídia e governo,

importância dos líderes espirituais (Antônio Jorge e Aristide Gomes) nas mobilizações.

Assim o teatro tornou a história viva e de grande impacto na vida dos estudantes e ouvintes comunidade Kopenoty Terena MT.

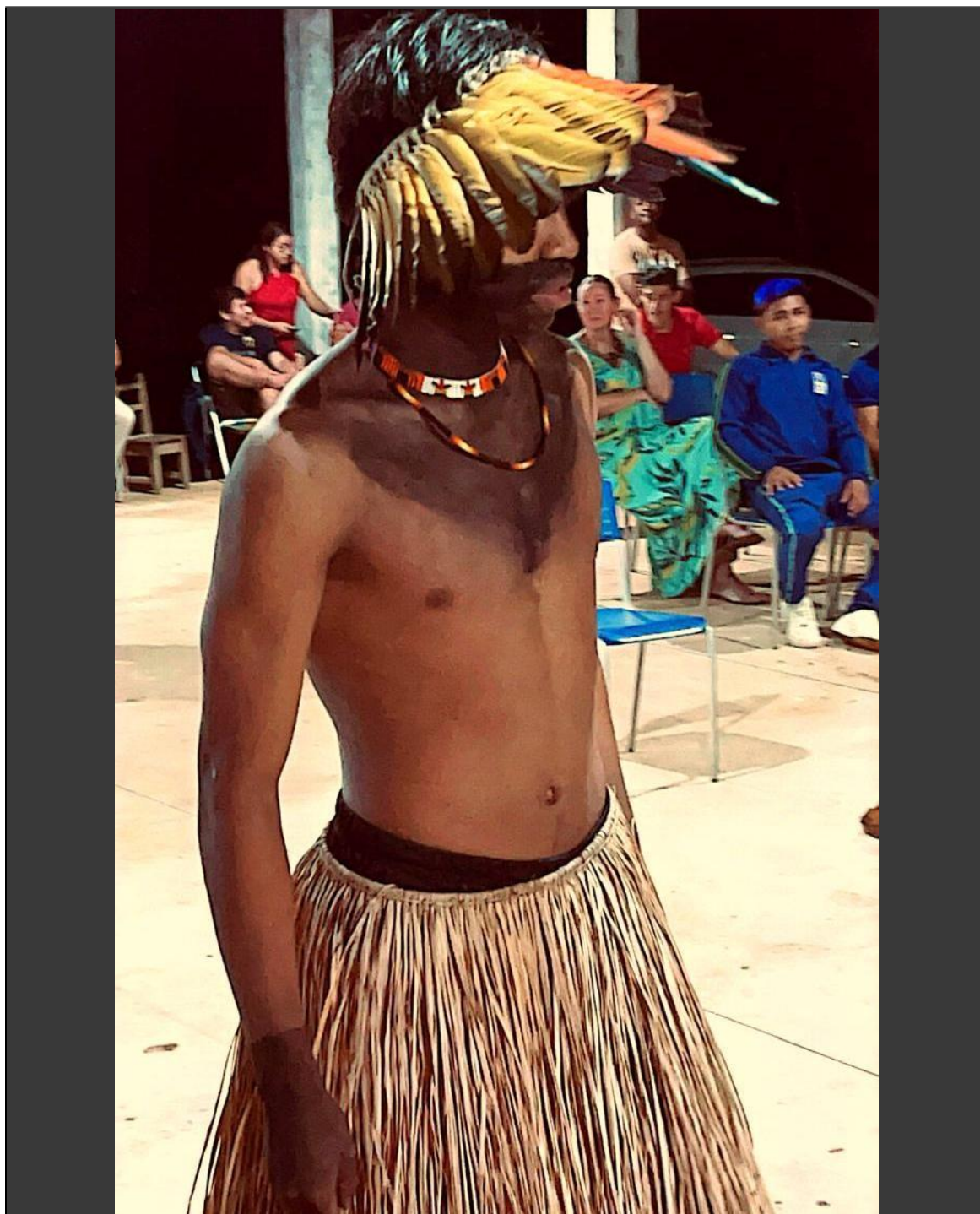
Registro de Teatro 3 – A família de Hélio Turi



Fonte: Fotografia particular do autor (2025)

Comentário pedagógico: Este registro da cena do teatro, conectou os estudantes a vivenciar na prática a chegada da primeira família Terena no estado de Mato Grosso. Esta parte reforça a importância de situar-se das origens do processo migratório

Registro de Teatro 4 – Representação de Hermes Borobó



Fonte: Fotografia particular do autor (2025)

Comentário pedagógico: A imagem faz representação do povo Boe Bororo. Para além de um simples registro, mostra o período que o povo Terena MT e Boe Bororo teve momentos próximos de contato.

O registro também representa que constituição Terena MT passou por uma relação interétnica de (casamento, empréstimo linguístico). A vivência foi fundamental para a sobrevivência Terena entre 1882 à 1990.

Registro de Teatro 5 – Cena da negociação com o prefeito Assis Tenório



Fonte: Fotografia particular do autor (2025)

Comentário pedagógico: Os alunos compreenderam como decisões políticas influenciaram a criação da Aldeia Kopenoty MT. A cena ensina sobre negociação, poder público e direitos à território que foi muito importante para o povo Terena MT, no município de Peixoto de Azevedo.

Registro Teatral 6 – Personagens centrais da migração Terena MT



Fonte: Fotografia realizada pelo autor (2025)

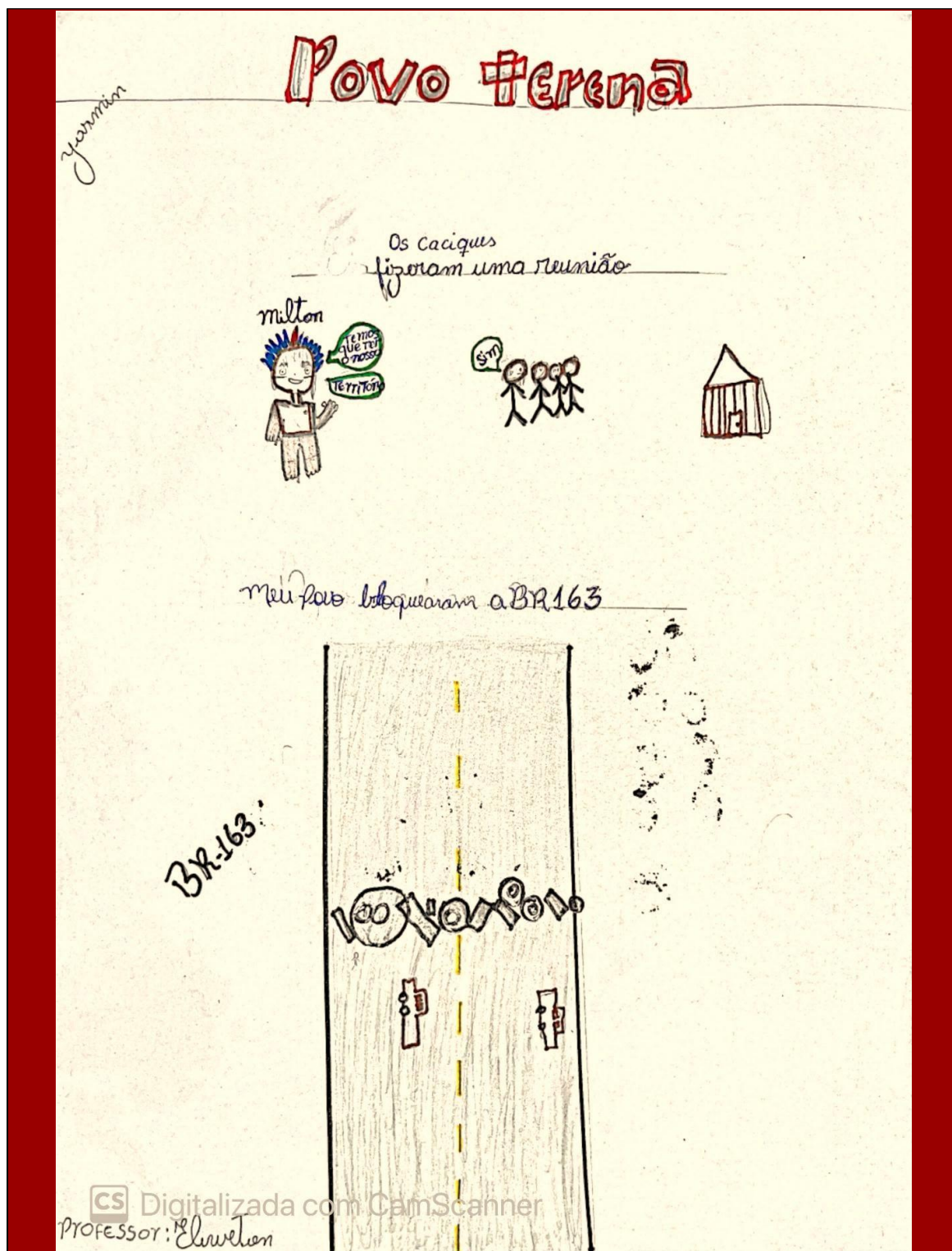
Comentário pedagógico: A colagem de nomes importantes, e que são lembrados sempre pelo nosso Terena MT, a didática aplicada ajudou organizar visualmente, uma forma de facilitar a compreensão de nomes e lugares que marcaram a vida do povo Terena MT. A aplicação deste trabalho ajudou o desenvolvimento das competências desta pesquisa, identificando os personagens históricos, Milton Jorge Turi Rondon e Cirênio Reginaldo.

ATIVIDADE 3 – DESENHOS HISTÓRICOS E LINHAS DO TEMPO

Objetivo: Interpretar e representar visualmente a trajetória do povo Terena em Mato Grosso.

Evidências Visuais da Aprendizagem

Ilustração Histórica 1 – Bloqueio da BR-163

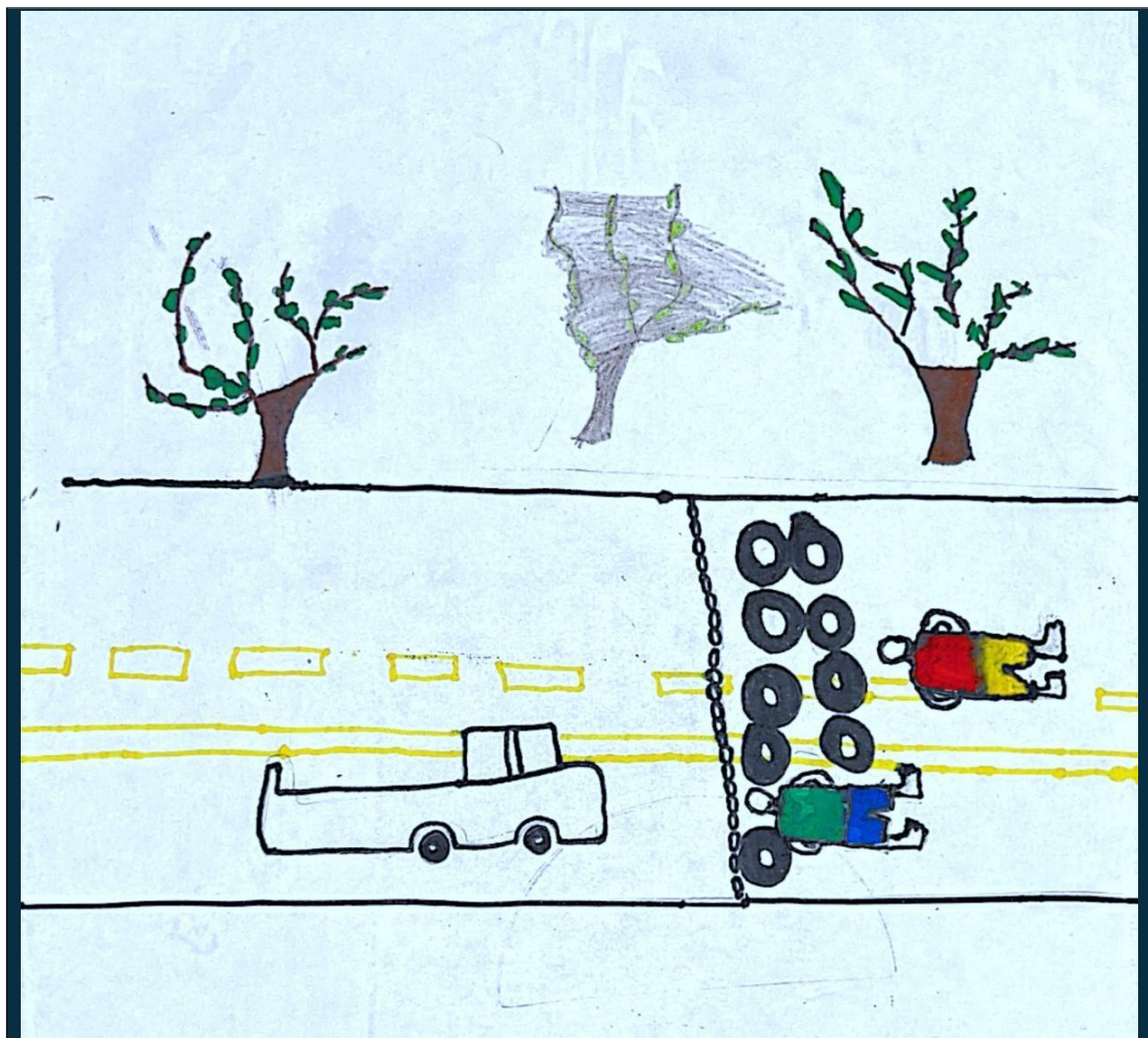


Fonte: ilustração produzida pela aluna Yasmim Ares – aluna 4º ciclo, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025)

Comentário pedagógico: O desenho da aluna Yasmim da turma do 4º ciclo ensino fundamental, mostra a compreensão sobre táticas, estratégias Terena MT

utilizadas para reivindicar território contra o governo. Ela representa os caminhões, faixas, clima de tensão e diálogos entre o cacique e a comunidade. Esta pedagogia utilizada aproximou os jovens da história vivenciada pelos seus familiares (pais, avós, tios), os mais velhos.

Ilustração Histórica 2 – Fechamento de rodovia

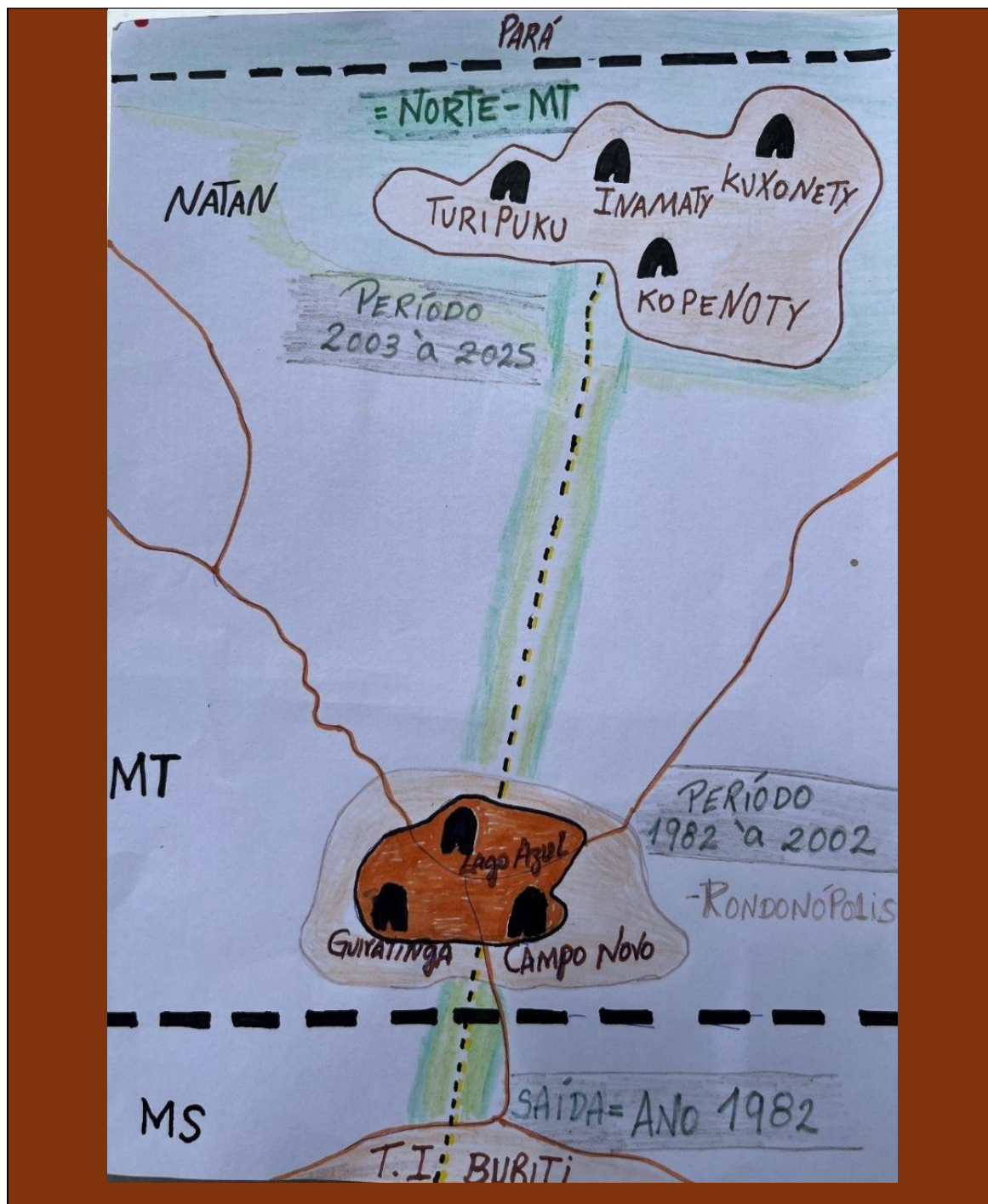


Fonte: Ilustração produzida pelo aluno Natan Itariã, 2º ciclo, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025)

Comentário pedagógico: O trabalho do aluno representa com clareza o fechamento das rodovias como forma de reivindicação pelos direitos territoriais. Ao ilustrar pessoas, carros e a interrupção da passagem, o estudante demonstra que assimilou a importância da estratégia de luta utilizada pelas lideranças Terena MT entre 1998 e 2002. Pedagogicamente, o desenho mostra que Natan Itariã transformou o conhecimento histórico em representação visual. O aluno

percebeu que o bloqueio foi um marco de resistência e persistência do povo Terena de Mato Grosso.

Linha do Tempo Visual 1 – A saída Terena de MS para MT



Fonte: Linha do tempo ilustrada produzida pelo aluno Natan Itariã, sobre a saída do povo Terena de MS para MT. Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025)

Comentário pedagógico. O aluno organiza os períodos entre anos 1982 a 2025 de forma clara. A linha do tempo mostra a convivência com o povo Boe Bororo, saída para periferias de Rondonópolis – MT, bloqueios das rodovias,

chegada ao Distrito União do Norte e fundação das aldeias, Kopenoty, Turipuku, Inamaty e Kuxonety. É uma demonstração da compreensão da história Terena MT.

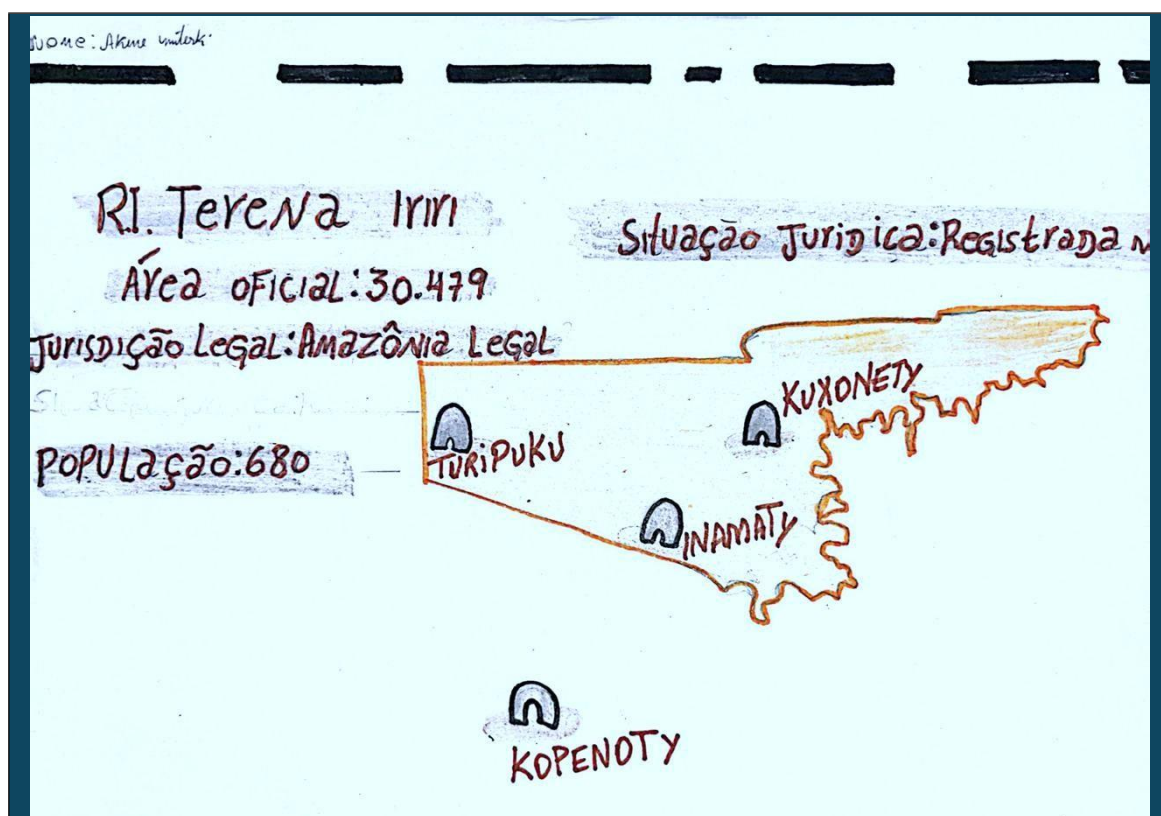
Ilustração Geográfica 1 – Origem das famílias no MS



Fonte: Ilustração geográfica elaborada pela estudante Akene Mileski Jorge, demonstrando a origem das famílias Terena MT, na Terra Indígena Buriti – MS.

Comentário pedagógico: O desenho expressa a origem das aldeias de onde saíram as famílias Terena que se encontra no estado de Mato Grosso. Mostra que a identidade Terena MT, surge de famílias de várias aldeias e regiões do Mato Grosso do Sul.

Ilustração Geográfica 2 – As quatro aldeias Terena no norte de Mato Grosso



Fonte: Ilustração geográfica elaborada pela estudante Akene Myleski Jorge, existência de 4 aldeia Terena no norte do estado MT

Comentário pedagógico: O desenho da aluna Akene Jorge mostra a consolidação do território Terena no norte do estado, após a conquista da luta, as aldeias; Kopenoty, Turipuku, Inamaty e Kuxonety. A aluna demonstra compreensão do espaço geográfico e a única aldeia fora da reserva Terra Indígena Terena Iriri é a comunidade Kopenoty.

ATIVIDADE 4 – XUMONÓ E SUKIRIKIONÓ NA PRÁTICA ESCOLAR

Objetivo: Reconhecer, vivenciar e representar as metades culturais Terena na prática com os estudantes da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena.

Organização Social Cultural Terena MT

Para compreender a história e a organização social do povo Terena de Mato Grosso, busco importantes autores consolidados da tradição etnográfica que analisaram diferentes aspectos da vida sociocultural Terena, a principal neste trabalho os significados das palavras Xumonó e Sukirikionó e suas ações

dentro do povo Terena de Mato Grosso, considero também as cores azul e preto (Xumonó) e vermelho e branco (Sukirikiono), que terá muitos significados.

Destacam-se os trabalhos de Roberto Cardoso de Oliveira (1965-1966), *O dualismo Terena, que analisa as metades clânicas Xumono (bravo) e Sukirikiono (manso)*, Roberto Cardoso de Oliveira (1976), que em *Do índio ao bugre* discute os processos de assimilação cultural as implicações do contato interétnico; de Herbert Baldus (1935), na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, ao tratar da sucessão hereditária dos chefes Terena, interpretando os aspectos centrais da liderança tradicional; de Fernando Altenfelder Silva (1949), em *Mudança cultural dos Terena*, que aborda as transformações culturais advindas do contato com a sociedade ocidental; e de Paulo Augusto Mário Isaac (2004), que em sua tese *Modo de existir Terena na comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso* traz uma leitura contemporânea sobre as estratégias de permanência cultural ‘transpermanência’ e a reorganização social dos Terena de Mato Grosso.

Registros da Organização Social e das Cores Culturais

Registro Cultural 1 – Encontro dos estudantes (Xumonó e Sukirikionó)



Fonte: Fotografia particular do autor (2025)

Comentário pedagógico: A fotografia é de um momento com os estudantes da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, 2º semestre ano letivo (2025). Onde o pesquisador faz um registro no meio dos alunos antes de iniciar atividades recreativas ligadas as cores Xumonó (azul) e Sukirikionó (vermelho). As equipes trabalharam com atividades recreativas que reforçam identidade do povo Terena MT: brincadeiras, cooperação e comportamento. A divisão foi feita conforme a características comportamental de cada aluno, fitas azuis e vermelhas para ajudar se localizar culturalmente.

Contei com a colaboração da professora Nilce Alcântara trazendo atividades recreativa e competição de jogos entre as equipes Xumonó e Sukirikionó.

Registro Cultural 2 – Grupos culturais formados na escola



Fonte: Fotografia particular do autor (2025)

Os alunos foram separados aos grupos Xumonó e Sukirikionó, conforme seu comportamento cultural, calmos e tranquilos com a fita vermelha. Os de personalidades mais agitados com a fita azul. O Xumonó e Sukirikionó são metades Terena distinta, personalidade cultural envolvendo a mente, emoção e físico e que no final se complementam.

São interpretadas como referências estruturantes da identidade Terena.

Registro Cultural 3 – Uso das cores no Patrono (Bolo cultural)



Fonte: fotografia particular do autor (2025)

Comentário pedagógico: A Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena utilizou símbolos culturais Terena MT no Patrono (2025), referenciando ao Xumonó e Sukirikionó, cor azul e vermelho.

Reforçando a importância das cores culturais aos alunos e para comunidade Kopenoty.

Registro Cultural 4 – Grupo Resenha (Xumonó)



Fonte: Fotografia de Antonino Reginaldo (2025)

Comentário pedagógico: A formação do Grupo Resenha, representou a metade Xumonó, cor (azul). Liderados pelas professoras Nilce Alcântara, Jussara Roberto Firmo, Marli Delfino e Joel Mário. É, importante estar reforçando na prática, principalmente no ambiente escolar. Fortalecer o entendimento dos estudantes sobre noção de pertencimento da identidade Terena MT. A cor azul representa (coragem, firmeza, enfrentamento).

A atividade respeitou os valores culturais, essencial para aprendizagem de significados, onde o conhecimento tradicional caminha junto com a escolar.

O Grupo Resenha (Xumonó) foi feito para participar atividades do Patrono realizado no 2º semestre ano letivo de (2025).

Registro Cultural 5 – Grupo Hanaiti (Sukirikionó)



Fonte: fotografia particular do autor (2025)

Comentário pedagógico: A imagem feita apresenta o Grupo Hanaiti na semana do Patrono (2025), liderados por professores Antonino Reginaldo, Dalmir Jorge da Cruz e o autor deste relatório pedagógico. E também pelos professores colaboradores estagiários Eli Jorge Rondon Sobrinho e Jadatari Xipai.

A escolha da cor do grupo de trabalho foi vermelha, associando significativamente ao Sukirikionó (mediação, diplomacia, calma e espírito conciliador).

A atividade reforçou a identidade cultural Terena MT, favorecendo a importância das metades na formação do caráter e das relações sociais dentro do ambiente escolar.

ATIVIDADE 5 – GRAFISMOS TERENA MT

Objetivo: Compreender os significados da pintura corporal e as cores para o povo Terena de Mato Grosso.

Produções artísticas e significados Culturais

Grafismo 1 – Representação Xumonó



Fonte: Grafismo Terena MT produzida pela aluna Thaila Vitorino, 4º ciclo, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025)

Comentário pedagógico: Grafismo Terena MT, produzida no 2º semestre de 2025 pela aluna Thaila Vitorino estudante do 4º ciclo, ensino fundamental. A estudante representa um grafismo Terena de Mato, na cor azul. É, uma pintura corporal utilizada por nós nossos guerreiros e guerreiras Terena nas festas culturais aqui no estado de Mato Grosso, especialmente na *Semana Indígena Intercultural Terena MT*, mês de abril. A cor azul no fundo faz referência visual da metade Terena, Xumonó.

Grafismo 2 – Produção artística Xumonó

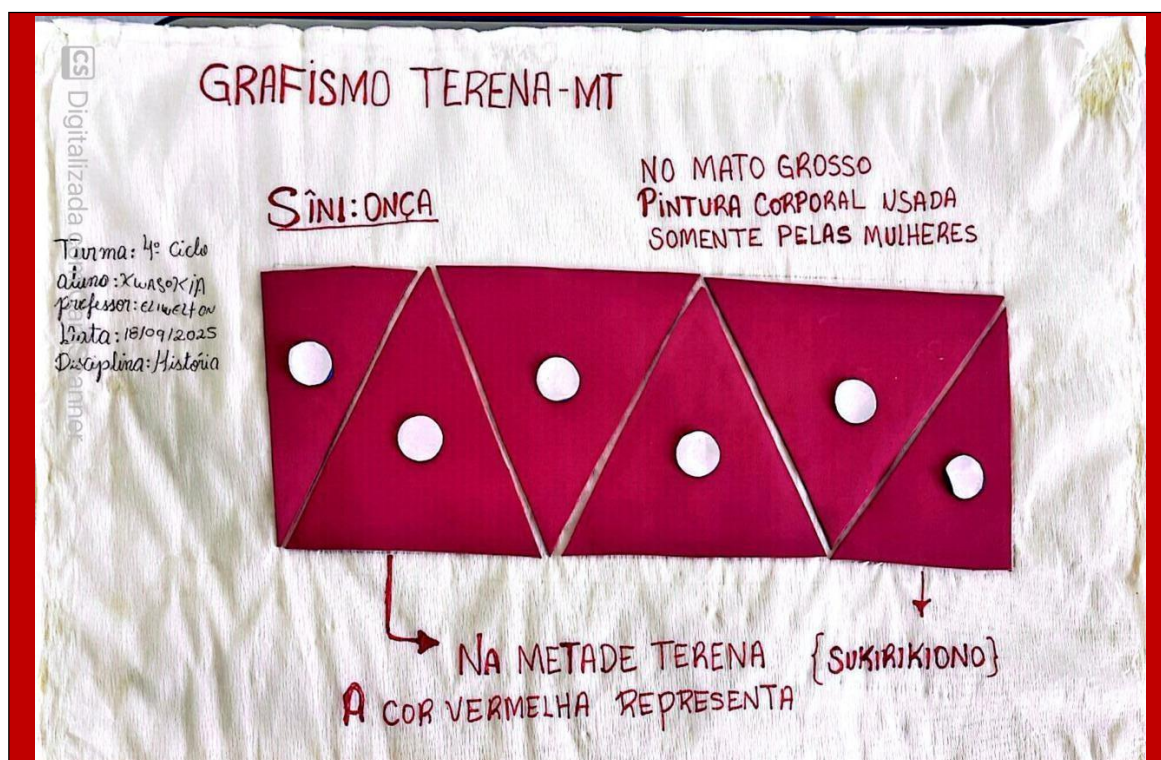


Fonte: Produção artística, grafismo na cor Xumonó produzida pela aluna Taila Rondon, 4º ciclo, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025).

Na imagem está a aluna Taila Rondon, aluna do 4º ciclo do ensino fundamental, 2º semestre ano letivo 2025, fazendo sua produção de desenho (grafismo) em sala de aula. Uma representação da pintura corporal Terena MT, na cor azul (Xumonó).

A característica do líder Cirênio Reginaldo, Xumonó é uma das metades comportamental Terena MT. O líder em tempos da reivindicação do território Terena MT, utilizou se muito de sua personalidade contra autoridades do governo em reuniões e encontro no bloqueio da rodovia BR – 163, a cor azul e preto representa muito sua originalidade o memorável cacique, grande Cirênio Reginaldo.

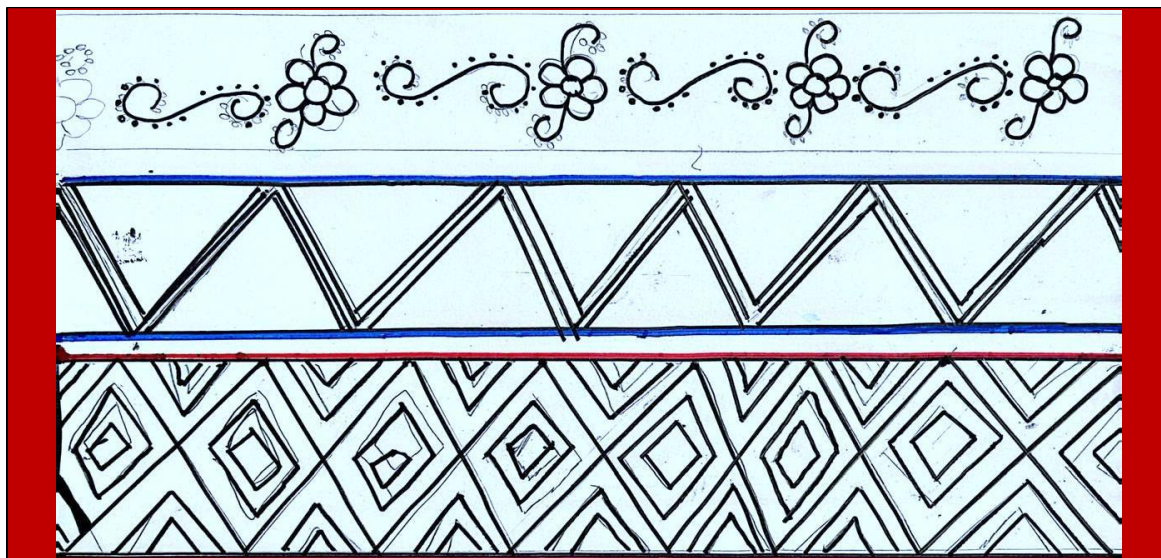
Grafismo 3 – Representação Sukirikionó



Fonte: Representação Sukirikionó produzida pelo aluno Kwasokia Panará, 4º ciclo, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025).

Comentário pedagógico: Desenho feito pelo aluno Kwasokia Panará, estudante do 4º ciclo, o fundo representa a cor vermelha (Sukirikionó). No formato de grafismo em específico do aluno vem destacando o círculo central, em nossas comunidades Terena do Norte, a pintura corporal somente é usada pelas mulheres (guerreiras). Para os guerreiros usar esse grafismo terá que remover o círculo do centro, e seguir com o desenho triangular.

Grafismo 4 – Tradição gráfica Terena MT (flor de maracujá, aldeias, danças)

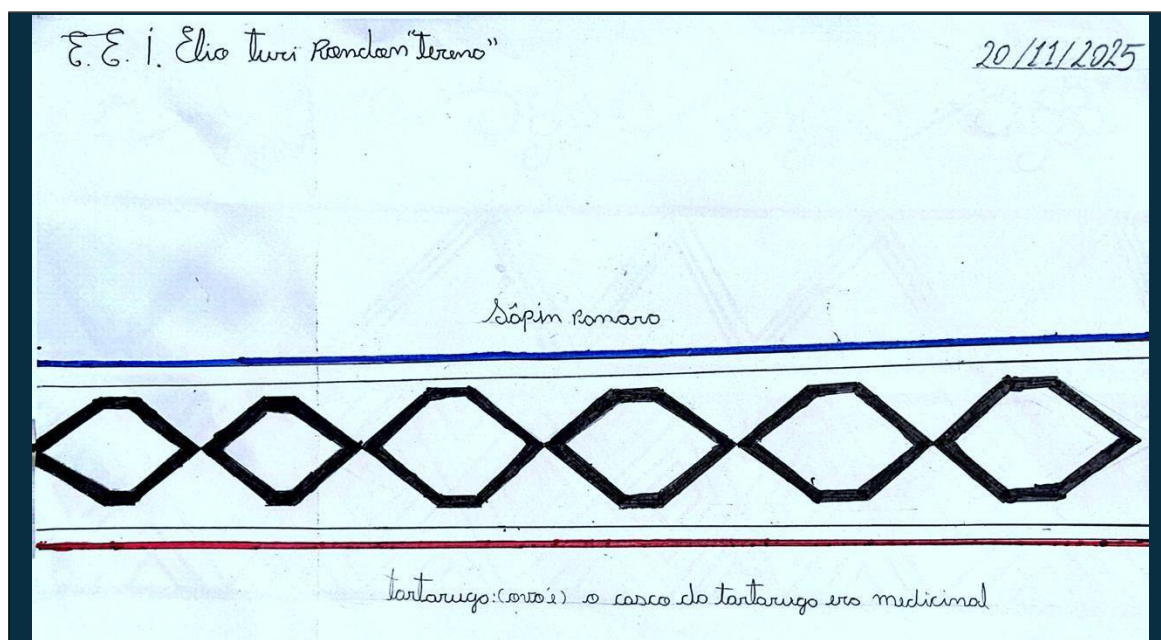


Fonte: Produção de grafismo pela aluna Isis Rafael, 2º ciclo, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025)

Comentário pedagógico: A cima vemos o desenho da aluna Isis Rafael, estudante do 2º ciclo ensino fundamental, feito no 2º semestre de 2025. O belíssimo trabalho faz referência a três grafismo Terena do Norte. A primeira na parte superior é a flor de Maracujá, pinturas utilizadas pelas mulheres na cerâmica, vestimentas femininas e pinturas corporais. No centro segundo o professor Antonino Reginaldo (2025) faz referência as nossas aldeias (casas) período do fechamento da rodovia em 1998 a 2002, grafismo usado nas vestimentas e pinturas corporais por guerreiros e guerreiras. Na parte inferior é um grafismo por Terena do Norte, é uma pintura corporal que pode ser usada por guerreiros e guerreiras. No entanto, é utilizada em mais vezes pelos guerreiros na dança cultural *kohixoti kipa'e*, dança da ema.

Nas bordas a aluna faz referência as cores das metades Xumono e Sukirikiono.

Grafismo 5 – Pintura corporal Ovo'e



Fonte: Grafismo produzido pelo aluno Sâpin Panará, 1º ano ensino médio, Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena (2025).

Comentário pedagógico: O desenho de Sâpin Panará, estudante do 1º ano do ensino médio aluno apresenta um grafismo encontrado no animal que vive no rio Iriri, território Terena de Mato Grosso, no casco da tartaruga/tracajá de água doce. O aluno demonstra que a inspiração para o grafismo o nosso povo Terena utiliza de seres vivos (animais) que habitam no território. A borda destacou as cores do Xumonó e Sukirikionó.

ATIVIDADE 6. AUTOANALISE DA MINHA FAMÍLIA XUMONÓ E SUKIRIKIONO.

Nessa parte os alunos puderam fazer uma autoavaliação, quem são os rígidos, ríspido e calmos, tranquilos na família. Conforme estudado os temperamentos dos caciques Terena MT, Milton Rondon e Cirênio Reginaldo.

Tabela Cultural 1 – A família Xumonó/Sukirikionó de Akene

Minha Família	
XUMONÓ	SUKIRIKIONÓ
Mãe, Lucineia	pai, ANTONINO
vó, MAIDA	tio, JONIS
tia, JUCI	tio, ALDAR
prima, SABRINA	vô, ANTONIO
eu, AKENE	tia, ELIZA
	prima, LAURA
	tia, HELENA
	prima, ELIZIANE

Fonte: Tabela realizada pela estudante Akene M. Jorge, 4º ciclo com base nos estudos sobre metades culturais Terena E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, 2025.

Comentário pedagógico: Acima a tabela cultural, família Xumonó e Sukirikionó de Akene Mileski Jorge, aluna do 4º ciclo, feita no 2º semestre de 2025. Conforme a compreensão da estudantes sobre os temperamentos de seus familiares, na oportunidade classificou na cor azul, os Xumonó e na cor vermelha os Sukirikionó.

Tabela Cultural 2 – A família Xumonó/Sukirikionó de Yasmim

XUMONO	SUKIRIKIONO
mãe, simples.	Tio, dalmir.
irmão, miguel.	Pai, glaucio alex.
tia, rida.	tio, valdinis.
Eu, dalmir.	Primo, rayhana.
irmão, isabella.	Primo, gustavo.
irmão, isadara.	Primo, vitória.
tia, estefany.	Primo, renata.
Primo, dani.	

Fonte: Tabela realizada por Yasmin Ares, turma 4º ciclo com base nos estudos sobre metades culturais Terena E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, 2º semestre, 2025.

Comentário pedagógico: A fotografia acima da tabela cultural familiar Xumonó e Sukirikionó aluna Yasmin Ares, turma do 4º ciclo, feita no 2º semestre de 2025. Conforme a compreensão da estudantes sobre os temperamentos de seus familiares, na oportunidade classificou na cor azul, os Xumonó (os familiares de temperamento mais rígido e ríspido e na cor vermelha os Sukirikionó, os que são mais calmos.

Tabela Cultural 3 – A família Xumonó/Sukirikionó de Kwasokia

XUMONO	SUKIRIKIONO
IRMÃO, Jai	Eu, KWASOXIA
tio, SAXIO	PAI, PESY
tio, PABYRI	PRIMO, PEDRO
	TIO, MOSY
	MÃE, JOTARO
	PRIMO, FAMOROSSO
	PRIMO, PANN

Fonte: Tabela realizada por Kwasokia Panará, turma 4º ciclo com base nos estudos sobre metades culturais Terena E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, 2º semestre, 2025.

Comentário pedagógico: Acima a tabela feita pelo estudante Kwasokia Panará aluno do 4º ciclo, em 2º semestre ano letivo de 2025. O desenho do aluno Kwasokia Panará apresentou sua família, características e personalidade Xumono e Sukirikion. Conforme seu entendimento nas aulas sobre as metades culturais Terena MT.

Tabela Cultural 4 – A família Xumono/Sukirikionó de Thayson

XUMONO	SUKIRIKIONO
irmã TAYLA	PAI ODEMILSON
irmão THAYSON	MAE FINE
irmã THAYNARA	irmão THAYSON
irmã TATIANE	irmão TIFANE

Fonte: Tabela realizada por Thayson Vitorino, turma 3º ciclo com base nos estudos sobre metades culturais Terena E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, 2025.

Comentário pedagógico: Tabela realizado pelo aluno Thayson Vitorino, estudante do 3º ciclo, feita na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, em 2º semestre, ano de 2025. O aluno produziu a tabela conforme após os estudos sobre metades culturais Terena MT. E, traz para dentro da tabela os pais e irmãos.

Tabela Cultural 5 – A família Xumono/Sukirikionó de Gustavo

Xûmono	Sukitikiomo
AVÓ - Virginia	Padrasto - Dalmir
mãe - Níce	irmão - Davi
Prima - Estefane	eu - Gustavo
irma - Nayara	irmão - Nauany
Prima - Yasmin	

Fonte: Tabela realizada por Gustavo Alcântara, turma 3º ciclo com base nos estudos sobre metades culturais Terena E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, 2025.

Comentário pedagógico: Tabela realizado pelo aluno Gustavo Alcântara, estudante do 3º ciclo, feita na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, em 2º semestre, ano de 2025.

O trabalho aqui apresentado foi desenvolvido a partir da pesquisa sobre *Lideranças Terena em Mato Grosso: Milton Rondon e Cirênio Reginaldo*, fundamentada em uma pesquisa documental, memória oral e práticas culturais do povo Terena de Mato Grosso. As atividades propostas foram leitura de documentos históricos, produção textual, teatro, grafismos, construção de linhas do tempo e identificação das metades culturais.

Considerações Finais

Acreditamos que as práticas foram eficazes para aproximar os estudantes da história, fortalecendo sentimento de pertencimento, do entendimento crítico sobre o processo de luta territorial Terena no estado de mato Grosso.

Ao longo da aplicação, observou-se o envolvimento dos alunos, o desenvolvimento da autonomia intelectual e a valorização dos conhecimentos tradicionais presentes na comunidade. As aulas possibilitaram a articulação entre escola, história local e identidade.

A organização deste relatório no ano de 2025 busca registrar e compartilhar a experiência pedagógica realizada na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena para que seja referência a outros professores que desejam trabalhar conteúdos históricos, culturais e documentais de maneira

contextualizada. Espera-se que este material contribua para fortalecer práticas educativas que valoriza a história, a cultura e modos próprios de aprender do povo Terena MT.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras tradicionalmente ocupadas**. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2010.

ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. **Metodologia do ensino de História e etnoconhecimento**: ciências sociais Cuiabá: VT Print, 2020. 36. p. (Caderno Pedagógico Intercultural, 2).

ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena, **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, 1949, p. 271-379.

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES INDÍGENAS RECANTO PONTAL. Ofício n.º 047. Rondonópolis-MT, 27 nov. 1998.

ATA DA ASSEMBLEIA ORDINÁRIA da Associação dos Trabalhadores Indígenas Recanto Pontal – **Povo Indígena Terena (ATIRPT)**. Aldeia Lago Azul, Rondonópolis-MT, 15 ago. 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, José D.'Assunção. **História, espaço e tempo**: interações necessárias. *Varia história*, v. 22, p. 460-475, 2006.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **Processos interculturais**: antropologia política do pluralismo cultural na América Latina. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria, Ladeira, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RECNEI** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

COMUNICADO. Documento administrativo institucional. Rondonópolis-MT, 23 ago. 2000.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Ofício n.º 261/PRESIDENTE. Brasília-DF, 28 jun. 2000.

ÍNDIOS ameaçam radicalizar. *Jornal de Hoje*. Rondonópolis-MT, 28 abr. 1999.

ÍNDIOS tentam garantir área. *Jornal de Hoje*. Rondonópolis-MT, 23 ago. 2000.

ÍNDIOS Terena conseguiram um prazo de 45 dias. *Jornal de Hoje*, ano I, ed. 19, p. 5A. Rondonópolis-MT, 04 maio 1999.

ISAAC, Paulo Augusto Mário. **Modo de existir Terena na comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso. 2004.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Mato Grosso, 2004.

MAMEDES, Misma Turi Rondon. **Educação ambiental popular indígena Terena: o pensar e o fazer retratado nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovoero**, Barra do Bugres, 2025.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais.** Cuiabá: Defanti, 2010.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. O ensino de História em Mato Grosso: uma análise das Orientações Curriculares. **História e Diversidade**, v. 5, n. 2, p. 18-18, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**; prefácio de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O dualismo Terena. **Revista do Museu Paulista**, v. 16, p. 255, 1966.

PEREIRA, Rosenildo. **História da Educação Escolar e Prática pedagógica Intercultural: Escola Estadual indígena Terena Komomoyea Kovoero (MT).** Barra do Bugres, 2023.

PHILIPPSEN, Neusa Inês; GABRIEL, Nilce Alcantara; DA LUZ, Jislaine. Língua Indígena Terena: da língua ancestral aos atuais processos de revitalização no norte de Mato Grosso. **EntreLetras**, v. 15, n. 1, p. 224-250, 2024.

PROJETO PATRONO ESCOLAR 2025. Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”. 2025.

RONDON, Eliwelton Ikodioka dos Santos (2022), **Os Xumono e Sukirikiono nas narrativas de lideranças Terena de Mato Grosso: possibilidades de ensinar a história e cultura Terena na educação escolar indígena**, Barra do Bugres.

RONDON, Micael Turi (2022) **História em Quadrinhos no Ensino de Língua Portuguesa na Escola Komomoyea Kovoêro–Terena MT.** Barra do Bugres.

SANTOS, Sílvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; GOMES, Nataniel dos Santos. O sistema de escrita em Terena: origem, organização e variantes. **Revista Philologus**, ano 22, n. 66, supl. Rio de Janeiro, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/66supl/0113.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie *et al.* Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

TERENA: VOZES DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA. Direção: Cleudson Moreira. Aldeia Kuxonety, Inamaty, Turipuku, Kopenoty. Filmagens: Alvair Gasparetto Junior. 2025. Documentário (2h33min).

TOILLIER, Jean Sebastian. Uma breve discussão sobre o uso da história oral e da pesquisa em um arquivo pessoal para a escrita de uma biografia. **Anais [...]** Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática – ENAPHEM, n. 7, 2024.

FUNAI aprova laudos sobre a Fazenda Tarumã. Jornal de Hoje. Rondonópolis-MT, 21 fev. 2001.

DENÚNCIA. Documento técnico-jurídico. Rondonópolis-MT, 29 mar. 2001.

COMUNIDADE TERENA DE RONDONÓPOLIS-MT. Ata de acordo/promissão. Rondonópolis-MT, 05 out. 2001. Formalizado por documento assinado pelas lideranças indígenas Terena em 13 out. 2001.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Portaria n.º 805/PRESIDENTE. Brasília-DF, 02 out. 2001.

FISCAIS e policiais são agredidos por índios. Jornal de Hoje. Rondonópolis-MT, 24 nov. 2001.

ESTADO DE MATO GROSSO. PODER JUDICIÁRIO. COMARCA DE RONDONÓPOLIS. Ata de reunião com os índios Terena. Rondonópolis-MT, 30 nov. 2001.

ESTADO DE MATO GROSSO. PODER JUDICIÁRIO. JUIZADO VOLANTE AMBIENTAL DE RONDONÓPOLIS. Documento oficial de registro. Rondonópolis-MT, 03 dez. 2001.

REPRESENTANTE Bororo critica atitude de Terenas. A Tribuna, p. A8. Rondonópolis-MT, out. 2002.

COMUNIDADE INDÍGENA TERENA-MT. Carta ao Excelentíssimo Presidente da República do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. Brasília-DF, 24 de [data incompleta]

JORGE, Antonino Reginaldo. Texto elaborado para a apresentação de teatro do Grupo Hanaiti, E. E. I. Elio Turi Rondon Terena, realizada em 27 de novembro de 2025. Documento não publicado, 2026.

REGINALDO, Cirenio Francisco. Entrevista oral concedida como consultor nativo na Aldeia Kuxonety, em 17 abr. 2025